

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**NOSSA SENHORA E O MORRO DA CONCEIÇÃO:
HISTÓRIA, IGREJA E COMUNIDADE CATÓLICA
EM ENCONTROS E DESENCONTROS.**

JAMERSON KEMPS GUSMÃO MOURA

RECIFE
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**NOSSA SENHORA E O MORRO DA CONCEIÇÃO:
HISTÓRIA, IGREJA E COMUNIDADE CATÓLICA
EM ENCONTROS E DESENCONTROS.**

JAMERSON KEMPS GUSMÃO MOURA

Orientadora: Prof^a.dr^a. Roberta Bivar Carneiro Campos.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

RECIFE
2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Moura, Jamerson Kemps Gusmão

Nossa senhora e o morro da Conceição: história, igreja e comunidade católica em encontros e desencontros / Jamerson Kemps Gusmão Moura. - Recife : O Autor, 2008.

140 folhas : il., fig., graf., tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2008.

Inclui : bibliografia e anexos.

1. Antropologia. 2. Religiosidade - História. 3. Nossa Senhora da Conceição. 4. Igreja Católica – Morro da Conceição. 5. Comunidades Cristãs. I. Título.

**39
390**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

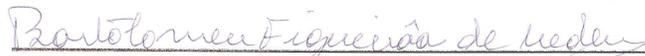
**UFPE
BCFCH2008/85**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

BANCA EXAMINADORA:



Professora Doutora ROBERTA BIVAR CARNEIRO CAMPOS
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Professor Doutor BARTOLOMEU FIGUEIROA DE MEDEIROS
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Professora Doutora MARISTELA OLIVEIRA DE ANDRADE
Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões/UFPE

Data da Defesa: 09/JUNHO/2008

RECIFE - 2008

Dedico esta dissertação ao meu avô,
Sr. Manoel Antonio de Moura e, em
homenagem póstuma, à Suzete Melo
Brasil, José Pereira de Almeida e Sr.
Paulo Fernando Estevam.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a minha família, suporte para tudo. Neste sentido, à minha mãe em especial, pois quando mais a temi – considerando o período no qual subjuguiei todo seu esforço de vida evitando frustrá-la – dela recebi o perdão e o apoio para enfrentar o momento mais difícil por qual passei. À minha irmã Kati que, mesmo que não me causasse surpresa reconhecer tanta energia e espiritualidade, me serviu como ponte na busca pela serenidade. À tia Maria do Carmo e ao meu pai João Moura. Em seguida, a Deus e a Nossa Senhora da Conceição por aqui poder estar.

À Lúcia Estevam, por seu amor, paciência e companheirismo em todos os aspectos.

Aos amigos; em especial, aos mais próximos, pois sabem que me dirijo a eles, lembrando Selma Borges e Hugo Menezes que, assim como minha irmã, trabalharam como anjos. A todos até aqui citados peço obrigado por tudo, por tudo!

Agradeço a CAPES, instituição financiadora desta pesquisa e que se demonstra preocupada com a valorização do ensino, pesquisa e extensão em nosso país, bem como, às funcionárias do PPGA: Ana, Regina, Míriam e Ademilda. Também quero agradecer a todos do Colégio Marista Nossa Sra. da Conceição e, em especial, às professoras Janete Rocha e Kátia França.

Agradeço a professora Marjo de Theije que promoveu o meu início e aprendizado na Antropologia, e a professora Roberta Campos, pelos momentos dedicados a minha orientação.

Agradeço a Amidala (Miminha) e Laleska (Lalinha) que de alguma maneira transmitiram-me sentimentos de paz, serenidade e harmonia. Neste sentido, agradeço aos artistas da música, companheiros nos momentos mais introspectivos, Bob Marley, Chico Buarque, Roberto Carlos, Racionais, Villa Lobos, Bach, Rachmaninoff, a banda Pink Floyd e, por fim, ao glorioso Sport Club do Recife, pelos títulos, glórias e felicidades.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado em Antropologia procura apresentar um perfil socioreligioso do estágio de convivência existente dentre os diversos grupos da Comunidade Católica do Morro da Conceição, situada na cidade do Recife, Pernambuco. Consideramos para a produção deste trabalho, a existência e importância de fatos históricos, aspectos políticos, socioreligiosos e simbólicos que formaram e continuam a participar do processo de constituição da sociabilidade dos fiéis católicos desta comunidade.

Identificamos este trabalho com a preocupação de entender como a representação da imagem de Nossa Senhora da Conceição junto aos seus fiéis católicos influencia na formação e identificação dos mesmos. Seria Ela apropriada de forma diferente pelos católicos? Até que ponto a representação da Santa da Conceição agrega ou desagrega seu rebanho de devotos? Haveria incompatibilidade entre os Seus fiéis, grupos e comunidades religiosas? Como os aspectos históricos e políticos que envolvem a comunidade agiram no processo de sua diversificação e convivência interna? Estas questões, dentre outras, norteiam a pesquisa no que tange nossas observações e reflexões.

Palavras-chave: Morro da Conceição; História, Hierarquia, Catolicismo e Socioreligiosidade.

ABSTRACT

The purpose of this research on Anthropology is to present a socio-religious profile of the mutual living stage among the various Catholic groups from Morro da Conceição, a district located in Recife, capital of the Brazilian state of Pernambuco. We took into account to the accomplishment of this master research the existence and importance of historical facts, as well as political, social-religious and symbolical aspects which formed and still make part on the process of identification of the Catholic followers of this community.

It is also part of this research the intent to understand to what extent the figure of the Saint *Nossa Senhora da Conceição* makes influence on the formation and identification of her followers as human beings. Would She be seen differently among the Catholics? To what extent the figure of the Saint would aggregate and disaggregate her devotes? There would be some kind of incompatibility among her followers, groups and religious communities? How would the historical and political aspects of the community act in the process of its internal diversification and mutual living? These and others questions guide this research in what concerns our observations and thoughts.

Keywords: Morro da Conceição; History, Hierarchy, Catholicism and Socio-religious.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
INTRODUÇÃO – Por um referencial teórico	
- Religião, Ciência e Sociedade.....	03
- Instituição Religiosa e Sociedade.....	06
- Secularização e Catolicismo.....	10
- Campo Religioso Brasileiro.....	12
- A Comunidade Estudada.....	16
METODOLOGIA – Da prática utilizada	
- Em Busca do Problema.....	19
- O Campo de Pesquisa.....	21
- Da Prática Metodológica.....	23
CAPÍTULO I:	
Recordando a História do Morro: o que deu início às tensões da comunidade católica?	
- Do Conhecimento Etnográfico.....	28
- A Declaração do Dogma e Início da Adoração.....	30
- Igreja e Comunidade – Suas Lideranças.....	34
- Breve Resumo da Trajetória de Pe. Reginaldo Veloso.....	43
- Breve Resumo da Trajetória de Pe. Josivan Sales.....	44
- Breve Cronologia dos Acontecimentos que Envolvem o Afastamento.....	44
CAPÍTULO II:	
A comunidade católica do Morro da Conceição: A Santa, Sua Igreja, padres e grupos.	
- Os Pólos de Vivência Católica.....	47
- Padres e Leigos.....	50
- Os grupos e suas Atividades.....	58
- Grupos do Primeiro Pólo.....	61
1. Apostolado da Divina Misericórdia.....	61
2. Apostolado da Oração.....	63
3. Legião de Maria.....	64
4. Vicentinos.....	65

5. Terço dos Homens.....	66
6. Renovação Carismática Católica.....	68
- O Grupo do Segundo Pólo.....	71
1. Igreja de Resistência e Fé.....	71
- A Consideração de um Terceiro Pólo.....	78
CAPÍTULO III:	
Será mesmo de Nossa Senhora, o Morro da Conceição? Um entendimento simbólico-hierárquico sobre a relação entre Igreja Católica e fiéis.....	
	83
- Construções, Reformas e Contra-Reformas.....	85
- Pela Construção do Santuário (novamente).....	90
CAPÍTULO IV:	
A Festa de Nossa Senhora da Conceição: devoção e tensões socioreligiosas.	
- Dirigindo-se ao Fenômeno.....	97
- “A Festa do Morro”. Por uma Descrição Etnográfica da Festa da Conceição.....	101
- O Período da Novena.....	104
- Enquanto uns Sobem, Outros Descem - Na Descida, o Profano.....	107
- Das Percepções Sensoriais.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
BIBLIOGRAFIA.....	117
ANEXOS.....	125
- Imagens.....	128
- Gráficos e Tabelas resultantes do Programa SPSS	
· Gráfico 1: Relação entre Grupos e Ocupação Remunerada.....	133
· Tabela 1: Composição dos Grupos quanto a Faixa Etária	
· Gráfico 2: Relação entre Grupos e Estado Civil.....	134
· Tabela 2: Relação da Participação Geral em Grupos com a variável Gênero	
· Gráfico 3: Relação da Participação Geral em Grupos com a variável Gênero.....	135
· Tabela 3: Relação entre a Participação em Grupos com Nível de Escolaridade	
· Tabela 4: Relação entre a Participação em Grupos com Habitação no Morro.....	136
· Gráfico 4: Relação entre a Participação em Grupos com Habitação no Morro.....	137
- Entrevistas (roteiro).....	138
- Questionários submetidos ao SPSS (modelo).....	139
- Organograma da Paróquia (Igreja Oficial).....	140

*“There’s someone in my head
but is not me!!”*

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado em Antropologia procura apresentar um perfil socioreligioso do estágio de convivência existente dentre os diversos grupos da Comunidade Católica do Morro da Conceição, situada na cidade do Recife, Pernambuco. Consideramos para a produção deste trabalho, a existência e importância de fatos históricos, aspectos políticos, socioreligiosos e simbólicos que formaram e continuam a participar do processo de constituição da sociabilidade dos fiéis católicos desta comunidade.

Identificamos este trabalho com a preocupação de entender como a representação da imagem de Nossa Senhora da Conceição, junto aos seus fiéis católicos, influencia na formação e identificação dos mesmos. Seria ela apropriada de forma diferente pelos católicos? Até que ponto a Santa da Conceição agrega ou desagrega seu rebanho de devotos? Haveria incompatibilidade entre os Seus fiéis, grupos e comunidades religiosas? Como os aspectos históricos e políticos que envolvem a comunidade agiram no processo de sua diversificação e convivência interna? Essas questões, dentre outras, irão nortear nossa pesquisa no que tange nossas observações e reflexões.

Na introdução do trabalho, procuramos desenvolver uma revisão bibliográfica dos estudos existentes acerca da religião, bem como a relação desta com a ciência e sociedades nas quais a religião está inserida, considerando, em específico, as características da Igreja Católica e as transformações pelas quais a religião e o Catolicismo passaram no transcorrer do tempo.

No primeiro capítulo, procuramos apresentar quais foram as práticas, estratégias e técnicas utilizadas em nossa metodologia de trabalho, continuando a inserir o leitor em nosso campo de estudo a partir da apresentação da comunidade do Morro da Conceição.

O capítulo seguinte caracteriza-se pelo aspecto de resgate histórico dado ao mesmo. Procuramos envolver nosso leitor em toda a complexidade histórica de tal processo, apresentando como se deu a formação social e urbana da comunidade a partir da chegada da imagem da Santa da Conceição, passando pelas construções dos prédios da Igreja e seus conflitos, bem como, situando a comunidade nas mudanças teológicas pelas quais a Arquidiocese de Olinda e Recife passou a partir do Concílio Vaticano II e a administração dos arcebispos: dom Luís Raimundo da Silva Brito (1901-1915), dom Hélder Câmara (1964-1984) e dom José Cardoso Sobrinho (1985-2008), que foram escolhidos para realização deste trabalho por duas razões específicas: No caso de dom Luís, por ter sido ele, o responsável pela encomenda e recepção da imagem, bem como, da construção do primeiro prédio religioso no local, conhecido como Torre. Com relação aos dois últimos arcebispos, acreditamos que, devido as suas características pessoais antagônicas, dom Hélder e dom José são importantes elementos de análise para a compreensão dos variados e particulares acontecimentos que envolvem a comunidade em estudo.

Após a reprodução destes aspectos introdutórios, identificamos no capítulo terceiro, quem de fato compõe a Comunidade Católica do Morro da Conceição, apresentado sua Santa, sua Igreja, suas lideranças religiosas, seus fiéis e grupos, classificando-os no que consideramos serem os três pólos de vivência católica do morro, que seriam: 1) aquele que está ligado à igreja oficial e seus representantes, padre Josivan Sales e dom José Cardoso Sobrinho; 2) o que está ligado à igreja formada pelo ex-pároco, padre Reginaldo Veloso e seus seguidores; 3) o pólo que se identifica com as práticas do chamado “Catolicismo Popular”, dada a característica autônoma de devoção de seus fiéis para com a Santa da Conceição e que os torna independentes em relação às lideranças religiosas dos dois primeiros pólos.

No penúltimo capítulo, aprofundamos a discussão inicial sobre os conflitos e querelas simbólicas envolvidas na representação de Nossa Senhora da Conceição e procuramos entendê-las dentro de um contexto de disputa simbólica e hierárquica existente entre os representantes dos três pólos de vivência católica.

Finalmente, e não obstante a importância representativa da Festa de Nossa Senhora da Conceição, desenvolvemos o último capítulo apresentando uma breve descrição etnográfica dessa imponente celebração que ocorre anualmente, entre os dias 29 de novembro e 08 de dezembro, procurando identificar como as tensões, conflitos, disputas e arranjos em torno da Santa se refletem durante o evento e em sua preparação, identificando a delimitação simbólica dos territórios de convivência entre os três pólos citados.

INTRODUÇÃO

Por um referencial teórico

- Religião, ciência e sociedade.

O estudo da religião dentro das ciências sociais há muito nos remete a análises que procuram entender comportamentos humanos. Como entender, por exemplo, que homens se encontrem sob o forte sol do meio-dia, no Oriente Médio, rezando para aquilo que consideram como Deus, mas que, no entanto, é representado por um muro? E no Brasil, considerando a influência histórica do Catolicismo, como entender a convivência de católicos com fiéis de outras crenças e denominações religiosas? A religião os afastaria ou os aproximaria?

Teorias científicas tentaram trazer à luz o entendimento dessas ações. Bronislaw Malinowski (1984) argumentou que a religião surge das tragédias reais da vida humana, do conflito entre os anseios humanos e a realidade. Para Clifford Geertz,

a religião é uma perspectiva, uma organização cognitiva do mundo, entre outras possíveis (senso comum, ciência e estética), expressa em práticas e um conjunto de símbolos que dão sentido à existência e alivia o sofrimento (1989:52).

Ainda se referindo aos estudos sobre religião, procura o antropólogo norte-americano, em um de seus recentes artigos intitulado de “*O Futuro das Religiões*” (Geertz, 2006), nos encaminhar para um processo de análise mais específica da relação existente entre sociedades e religiões, ressaltando que

enquanto se desenrola a história política explosiva do século nascente, o desdobramento mais notável – e o mais surpreendente – que as ciências sociais se vêem obrigadas a enfrentar na cena mundial é com certeza aquilo que se usa denominar, muitas vezes erroneamente, como o “retorno da religião”. Erroneamente porque na verdade a religião nunca desapareceu – foi a atenção das ciências sociais que se desviou a outros campos enquanto estiveram dominadas por uma série de pressupostos evolutivos que consideravam o compromisso com a religião uma força em declínio na sociedade, um resíduo de tradições passadas inexoravelmente erodido pelos quatro cavaleiros da modernidade: secularismo, nacionalismo, racionalização e globalização (2006:01).

Lembrando um dos cavaleiros da modernidade, temos a globalização como elemento dissipador da concepção estruturante de sociedade. Em trabalho realizado sobre globalização e diversidade religiosa, Rita Laura Segato (1997) lembra que uma das primeiras preocupações do cientista social deve partir da consideração e definição dos conceitos de global e local, observando que as forças estruturantes podem condicionar diversas expressões de caráter cultural e que estas podem responder às exigências da primeira. Ao analisar o envolvimento de comunidades religiosas com a resistência das diversidades locais, a autora atenta para o fato de que

estamos no campo de uma diversidade horizontal desenhada pela coexistência de coletividades diversas. Lealdades estabelecidas a partir de clivagens sociais que configuram a natureza plural das sociedades contemporâneas. É nesta escala que se tornam visível e observável a presença das comunidades religiosas cujos credos, apesar de transladar-se em percursos transnacionais, enraízam-se localmente, criando-se em âmbito nacional e local (1997:225).

Dentre as ciências, encontramos na Psicologia, e principalmente na Psicanálise, tentativas de entender o fenômeno religioso. Estudiosos dessas ciências procuraram tomar como leitura mais sólida e apropriada o estudo da mitologia do sagrado. Nesse sentido, observamos que a concepção, em nossos dias, de mitologia (coleção de histórias baseada em mitos criados pelo homem) correspondeu para o povo grego, por exemplo, à religião. Por conseguinte, correlacionando a mitologia grega ao catolicismo, temos que Jesus Cristo ainda hoje é considerado como a representação do Deus vivo na concepção de todos os cristãos. Posto isso, poderíamos nos perguntar: caso conseguíssemos incorporar todos os valores cristãos, não se tornaria o próprio Cristo um mito histórico? (Leach, 1983).

Para uma melhor compreensão do fenômeno, devemos considerar que os rituais religiosos são instrumentos que dão margem a uma forma de comunicação, algo que a ciência antropológica já sustentava há algum tempo. Essa idéia foi ainda mais aperfeiçoada tomando-

se de empréstimo o trabalho dos etnólogos que salientavam o fato de muitas espécies apresentarem um comportamento padronizado de cultura. Esse procedimento foi chamado de ritual, e estes são instrumentos de comunicação utilizados pelo homem entre os membros de uma etnia ou grupo social (Durkheim, 2003). Ainda sobre os rituais, podemos dizer que servem como atenuantes contra o eterno medo da morte; sobre a definição pessoal quanto a que lado lutar no eterno conflito entre o bem e o mal; bem como, para responder a perguntas clássicas como: quem somos, de onde viemos e para onde vamos? Considere-se também a afirmação de Durkheim, onde aquele que tem fé pode mais (idem, 279).

Na Sociologia, porém, a religião se torna objeto porque desempenha funções sociais a partir da compreensão do ser, do indivíduo. Antonio Gramsci afirmara:

O mal está no interior do homem, existe em cada homem, por assim dizer, um Caim e um Abel, que lutam entre si: é preciso, se quer eliminar o mal do mundo, que cada um vença o Caim que tem em si e faça com que triunfe o Abel: o problema do 'mal', portanto, não é político, ou econômico-social, mas 'moral' ou 'moralista'. De nada vale modificar o mundo exterior, o conjunto das relações: o que importa é o problema individual moral. (1978:322).

De um outro lado, a ciência sabe que não pode definir, desde sempre e para sempre, o que é verdadeiro, mesmo que o que chamamos de totalitarismo da ilusão religiosa, seja neutralizado pelo método científico. Todavia, ressalvamos que a prática antropológica é sempre permeável de circunstâncias e ajustamentos que estão além do empirismo como bem sabem nossos pares. O homem concebe o sagrado porque só este pode dar um mínimo de sentido ao milagre. Se o indivíduo não sabe nem tem como explicar a miraculosa propriedade do que lhe acontece em torno de criações, recriações e transformações, só um Deus ou, posteriormente, uma instituição religiosa, poderiam explicar a quem ou ao quê recorrer com o objetivo de entender o que se passa no terreno da recriação permanente do mundo.

Observemos que, mesmo que ainda de forma incipiente, Claude Lévi-Strauss (1986) afirmara que a religião seria apenas a expressão da relação de distância que separa o que conhecemos do que ainda não conhecemos ou poderemos conhecer.

- Instituição religiosa e sociedade.

Permitindo-nos a uma breve análise sobre a sociedade ocidental, encontramos no autor Louis Dumont (2000), um importante trabalho no qual o mesmo correlaciona diferentes sociedades e encontra problemas na idéia de consciência coletiva. Para ele, essa idéia de consciência funciona como um provedor de mudanças e interferências na sociedade, explicando que o social está presente no espírito humano e também afirmando que o individualismo é uma criação da própria sociedade. Existiria ainda, entre nós, um processo organizacional que envolve o conceito de hierarquia, processo presente nas sociedades modernas e que para Dumont é uma idéia universal. Desnaturalizando a idéia de indivíduo, o autor leva-nos a refletir sobre os aspectos reguladores de sociedades e suas instituições, em específico, aquelas com finalidades religiosas, servindo-nos como aporte na tentativa de melhor entender como se daria a relação entre indivíduo-sociedade e reguladores sociais no campo de investigação por nós trabalhado nesta dissertação.

Para melhor conceituar seu argumento, Louis Dumont se vale de uma estratégia de análise que considera a existência de uma unidade humana onde, para se analisar a sociedade universal, precisar-se-ia analisar o particular, o micro e sua diversidade (2000:238). Seria assim, apenas através deste processo, que se garantiria o necessário olhar antropológico sobre a sociedade. Explica:

No tipo moderno de cultura, basicamente, o valor está mais ligado ao indivíduo, estando a Filosofia mais voltada aos valores individuais em contrapartida à Antropologia, que se voltaria mais aos valores sociais (...).

Valor designa algo diferente do ser, algo que, distinto da verdade científica, que é universal, varia muito com o meio social e até no seio de uma sociedade dada não só com as classes sociais, mas também com os diferentes setores de atividades e experiência (2000:240-41).

Podemos identificar a necessidade de desmistificar a idéia ocidental e moderna de individualismo como um dos eixos de análise deste estudo, pois, na sociedade analisada, as idéias de igualdade e liberdade focam-se no indivíduo, havendo assim, uma superioridade deste segundo elemento em relação ao primeiro (a sociedade e seus órgãos reguladores) – este, mais adiante será analisado – considerando-se as transformações das sociedades modernas e o seu conseqüente processo de secularização.

Percebemos que a relação existente entre praticantes de uma religião e instituição reguladora, também foi pensada por estudiosos que viram no processo de modernização social um iminente processo de secularização da sociedade - como avaliaram as pesquisadoras Daniele Hervieu-Léger (1997) e Cecília Mariz (2006). Em um momento anterior, defendeu-se a idéia de que com a modernidade, os indivíduos passariam de um estágio de submissão - àquilo que é tido como desconhecido, sobrenatural e sagrado - para um estágio de autonomia e controle de suas ações mundanas. Pensava-se que, com o desenvolvimento dos meios de comunicação e da produção científica, poder-se-ia obter uma formação social que levasse os indivíduos de maneira geral a um estágio de independência religiosa e institucional.

Obviamente, não há como negar as transformações sociais pelas quais vem passando a humanidade, em específico, desde o século XIX. As revoluções industrial, científica e tecnológica têm impulsionado cada vez mais as transformações sócio-urbanas de nossas grandes cidades. Deparamo-nos com um contexto diferenciado, haja vista a massificação do estilo de vida urbano que faz com que o indivíduo depare-se com problemas psicossociais relacionados à perda de referenciais simbólicos que, em um outro momento, remetiam a um estilo de vida diferente e saudosista (Gusmão, 2005). Assim, a secularização, utilizando-se do

uso de uma noção weberiana, faz emergir na vida do indivíduo uma crise de sentido não antes vivida.

Como define Peter Berger (1985), a experiência religiosa desempenha um importante papel seja como fator de integração social, seja como direcionamento de vida. Contudo, na contramão desse processo, também passou a ser observado um conjunto de realizações, modificações e fortalecimentos daquilo que pode ser chamado como prática religiosa. Ora, como negar o surgimento de dezenas de instituições que se propõem religiosas? Como negar a revitalização de denominações religiosas centenárias frente às mudanças psicossociais de seus fiéis? E ainda, como se analisar o nível de autonomia atingido pelos indivíduos que procuram se utilizar de instrumentos próprios para o estabelecimento de meios de comunicação divinal particulares?

Em alguns de seus trabalhos, Berger (1985; 2001) analisa e termina por reavaliar sua tese sobre o processo de secularização na sociedade moderna, uma vez que este aspecto não deve ser predominante em relação a outros fatores, como destaca Cecília Mariz (2001). Segundo o autor, há equívocos na teoria da secularização. Para ele, a idéia de modernidade, aquela advinda do Iluminismo¹, não deve ser tomada como regra ou condição essencial para o processo de formação de uma secularização uniforme, pois não se pode afirmar que vivemos em um mundo secularizado, uma vez que o mundo de hoje é tão religioso quanto antes (Berger, 2001).

A secularização a nível societal não está necessariamente vinculada à secularização no nível de consciência individual. Algumas instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes, levando a grandes explosões de fervor religioso (2001:10).

¹ É importante observar que o autor trabalha com o intuito de revisar um conceito específico de secularização - aquele que se refere aos trabalhos defendidos nos anos 1950 e 1960 e que se ligam diretamente aos conceitos mais fortemente difundidos pelo Iluminismo no século XVIII, seguindo ideais de racionalização da humanidade - em contrapartida ao que o próprio teórico defendeu em outros trabalhos sobre o mesmo tema a partir da análise dos trabalhos de Émile Durkheim. Ver, GUERRA, Lemuel (2002).

Como destacamos acima, a pesquisadora Cecília Mariz, em consonância com a releitura conceitual feita por Berger, analisou o que estava sendo proposto pelo teórico norte-americano, podendo constatar que,

na verdade, o estudioso em questão preocupa-se em esclarecer que a modernidade trouxe sim, mudanças significativas no modo de viver a religião, mas lembra também, que estas transformações se desenvolveram de formas diferentes, pois, paralelo ao enfraquecimento institucional presenciado em alguns locais, também se observava o que o autor chama de novas formas institucionais de prática religiosa, e às vezes, grandes explosões de fervor religioso (2001:26).

Ainda sobre a idéia de secularização, encontramos em Daniele Hervieu-Léger uma outra análise sobre religião e sociedade. No texto: *“Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?”* (1997), preocupa-se a autora em não só entender a religião como instrumento simbólico da verdade, mas também, melhor analisar a categoria secularização, pois, os processos sociais pelos quais vêm passando a humanidade remetem os indivíduos e o mundo moderno a uma perda de unidade e sentido que lhes conferiam o fato de serem tidos como o reflexo de um cosmos sagrado. Segundo Hervieu-Léger, esta crise relacional entre modernidade e religião foi por muito tempo analisada e discutida, em debates extremamente passionais promovidos por Max Weber, Talcott Parsons e Peter Berger - e que Marc Henri Paillet já havia classificado como um *“campo de investigação do religioso que parece estar se reconstruindo a partir da renovação de crenças e de pertencimentos religiosos sobre as quais já se tinha enunciado, precipitadamente, aliás, o desencantamento”* (2003:365). No entanto, a preocupação maior da estudiosa seria o de promover uma revisão do que realmente se pretende por conceito de secularização, almejando encontrar um melhor caminho para a construção de uma sociologia da modernidade religiosa.

Uma perspectiva mais interessante, do ponto de vista da construção de uma sociologia da modernidade religiosa, talvez consista mais em apreender, no interior da própria tensão que manifesta entre as 'tendências dessecularizantes' e as 'tendências secularizantes' ativamente presentes, juntas, nas experiências de renovação emocional, algo da natureza intrinsecamente contraditória do próprio processo de secularização (...) entendendo que esta tensão entre modernidade e antimodernidade, existente no seio das comunidades emocionais, revela-se de muito significativo na relação ambivalente que os novos movimentos religiosos cristãos mantêm com a tradição das igrejas e confissões no espaço das quais se inscrevem. Por um lado, participam do 'espontaneísmo religioso' que corresponde perfeitamente à temática da subjetividade que vem nutrindo a cultura moderna do indivíduo. Este espontaneísmo introduz elementos de ruptura com o conjunto das crenças, das doutrinas, dos saberes, das normas e das práticas obrigatórias que a própria instituição define como sendo o corpo da Tradição, cuja integridade ela preserva e cujas apropriações ela controla. É nesta direção que se pode considerar que estes fenômenos contribuem para o processo de desregulação institucional que acompanha o movimento geral da secularização (1997:44-5).

- Secularização e Catolicismo

Dentre as variadas religiões que podem ser estudadas pelo cientista social, eis que sempre encontraremos na religião cristã uma inesgotável fonte de análises. Focando o cristianismo ocidental, verificamos que o século XX ficou marcado por uma efervescência sociocultural que em muito modificou a relação entre indivíduos e religião. No caso brasileiro, passamos pela preponderância de um catolicismo hegemônico para a proliferação e difusão de outras denominações religiosas ou ainda, para a afirmação dos que se identificam como sem-religião². O Cristianismo sempre ocupou um importante espaço na formação cultural da sociedade ocidental. No caso brasileiro, a Igreja Católica serviu de instrumento para afirmação de um modelo social imposto e ainda ocupa um espaço de destaque dentre as demais religiões. Percebemos que o catolicismo passou por um importante período de sua história, não só no contexto mundial, mas também no caso específico brasileiro, quando na

² Comparando dados quantitativos temos que em 1940, 95,2% da população se declaravam católica. Já com base no Censo de 1970, encontrávamos um percentual em torno dos 92%. Em 1991, o percentual caiu vertiginosamente para 83,3% da população e em 2000 identifica-se 73,8% da população brasileira como católica.

década de 1960, aconteceu o Concílio Vaticano II³. Considerando aspectos culturais da sociedade brasileira, observa-se a forte influência que o catolicismo exerce quando de sua inserção no cotidiano dos fiéis como de suas paróquias, modificando, diretamente, o tipo de relações sociais entre esses elementos. Percebe-se também que o transcorrer dessa relação não se dá por uma via de mão única e que características de várias outras formas de praticar o catolicismo podem ser observadas entre os grupos que o adotam como religião.

Todo esse cenário de mudanças foi muito estudado pelos cientistas sociais brasileiros, e a partir desses estudos, podemos apontar para aquelas que seriam as principais características do cenário religioso brasileiro, dentre elas: 1ª) conflitos entre o processo de secularização frente ao fortalecimento da adoração religiosa individual ou por intermédio institucional; 2ª) um viés de pluralidade religiosa diante do declínio de uma religião hegemônica; 3ª) um sincretismo religioso muitas vezes propagado como harmônico, mas que tem gerado diferentes interpretações.

Quanto à característica sincrética das formas de religiosidade brasileira, lembramos que não cabe neste trabalho um maior aprofundamento do tema - mesmo que facilmente pudéssemos encontrar vasto campo de investigação na comunidade por nós estudada - contudo, vale ressaltar os trabalhos já produzidos por Pierre Sanchis (1994; 2002), Cecília Mariz (2002), Maristela Andrade (2002), Patrícia Birman (2002), Ronaldo Almeida (1996), Roberto Motta (1992) e Carlos Rodrigues Brandão (1992), entre outros, que apontam para iniciativas de se entender como o catolicismo ‘hegemônico brasileiro’ sempre esteve imbricado de outras devoções.

No que se refere ao conflito existente frente ao processo de secularização da sociedade ocidental, acreditamos termos introduzido nosso leitor nessa discussão,

³ Como observou Reginaldo Prandi (1997:30), “esse processo de um lado significou importante passo na direção de uma elaboração teológica para os problemas sociais, a Teologia da Libertação; de outro, formou a trilha mais conservadora que veio a dar na Renovação Carismática”.

considerando sua importância para a formação de um contexto sociocultural e urbano bastante diferenciado no século XX. Diante dessas considerações e ressalvas, passemos a analisar o perfil da religiosidade brasileira: suas mudanças, pluralidade e especificidade.

- Campo religioso brasileiro

A par de uma oferta religiosa mais diversificada, estamos vendo formar-se em nossa terra um contingente cada vez mais numeroso de desencaixados de qualquer religião, desfilados de toda instituição religiosa, desligados de toda e qualquer autoridade religiosamente constituída, e essa é a melhor parte da história (Pierucci, 2004:17).

Em estudos recentes, Antonio Flávio Pierucci preocupou-se em entender como os efeitos da modernidade e secularização poderiam de fato transformar o cenário religioso brasileiro. Constatou inicialmente que, diante de tais mudanças sociais, foi o catolicismo que saiu como maior perdedor dentro do processo, pois, tal religião, viu sua hegemonia eclesiástica ceder espaço não só para o culto a outras denominações, como também, presenciou o crescimento de uma parcela da população que se dirigia não só para uma experiência ritualística individualizada, mas também, para a autodeclaração de não necessitar de algum tipo de prática religiosa.

Em seus trabalhos, o autor afirma que ao se pensar em desenvolver uma sociologia da religião brasileira, a mesma não pode deixar de ocorrer sem considerar o declínio da religião católica. Situada com o que ocorria de transformações sociais no mundo, a academia brasileira procurou, mais especificamente nas décadas de 1950 e 1960, desenvolver uma leitura revisionista do que já havia sido realizado. Esse revisionismo terminou por consagrar-se na década de 1970, quando se deixou de estudar tão somente o catolicismo como religião oficial brasileira e consideraram-se outras perspectivas de estudo. Baseado no trabalho de Procópio Camargo (1973), o autor considerou que

a sociologia da religião no Brasil (...) desde o início, teve que ser posta em termos não simples. Secularização sim, mas com mobilização religiosa acrescida. Efervescência religiosa sim, mas por causa do aprofundamento da secularização (2004:21).

Sobre a temática proposta, as pesquisadoras Cecília Mariz e Maria das Dores Machado reafirmam a identificação de duas tendências que marcam o processo de transformação da religião no Brasil. Estas tendências se referem ao crescimento de pentecostais e daqueles que se identificam como sem religião, conforme já destacamos. Contudo, vale salientar que, em seus trabalhos, as pesquisadoras preocuparam-se em revelar algumas das estratégias utilizadas pelas instituições religiosas tradicionais no intuito de promover uma maior institucionalização de suas ações, ou até mesmo, um resgate desse controle frente às mudanças sociais vigentes.

O debate que busca relacionar a globalização com a cultura e, em particular com a religião, tem apontado não só para a 'banalização das fronteiras religiosas', como também para um reforço à tendência de privatização das escolhas religiosas com a correspondente secularização do espaço público. Estes dois processos são inter-relacionados. Se, por um lado, percebe-se esta 'banalização das fronteiras' na crescente dificuldade, por parte das religiões tradicionais, em regular e manter seus adeptos dentro dos 'limites seguros e estáveis de seus sistemas de crenças', por outro, esta se explica pela crescente subjetivação da religião. O indivíduo não mais atribui autoridade a uma instituição para limitar ou definir o conteúdo de suas crenças. O pluralismo religioso é, assim, reforçado, mas ganha um caráter distinto desde que o papel da instituição é enfraquecido (1998:37).

Uma das principais preocupações de nossas autoras foi entender como pentecostais e católicos se apropriaram de estratégias que pudessem condicioná-los diante do novo quadro de religiosidade apresentado no Brasil. Observaram que, no caso dos católicos, o levantar de uma bandeira que apontava para a necessidade de ligação de seus fiéis a uma instituição pareceu ser o melhor argumento frente aos processos iminentes de secularização e divisão de fiéis. Nesse caso, o que se viu foi o fortalecimento de alguns dos grupos de leigos que serviram como instrumentos fundamentais para tal retomada, *“pois a queda evidente na*

proporção de católicos parece estar sendo acompanhada por um relativo reavivamento religioso, e mais ainda por uma intensificação da diversidade na experiência de ser católico” (Mariz, 2006:53).

Propondo-se a uma revisão do que já foi trabalho com o catolicismo, Mariz analisa o trabalho de Lemuel Guerra (2000; 2003), onde o mesmo apostaria na teoria do reavivamento com base nos trabalhos de Rodney Stark e Lawrence Iannaccone (1994), uma vez que, esses criticaram a teoria de mercado religioso proposta por Peter Berger (1985) que, por sua vez, não se preocupou em explicar o que poderia ser considerado como aumento da mobilização religiosa frente aos processos decorrentes da modernidade.

O modelo de Berger sugeria que a maior pluralização estaria relacionada com a secularização e menor religiosidade. No paradigma do mercado religioso de Stark e Iannaccone se argumenta que a competitividade criada por uma situação de pluralismo religioso fomentaria a participação confessional, ou seja, maior mobilização religiosa (2006:55).

Diante desse quadro de novas formações, onde religião e modernidade se tensionam, sem exclusão, e às vezes, com reforço do religioso, qual seria o formato desse novo perfil católico brasileiro? Pesquisas recentes vêm apontando para o que já foi levantado neste trabalho e indicam para uma diversidade de práticas religiosas dentro do próprio catolicismo. Faustino Teixeira (2005) parte para uma classificação que condicionaria o catolicismo como: 1) santorial; 2) erudito ou oficial; 3) o dos reafiliados, marcado pela inserção em um ‘regime forte’ (CEB’s, RCC, etc.); e 4) um midiático emergencial.

Neste sentido, considerando o trabalho realizado por Cecília Mariz, constatamos a existência de pelo menos dois pólos de prática católica que podem, por vez, englobar a classificação anterior:

Por um lado, não somente continua forte um catolicismo popular autônomo expresso em festas tradicionais variadas, devoções aos santos com práticas de estilos mágicos (...) por outro, a própria hierarquia tem proposto discursos e práticas diversas, e por vezes discordantes, através de suas

distintas 'campanhas culturais', como foram os casos da Teologia da Libertação e da Renovação Carismática (2006:56).

Essas duas formas de atuar do catolicismo brasileiro apontadas por Cecília Mariz, remetem-nos diretamente ao que passamos a identificar como os pólos de vivência católica presentes na comunidade do Morro da Conceição. Como veremos, no decorrer desta dissertação, a comunidade estudada, devido a sua importância e simbolismo socioreligioso e político, esteve sempre envolvida em uma espécie de laboratório de prática de pesquisa que comprovaria todas as mudanças ocorridas nas religiões mundiais e no Brasil. De fato, as transformações ocorrem e o Morro da Conceição é um exemplo prático desse processo. Frente às mudanças estruturais e estruturantes, precisou a comunidade católica recriar-se e se autoidentificar, ressaltando-se que isso não necessariamente a condicionou a uma prática religiosa homogênea. Iremos observar que há uma relação simbólica entre a representação de Nossa Senhora da Conceição e a Igreja Católica, bem como entre padres - antigos e novos - e leigos, e que essa relação norteia tal comunidade.

O que se observa é que essas relações, marcadas por conflitos, disputas e tensões, acirraram-se ao ponto de - a simples tentativa de se classificar como comunidade católica do Morro da Conceição - passar por uma divisão da titularidade, pois, se fôssemos questionados a respeito de alguma informação sobre a comunidade católica do morro, eis que responderíamos com outra questão: qual comunidade católica específica? A que está ligada à igreja oficial ou a que realiza atividades paralelas a ela (no caso, a liderada por pe. Reginaldo)? Ou ainda, estaríamos falando do grupo de fiéis que pratica sua devoção de maneira autônoma, em relação aos reguladores religiosos?

Nesse sentido, como característica diferenciada e instigante da comunidade, podemos constatar a existência do que identificamos como o terceiro pólo de representação católica no Morro da Conceição que é formado pela participação dos fiéis nas práticas do Catolicismo

Popular. Esses devotos de Nossa Senhora visitam, convivem ou moram no morro, sem necessariamente estarem ligados a membros dos grupos religiosos existentes. Os representantes autônomos são devotos, peregrinos e pagadores de promessas, bem como, representantes do ainda desestruturado turismo religioso local. Esses, indiferentes a qualquer querela histórica, política, simbólica ou institucional, compõem o maior número de pessoas encontradas no cotidiano do campo religioso estudado, correspondendo, como veremos mais adiante, a grande maioria dos fiéis católicos do universo desta pesquisa.

- A comunidade estudada

Passemos a observar então, o campo religioso citado inserido nas dificuldades socioeconômicas enfrentadas por comunidades brasileiras de baixa renda que têm como características comuns: a habitação nas áreas de morro, o alto nível de desemprego e a conseqüente desocupação de seus moradores, dentre outros. Assim como em outras áreas, também no Morro da Conceição, tais dificuldades influenciam o crescimento do mercado informal, concentrando, por sua vez, atividades rotineiras do tipo: levar os filhos à escola, comprar alimentos ou realizar atividades de lazer, em torno do centro do bairro⁴. Manuel M. Marzal, explica que: *“a simples proximidade entre casa e templo de denominação religiosa influencia diretamente a procura pela instituição por parte da comunidade”* (2000:68). Identificamos a partir disto, a comunidade do Morro da Conceição que se constitui como um dos principais centros comunitários de atividades políticas, culturais e religiosas da cidade do Recife⁵.

⁴ Ver MAFRA, Clara (2003). A Habitação do Morro: impressões de moradores de duas favelas do Rio de Janeiro sobre religião e espaço público. *Religião e Espaço Público*, BIRMAN, Patrícia (org.).

⁵ Tentemos desenhar um perfil social e estatístico da comunidade: Área: 0,37 km com uma densidade de 248,15 hab./ha.; 10.142 é número total de habitantes sendo os mesmos englobados nas Zonas Especiais de Interesse Social (Zeis); Número de domicílios: 2.570; distância do marco zero da cidade: 6,8 km; Estudo sobre chefes de família: a) com menos de quatro anos de estudo: 15,6%; b) com mais de 11 anos de estudo: 2,2%; c) sem

Identificada a comunidade religiosa citada, procuramos concentrar nossas atividades considerando a existência de pólos de atividades católicas ligadas à Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Nesta dissertação, apresentamos como ocorre o processo de convivência, bem como, a constituição de redes de sociabilidade entre os fiéis católicos do Morro da Conceição, pois, na comunidade, existem três pólos de atividades religiosas. O primeiro seria aquele que está ligado ao atual pároco da igreja, pe. Josivan Sales que, atualmente, representa os interesses da igreja oficial e relaciona-se com outros variados grupos católicos que, naquela igreja, realizam atividades (dentre eles: os grupos ligados a Legião de Maria, Apostolado da Oração, Renovação Carismática Católica, Terço dos Homens, Vicentinos, Pastorais e outros). Em contrapartida, encontramos o pólo que está ligado ao pe. Reginaldo Veloso, caracterizado pela participação de antigos leigos discípulos das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e, após o afastamento do padre da paróquia do morro, decidiram continuar, a partir da constituição da Igreja de Resistência e Fé, atuando de forma paralela às atividades da igreja oficial. Ainda existe o pólo que, independe de qualquer liderança ou instituição, identifica-se com as práticas do Catolicismo Popular. Todavia, há de se ressaltar que, havendo a necessidade de execução de algum tipo de ação mais oficial na relação entre o fiel e a Santa da Conceição (casamentos, missas, batizados etc.), os membros do último pólo tendem a procurar as lideranças eclesiásticas oficiais do primeiro pólo.

Nesse sentido, considerando as diferentes formas de atuar dos citados fiéis católicos, destacamos o que ressalva o pesquisador Marc Piault:

Percebemos então como o modelo hierarquizado e centralizado da Igreja Católica, usualmente transposto para as representações e as práticas políticas, é desconstruído por intermédio de comunidades que questionam as modalidades práticas por meio em que a fé se expressa no cotidiano (2003:368).

rendimento mensal: 10,9%; d) com até um salário mínimo: 37%; e) Renda média: R\$ 284,30. Fonte: Atlas Municipal do Desenvolvimento Humano no Recife (2000).

Neste estudo, consideramos também a influência que as lideranças religiosas – leigas ou eclesiásticas – exercem sobre os fiéis, observando a apresentação de tendências ideológicas, estratégias de desenvolvimento aplicadas, os conflitos de interesse e as suas formas de convivência, pois, nesse contexto, situa-se uma das questões essenciais de nossa dissertação: a necessidade de entender até que ponto a devoção e a representação de Nossa Senhora da Conceição aproximam ou afastam os grupos de fiéis católicos do Morro da Conceição, considerando que *“a religião é sempre e a pleno título uma forma operante de conhecer e organizar a vida e o mundo e que por isso é uma ideologia em sentido amplo”* (Durkheim, 2003:192). Todavia, mesmo considerando que o argumento de Émile Durkheim seja destacar que a religião serviria como instrumento de união entre os indivíduos, objetivamos entender se o simbolismo e cultos atribuídos à Santa da Conceição agregam ou desagregam os fiéis católicos que convivem com a comunidade estudada.

Procuramos observar a comunidade católica apresentada, identificando o perfil socioreligioso da mesma. Analisamos como os grupos religiosos se relacionam, entendendo qual a influência dos mesmos dentro da comunidade como um todo. Interpretamos, sob o viés antropológico, como Nossa Senhora da Conceição e Sua Igreja são disputadas pelos Seus diversos religiosos e fiéis.

METODOLOGIA

Da prática utilizada

- Em busca do problema

Diferentemente de outros segmentos sociais e profissionais, os poucos interessados que vivem a Academia estão sempre a procurar um problema, um conflito e indícios de tensão que possam ser identificados, entendidos e, talvez, em algum momento, explicados. No transcorrer de nossa jornada acadêmica, iniciada no curso de História da Universidade Federal de Pernambuco em 1999, tivemos a oportunidade de aproximarmos-nos da Antropologia por intermédio da professora doutora Marjolen Elizabeth de Theije⁶ que, naquele momento, vislumbrava desenvolver uma pesquisa com a comunidade católica do bairro do Alto José do Pinho, na cidade de Recife; pesquisa esta intitulada de "*A Renovação Carismática Católica no Catolicismo Atual: Leigos e Padres*"; objetivando, entre outros aspectos, entender especificamente, como se dava a percepção do fiel católico frente às mudanças de discurso ideológico de suas lideranças religiosas.

Com a experiência obtida no trabalho de campo – tratando-se de uma pesquisa de iniciação científica apoiada pela CAPES - realizado entre os anos de 2001 e 2002, conseguimos observar o quanto as relações sociais dos fiéis eram influenciadas pelo comportamento de suas lideranças religiosas. Essa comunidade, assim como outras caracterizadas pela vivência em morro no Recife, passou por um longo período sobre a influência dos trabalhos de Comunidade Eclesiais de Base ligados à Teologia da Libertação e, ao então arcebispo, dom Hélder Câmara. Com as mudanças político-administrativas ocorridas na Arquidiocese de Olinda e Recife - num contexto mais amplo, como vimos na introdução - e o avanço da influência religiosa da Renovação Carismática Católica - no pós-Vaticano II - a

⁶ Professora da Vrije Universitat Amsterdam que, no ano de 2001 tornara-se professora visitante da UFPE, no Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e que, entre outros, nos serve como referencial teórico-bibliográfico para este trabalho.

comunidade passou a desempenhar atividades voltadas à maximização do processo de evangelização dos seus fiéis em detrimento da conjunção das atividades religiosas e sociais até então presentes.

Estudar comunidades de morro não necessariamente se constitui num processo fácil. Mesmo formando em grande parte o cenário recifense, essas áreas ainda não dispõem de grande infra-estrutura para os que convivem com elas, seja visitando-as ou habitando-as. Lembramos que, tanto no trabalho realizado anteriormente como no atual, havia e há grandes dificuldades em relação às formas de acesso ao local (devem ser tomadas ao menos duas conduções). Também há, intuitivamente, uma grande preocupação quanto à segurança pessoal, tendo em vista que, no caso de comunidades católicas suburbanas recifenses, a maioria das atividades dos grupos é realizada à noite.

Ainda há a constante preocupação e iniciativa em tentarmos ser aceitos pela comunidade, no intuito de poder obter da mesma, dados que possibilitem alcançar objetivos por nós requisitados, sendo normal, em um primeiro período de adaptação, encontramos certo incômodo com o conservador discurso praticado.

Para os estudiosos da vivência religiosa, questões ligadas à ética e à moral estão constantemente presentes nas atividades observadas, sejam nas ações dos grupos ou nas simples conversas informais com fiéis, leigos e lideranças. Não há como omitir momentos pessoais intrigantes diante de tantas rezas e sermões que nos levam a lembrar de nossa condição frágil, perniciososa e pecadora, causando-nos conflitos pessoais entre fé e razão durante o transcorrer da pesquisa bibliográfica e de campo.

Ainda sobre a pesquisa citada, tivemos a oportunidade de poder apresentá-la em alguns congressos, como no XXII Encontro Nacional de Estudantes de História, realizado na Universidade de Campinas, em Julho de 2002. Nesse encontro, em virtude do interesse

espontâneo de jovens pesquisadores presentes, percebemos que estudávamos algo realmente importante e que dali poderíamos partir para maiores desdobramentos.

Aliado a isso, de alguma maneira sempre fomos levados a conviver com as comunidades de morro do Recife. Necessitando conciliar estudos com a procura por rendimentos financeiros, estivemos sempre dispostos a ensinar em instituições de ensino do município, e por isso também, sempre terminamos a ser levados a escolas que se alojavam nos morros. Ainda como experiência profissional, desenvolvemos entre os anos de 2004 e 2006, junto ao *Programa Guarda-Chuva*, um trabalho de política social que visava atender famílias carentes que se encontravam em condições de risco de desabamento de suas casas devido a incidência de chuvas e irregularidades habitacionais.

A partir das experiências acima citadas, ansiávamos por encontrar um problema de investigação científica que pudesse aliar a experiência pessoal a algo que viesse a se tornar importante ao meio acadêmico-científico e, orientados pela professora doutora Roberta Bivar Carneiro Campos, decidimos melhor observar como se daria a convivência socioreligiosa da comunidade católica do Morro da Conceição, tomando-a como objeto de investigação científica ao considerar sua condição centenária de devoção à imagem de Nossa Senhora da Conceição, bem como, sua importância política e religiosa dentro do estado de Pernambuco.

- O campo de pesquisa

Desnecessário seria dizer que mesmo antes de definir a comunidade do Morro da Conceição como objeto de análise científica, o autor desta dissertação, recifense de família católica, já havia de maneira pessoal e informal, mantido contato com o local peregrino. No livro *“Sobrados e Mucambos”*, o autor Gilberto Freyre, identificando e inserindo-se em uma classe social dominante, define bem esta relação do católico recifense e as instituições religiosas.

O recifense não está ligado às suas igrejas só por devoção aos santos, mas de um modo lírico, sentimental: porque se acostumou a voz dos sinos chamando para a missa, anunciando incêndio: porque no momento de dor ou de apanhado ele ou pessoa sua se pegou com Nossa Senhora, fez promessa, alcançou a graça; porque nas igrejas se casou, batizaram seus filhos e nestas estão enterrados avós queridos (Freyre, 2000:114).

Contudo, o estabelecimento daquilo que poderíamos chamar de pesquisa de campo, só veio acontecer no ano de 2005, quando decidimos visitar a comunidade e coletar informações necessárias à escrita do ensaio antropológico a ser apresentado na seleção de mestrado. Poderíamos tentar elucidar melhor este primeiro contato com o depoimento que obtivemos de Dona Maria José, 75 anos de idade, sendo destes, mais de trinta anos de convivência com a comunidade e dez anos trabalhando como uma espécie de zeladora da paróquia⁷. Ao questioná-la sobre o cotidiano da paróquia e as possíveis mudanças de rotina, essa serena senhora explicou: *“Hoje, a gente percebe que não há uma ligação por parte da comunidade em pedir melhorias do governo. Antigamente era diferente. Até mesmo um dia desses, veio um pessoal de fora e disse que tem que ter um maior investimento do governo até mesmo pra ajudar o turismo”*. Passamos a imaginar que dona Maria parecia ansiar por mudanças estruturais que talvez tivessem sido colocadas de lado em detrimento de outros interesses e razões. Consideramos também que, pelo período de convivência da mesma com a comunidade em questão, estivesse a própria, saudosista de um tempo remoto que sofreu mudanças de caráter sociopolítico, onde deixou de vigorar uma ideologia de prática católica ligada à Teologia da Libertação: dom Hélder Câmara e padre Reginaldo Veloso, em favor do estabelecimento de uma prática oposta, mais institucional e conservadora, aplicada pelos párocos que sucederam padre Reginaldo, a partir de 1990, e que seguiam a orientação de dom José Cardoso Sobrinho.

⁷ Dona Maria continua desenvolvendo essa tarefa. Com o transcórrer da pesquisa, percebemos que a mesma se reveza com o Sr. Valter na função de zelar pela paróquia (mais adiante, apresentaremos melhor estes leigos que se confundem diariamente com as atividades da comunidade católica).

Ainda nos primeiros contatos, não deixamos de perceber o receio que havia entre os nossos informantes em trazer elucidações às querelas sócio-antropológicas do pesquisador. Para os que saem do ambiente acadêmico e se dirigem ao campo, há de se perceber que a teoria não necessariamente nos valerá, em todos os momentos, como socorro a situações importantes que constituem aspectos do trabalho de campo e que nos levam à reflexão e análises. Berreman (1990) no seu artigo “*Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia*”, mostra que o antropólogo deve tomar consciência de que o trabalho de campo põe o pesquisador diante de armadilhas que fogem ao seu controle. Inserido em situações nas quais os sujeitos são pessoas que diferem consideravelmente do antropólogo em termos de interesses e perspectivas, faz-se importante que o pesquisador saiba fazer uso tanto dos conhecimentos teórico–metodológicos, bem como de sua intuição.

Depois de estabelecer o primeiro contato científico com a comunidade, passamos a sempre visitá-la e sobre ela estarmos sempre informados pelos vários meios. Do momento inicial até a presente data, conseguimos alcançar, de maneira positiva, o que podemos chamar de fraterno acolhimento por parte da comunidade local em geral e, em específico, por parte da comunidade católica do Morro da Conceição. Lembramos dos convites para participação em atividades religiosas e de caráter lúdico; do fornecimento de materiais que nem sempre eram por nós solicitados, mas que se acreditavam importantes⁸; e ainda a disponibilidade de tempo para entrevistas e conversas informais que às vezes se estendiam por horas (e que certamente, constituem os momentos mais interessantes da pesquisa).

- Da prática metodológica

Procuramos desenvolver neste trabalho uma análise qualitativa das informações obtidas a partir da pesquisa de campo, essa que tem como objetivo, segundo Gaskell

⁸ Como por exemplo, a *Catena*, espécie de manual litúrgico que norteia as ações dos fieis do grupo Legião de Maria e a nós foi oferecido espontaneamente por sua liderança.

(2005:70), “*apresentar uma amostra dos espectros dos pontos de vista dos entrevistados e informantes escolhidos e observados segundo nossas experiências e necessidades oriundas da pesquisa*”.

Realizamos entrevistas individuais com os componentes de cada um dos grupos católicos após o mapeamento de quais seriam estes grupos, chegando-se a um total de 15 entrevistados. Desta maneira, procedemos de forma a analisar as diferenças de entendimento a respeito da influência das lideranças religiosas. Consideramos, a partir das reflexões de Gaskell (idem: 65) “*que a compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição sine qua non da pesquisa qualitativa*”. Ainda para estas entrevistas, valemos-nos da condição de estabelecer um roteiro semi-pautado⁹ de tópicos, sem exigir total rigidez, por parte dos entrevistados, caso surgissem interessantes aspectos de abordagem científica. Baseamos-nos em Antônio Carlos Gil:

A pesquisa semi-pautada seria aquela que apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. O entrevistador faz poucas palavras diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que se refere às pautas assinaladas (1999: 120).

Definido o perfil dos fiéis católicos e seus grupos, procuramos entender como se dava a convivência e o estabelecimento de redes de sociabilidade e, em específico, religiosidade. Nesta pesquisa, realizamos observações sobre as diversas atividades cotidianas de caráter socioreligioso da comunidade estudada. Ainda nesse sentido, segundo Brewer (2000:59), “*a observação participante é a técnica de coleta de dados mais estreitamente associada ao trabalho antropológico e envolve acúmulo de dados por meios da participação na vida diária dos informantes nos seus cenários naturais*”.

⁹ Disponibilizamos o roteiro de entrevistas na parte em anexo do trabalho (Anexos, p. 138), roteiro este que quase sempre foi permeado por outras diferentes perguntas e que não necessariamente estabeleceram-se em cima de um período de realização fixa, variando entre 15 minutos e 1 hora e 45 minutos.

Com esta prática, nunca nos foi tão evidente a identificação com o dito popular que sugere que fiques ‘*com um olho no padre e um outro na missa*’. De nossa parte, inquietávamo-nos com a necessidade de encontrar o conflito e os momentos de tensão, tendo em vista o envolvimento que já passava a criar com aquelas pessoas. Sempre estiveram a ladear-nos Dona Servi, Dona Genilda, outras dezenas de Donas Marias e Nossa Senhora da Conceição, assim como Clifford Geertz, Émile Durkheim, Max Weber, Pierre Bourdieu e outros. Há de se recordar com ressalvas, de uma das visitas de campo onde procurávamos nos dividir entre as ações simultâneas de dois grupos. Adentrava a noite quando, tentando nos concentrar na observação das atividades, fomos incentivados a participar da oração em grupo. Pensando no agir científico geertziano, decidimos nos permitir a tal momento ritualístico e já no início de seu processo, eis que nos deparamos com o pesquisador envolto em lágrimas, num choro soluçante que nenhum dos presentes podia entender e apenas a pessoa do pesquisador poderia tentar consegui-lo.

Procuramos tomar nota no diário de campo de tudo que aos nossos olhos saltassem nos variados momentos que com a comunidade estivéssemos. Lembrando o que Roberto Motta coloca no texto “*Edjé Balé – Alguns aspectos do sacrifício no Xangô de Pernambuco*”, Roberta Campos (1995) comenta a importância das observações e anotações do diário de campo, uma vez que esses fornecem o referencial empírico do que pode aparecer no discurso dos entrevistados. Várias foram as horas dedicadas a tal objeto que, em regime de maior frequência, intensificou-se em fevereiro de 2007, e permitiu-se a uma pausa, em setembro do mesmo ano, em virtude da necessidade de sistematização dos dados e escrita da dissertação.

Lembramos que, por várias vezes, chegávamos ao campo por volta das 14h e de lá saíamos depois das 22h, apenas por haver preocupação com os horários de condução. Nesses momentos, que variava entre duas e quatro visitas semanais, procurávamos desenvolver a observação participante em todas as atividades dos grupos (reuniões, missas dominicais,

conselhos paroquiais, etc.) e pessoas ligadas a elas, realizando entrevistas, coletando fotos e produzindo alguns vídeos amadores. Também aplicamos questionários¹⁰ com a preocupação de coletar dados sobre os fiéis católicos para posterior análise com o programa SPSS (Análises Quantitativas de Dados de Survey), na expectativa de construir um perfil social e econômico dos membros dos pólos religiosos que compõem o nosso objeto de estudo.

Sobre esse último recurso metodológico, lembramos que ainda, no primeiro projeto, de maneira equivocada frente à importância dos resultados obtidos com tal programa, dissemos que seria selecionada uma amostra de informantes que corresponderia a 30 pessoas para aplicação do questionário com questões fechadas e objetivas. Aplicamos aos entrevistados os questionários, mas logo percebemos que este número seria insuficiente para a definição de um perfil socioreligioso da comunidade estudada. Resolvemos, então, ampliar tal número para uma centena de questionários e ainda assim, fomos orientados a perceber que este seria um quantitativo insuficiente. Com o transcorrer da pesquisa e o entusiasmo com que a mesma se desenvolvia, chegamos a aplicar um número de 472 questionários em todo o processo, considerando que desta maneira poderíamos obter coerentemente os resultados almejados. Tivemos a preocupação em aplicá-los todos os dias da semana, por um período de quatro semanas seguidas, abordando apenas aqueles transeuntes que se identificavam com alguma atividade religiosa de caráter católico; seja na participação em uma missa ou reunião de grupo, seja na devoção à Nossa Senhora aos pés da imagem. Para uma melhor análise desses dados, trabalharemos no terceiro capítulo desta dissertação, tais informações correlacionando-as com a dinâmica empírica dos grupos católicos estudados.

Ainda como prática metodológica, também houve a coleta de documentação e informações históricas em arquivos (em específico, àqueles obtidos junto à Fundação Joaquim Nabuco), livros, jornais e biografias dos principais personagens da comunidade, com o

¹⁰ Modelo do questionário disponível em Anexos, p. 139.

objetivo de construir um histórico das tradições religiosas daquela comunidade católica, também servindo de introdução à comunidade analisada nesta dissertação.

Quanto à realização do fenômeno religioso em torno do culto à Nossa Senhora da Conceição, procuramos, quando da realização da tradicional Festa do Morro, realizar observação participante nos anos de 2006 e 2007, com o intuito de levantar mais informações acerca do evento que conta não só com a participação dos fiéis católicos da comunidade, mas também, com o envolvimento de milhares de pessoas que à Santa da Conceição devotam sua fé, dirigindo-se ao morro no período de comemorações e homenagens.

Também não deixamos de considerar a festa paralela às atividades da igreja oficial - que ocorre à noite e se caracteriza como a comemoração profana da Festa do Morro da Conceição - por acreditarmos que, o fragmentado dia-a-dia católico do morro, também se reflete na concepção, produção e realização do evento, pois, mesmo que este período seja significativo para a comunidade, os grupos e fiéis dos pólos católicos não comungam de um sentido diferente daquele dos conflitos diários. Como exemplo, podemos citar a disputa por espaços públicos comerciais existentes entre os grupos ligados à igreja oficial frente aos católicos do terceiro pólo que, durante a Festa da Conceição, também reivindicam espaço. Poderíamos citar também, a postura dos membros do segundo pólo que, por orientação de sua liderança, não participam e evitam qualquer tipo de relação devocional ou organizacional com o evento. Ressalvamos que esses aspectos serão melhor trabalhados no capítulo final deste trabalho, onde se estuda em específico a Festa do Morro da Conceição.

CAPÍTULO I

Recordando a História do Morro da Conceição: o que deu início às tensões da comunidade católica?

- Do Conhecimento Etnográfico

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição fica localizada na zona norte da cidade, região periférica que concentra grande número de moradores¹¹. Pessoas vindas do interior, que já se encontravam em dificuldades sociais, e habitantes das regiões ribeirinhas do Recife, ameaçadas por repetidas inundações e incluídas na política de *Erradicação dos Mocambos* do então governador-interventor Agamenon Magalhães, constituíram nos altos e córregos da cidade, o maior assentamento popular contínuo da América Latina. Após a chegada da imagem da Santa, inicia-se a ocupação do Morro da Conceição. Apesar desse processo ter se dado no início do século passado, a ocupação massiva do morro, tendo como ponto de partida os arredores da estátua da Santa, só aconteceu realmente nas décadas seguintes.

A ocupação citada não difere muito das demais áreas de morro do Recife. Casa Amarela e, mais especificamente, o Morro da Conceição, tiveram o seu *boom* demográfico intensificado nas décadas de 1950 e 1960, período marcado pelo projeto desenvolvimentista e seus ideais de progresso. Essas décadas transformaram profundamente a imagem urbana recifense. Ainda na década de 1940 é criada a *Imobiliária Pernambucana* que passara a cobrar taxas aos moradores pelo uso do espaço, alegando serem as famílias proprietárias da empresa, também donas das terras.

¹¹ Conforme dados do Censo IBGE em 2000, a população do Morro da Conceição era composta por 10.142 habitantes e tinha uma renda média mensal de R\$ 318,88, a 11ª menor da cidade, dentro de uma área de 40,9 hectares e com uma densidade de 248,15 hab/há. O Morro está inserido na Região Político-Administrativa (RPA) 3 – parte Noroeste da cidade e também a mais extensa, com 7.781 hab./ha representando 35% do total populacional. Esta região é cortada por importantes eixos viários como as Avenidas: Rosa e Silva, 17 de Agosto, Norte e Agamenon Magalhães; Estradas do Arraial e do Encanamento, bem como a BR 101. É composta por 29 bairros (dentre eles, Alto José Bonifácio, Alto José do Pinho, Apipucos, Casa Amarela, Casa Forte, Derby, Dois Irmãos, Espinheiro, Graças, Guabiraba, Nova Descoberta, Parnamirim, Sítio dos Pintos e Vasco da Gama).

Atualmente, o Morro da Conceição é servido por uma única linha de ônibus, de mesmo nome, que transporta a comunidade de ida e volta até o centro da cidade. Os tempos de saída acontecem em intervalos de 20 minutos e os ônibus não saem cheios, o que torna possível observar que as pessoas concentram suas atividades ali mesmo, no morro, a partir do comércio informal e na proximidade com igrejas, escolas e outras instituições de convivência social. Na praça central encontramos a maior concentração de atividades. Nela se localiza a paróquia da igreja católica, onde se realizam as atividades dos vários grupos ligados à matriz paroquial e que serão analisados em capítulo específico desta dissertação.

Frente à realidade exposta, a comunidade passou a se organizar efetivamente e surgiram movimentos populares que expressavam a insatisfação dos moradores com a cobrança dos impostos. Ainda com o padre Reginaldo Veloso como vigário da paróquia, surge o *Movimento Terras de Ninguém* procurando, por meios judiciais, dar posse de terra aos moradores contra a imobiliária citada. Esse processo perdurou bastante e teve, como incentivo a um desfecho positivo para os moradores, algumas medidas tomadas pelo então governador Miguel Arraes, pois o mesmo concedeu a posse de terra desejada.

Notemos que o Morro da Conceição constituiu-se como espaço público-religioso a partir de relações de processos sociais que refletiam a consciência das questões que envolviam a comunidade. Porém, as reivindicações desta comunidade também passaram por questões que foram além da posse da terra, pois serviços básicos como fornecimento de água, saneamento e limpeza só passaram a ser disponibilizados a partir da década de 1980, período que é simbolizado pela formação do Conselho de Moradores do Morro¹².

Observe-se que junto a este processo sempre procurou estar o padre Reginaldo Veloso. Ele entrou na comunidade em 1968, ficando na paróquia até 1989, quando foi demitido pelo

¹² Importante instituição criada na comunidade e que hoje atua como principal representante político da mesma, em específico, fazendo reivindicações junto a Prefeitura do Recife. Sabe-se que, durante a Festa do Morro, o atual prefeito, simbolicamente, toma café com a comunidade no Conselho, momento este em que se é ouvida alguma reivindicação exclusiva, como por exemplo, a que deu origem à reforma recente da praça do morro.

atual arcebispo dom José Cardoso Sobrinho. Através de seu trabalho, direcionado pelas idéias da Teologia da Libertação e muito influenciado por dom Hélder Câmara, padre Reginaldo estimulou uma maior participação dos leigos nas atividades da igreja e comunidade. É interessante ressaltar a descoberta de que o padre continua exercendo influência sobre atividades da comunidade do morro e que, de forma paralela às atividades da igreja oficial, o mesmo celebra rituais eclesiais, como batismos, missas e casamentos, na residência utilizada pela Igreja de Resistência e Fé, localizada atrás da igreja oficial, ao lado da casa paroquial, e que será melhor analisada no capítulo que se segue.

- A declaração do dogma e o início da devoção

À procura por documentação que pudesse melhor nos elucidar a respeito do processo que inicia a devoção à Santa da Conceição no Recife, chega-se, entre outros, as cartas redigidas pelo então arcebispo dom Luís Raimundo da Silva Brito¹³. Analisando-as, encontramos referências ao cinquentenário comemorativo da Anunciação do Dogma da Imaculada Conceição¹⁴, pronunciado pelo então Papa Pio IX, em 08 de dezembro de 1854¹⁵.

¹³ Período do arcebispado de 1901 a 1915. Em seu arcebispado, contou com o apoio da Confraria de São Vicente de Paulo e encomendou a firma parisiense *Vaillant Nast et Cie*, a construção da imagem, sendo a mesma elaborada sob a direção do engenheiro Lafaiete Bandeira.

¹⁴ Segundo a doutrina católica, toda criatura que a este mundo vem, nasce carregado de maldades e impurezas herdadas de seus antepassados, seja ele: o *pecado original*. Contudo, desde o momento de sua concepção, Maria passou-se imaculada. O pecado original não a contaminou por privilégio da sabedoria e do poder de Deus que previa prepará-la com cuidado para o nascimento de seu Filho, Jesus Cristo.

¹⁵ Na ocasião, o Papa utilizou-se do catecismo, no parágrafo 491, onde se afirma: “*a beatíssima Virgem Maria no primeiro instante de sua Conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha de pecado original*”. A idéia teológica de Imaculada passa a ganhar força a partir do Concílio de Trento, crescendo o número de universidades teológicas (Paris, Colônia) que defendem o dogma. No Brasil, a devoção tem início com missionários franciscanos e jesuítas. Já na arquidiocese de Recife e Olinda, o culto aparece destacadamente nas paróquias e capelas de Beberibe, Barro, Iputinga, Mangueira, Moreno e Morro da Conceição.

Antes mesmo da chegada do monumento em sua homenagem no morro¹⁶, Nossa Senhora já carregava Consigo o drama das controvérsias e disputas que insistem em rodeá-la. Sobre a instalação da imagem e sua devoção temos que

Por ocasião da consoladora esperança, que de certo modo mitigou a dor de nossos primeiros pais, após sua culpa, Deus, que em sua justiça punira, em sua misericórdia prometera redenção fazendo entregar aos degredados filhos de Eva a consoladora imagem Daquela que, imaculada, calcaria aos pés a cabeça da serpe infernal (1957: 220).

Diante de seu olhar complacente não há como o fiel deixar de entender que sua matriarca simboliza também a força Daquela que luta contra os agentes do mal. Pensada e executada minuciosamente a fim de atender à representação de seu simbolismo, a imagem de 3.50m de altura, que pesa 1.806 quilos com sua coroa de pedras, parece nos circundar e observar a todo instante. Lembramos de uma de nossas pesquisas de campo que, frequentemente, adentrávamos à noite à espera das atividades dos grupos. Enquanto ventava e chovia forte, pensávamos na força da imagem de Nossa Senhora da Conceição. Percebemos que Ela está por todos os lados e parece estar sempre a observar todas as nossas atitudes, erros, acertos e pecados. A impressão que se tem é a de que a imagem fica à destacada distância do chão e tem sua complacente face voltada para baixo, ou seja, para a Terra, para o Morro da Conceição, para a Igreja, os grupos e fiéis¹⁷.

Ao visualizar tal imagem, relembramos de uma de nossas conversas informais com uma leiga, Dona Gláucia, que afirmava conhecer um pichador do bairro que já havia danificado vários locais próximos a igreja, bem como, a própria instituição, mas que, nem ele, nem nenhum outro pichador, jamais atreveu-se a sequer aproximar-se da Santa. Por outro lado, também em nosso campo – aliás, certamente o melhor estágio de trabalho do

¹⁶ A imagem chegou no Porto do Recife em 1904, com o navio Caravelas e foi levada de trem ao morro. Um século após sua chegada foi realizada uma procissão centenária que saiu do marco zero da cidade e se dirigiu à imagem no morro.

¹⁷ Sugerimos a observação das imagens da Santa na parte em Anexo, p. 128.

antropólogo – tivemos acesso a outra foto que deve ser observada na parte em anexo desta dissertação, na página 129.

Na faixa, podemos ler a frase: “*Mãe, Teu povo não cala: luta!*”, e esta se refere a mais um dos variados protestos realizados pelos que se sentiram injustiçados com o episódio de afastamento do pároco local, pe. Reginaldo Veloso. Perguntamos-nos: não estaria, tal protesto, infringindo as regras de solicitude e respeito por todos impregnados com relação à Nossa Senhora? Será realmente que o argumento do grupo seguidor de pe. Reginaldo, que defendia a idéia de que as questões políticas deveriam estar acima dos contextos religiosos, fazia sentido? Evidentemente, como já foi lembrado, não desconsideramos os motivos políticos e históricos que contextualizam tal protesto. No entanto, há de se imaginar o choque de vários fiéis perante à faixa, bem como o conseqüente distanciamento de alguns membros por terem considerado tal ato radical demais. Mais uma vez, deixa-se o campo das querelas sociais e passa-se para o campo simbólico, envolvendo a própria imagem da Santa da Conceição, monumento intocável para muitos, concebida como “*Bela e Imaculada Mãe por natureza Daquele que na eternidade é gerado pelo Senhor*” (1957:221).

Quando da chegada da imagem no antigo Oiteiro da Boa Vista, hoje Morro da Conceição, ainda não havia urbanização ou ocupação irregular, nem tampouco igreja no morro. Desta forma, as consternações pelas quais passariam à imagem de Nossa Senhora da Conceição tinham um caráter mais teórico-teológico do que político-hierárquico. Naquele momento, cabia à Igreja Católica garantir e reforçar a declaração do dogma e sua devoção frente às querelas protestantes¹⁸, e diversas práticas religiosas consideradas heréticas.

¹⁸ Sobre o Protestantismo, sabemos que no século XVI, uma nova leitura sobre a religião católica e os dogmas de sua igreja foi realizada por Martinho Lutero e João Calvino, dando prosseguimento aos trabalhos iniciados por John Wycliffe e John Huss nos séculos XIII e XIV. Dentre as suas 96 teses, Lutero afirmara que “*somente a fé em Deus salvaria as pessoas e que o culto às imagens e a idéia de que o papa é infalível não teria fundamento*”. Do lado católico, já no século VII, existia uma festa na Irlanda, em honra da Imaculada Conceição, estendendo-se pela Europa. A adoração das imagens é de toda antiga nesta igreja e de origem apostólica, sendo mais incentivada a partir dos Concílios de Nicéia e Trento. Segundo estes, *as imagens não são ídolos. Imagem nenhuma possui um poder oculto ou latente, em virtude do qual se lhe deva prestar culto e veneração; A imagem deve ser para o católico um meio, um instrumento que lhe facilite elevar os pensamentos acima desta terra, às*

Como estratégia para reforço de tal simbolismo, decide a Igreja criar a *Comissão Diocesana*, ligada diretamente à Comissão Pontifícia e às Comissões Paroquiais, responsável por desenvolver o *‘Programa Geral’* que deveria realizar entre as datas de 08 (oito) de dezembro de 1903 e 1904, atos religiosos e de caridade a cada dia 08 (oito) dos meses envolvidos neste período anual, concluindo-se com grande esplendor a Festa da Conceição no final do mesmo período.

Em sua primeira festa de devoção, as comemorações ficaram limitadas apenas às solenidades eclesásticas do dia 08 de dezembro e à sua véspera. Contudo, o Oiteiro da Boa Vista, que já no primeiro ano passava a ficar conhecido como da Conceição, passou a acostumar-se com a presença de muitos. Sob a organização da Confraria de São Vicente de Paulo procurou-se, para aquela solenidade, convidar todos os pernambucanos a saudarem *“Àquela Imaculada, que de todos os tempos foi a padroeira principal do Brasil”* (1957:256). Clérigos de toda a hierarquia do estado, suas matrizes, paróquias e capelas foram convocados a reunirem-se em prol da celebração, convidando todos seus fiéis. Na pesquisa bibliográfica, encontramos a especulação de que cerca de vinte mil pessoas participaram da primeira festa.

Com o passar dos dois primeiros anos de devoção à imagem, o então arcebispo dom Luís Raimundo decidiu-se por construir a Capela do Morro, pequeno prédio em estilo gótico que hoje é conhecido como a Torre¹⁹.

O monumento foi erguido sob a direção do engenheiro Rodolfo Lima e apresentava o que havia de moderno e ousado para a época. A capela media vinte e cinco metros de altura e foi inaugurada no dia 14 de junho de 1906, estando ligada à freguesia de Nossa Senhora da Saúde, do Poço da Panela – hoje, paróquia de Casa Forte. À medida que se consolidava como

coisas sobrenaturais e divinas; a veneração, o respeito que se têm as imagens, tem por objeto, não a imagem como tal, mas a pessoa por ela representada, isto é, Nosso Senhor Jesus Cristo, Sua Santa Mãe e os Santos. O homem em sua vida sensitiva, muito depende das coisas que o rodeiam. Como o cristão prudente e sincero procura afastar de si todas as más influências, com prazer se inclina a tudo que em sua alma for capaz de produzir boas impressões e elevá-lo a Deus e às coisas santas.

¹⁹ Conferir em Anexos, p. 130.

pólo de adoração e peregrinação, o Oiteiro da Boa Vista também presenciava as transformações urbanas pelas quais passava a cidade do Recife, ligando intrinsecamente as atividades comunitárias às da igreja. Foi nesse contexto que se forjou a comunidade do Morro da Conceição. Entendamos a palavra comunidade, neste caso, como conjunto populacional que geograficamente circunda ou refere-se à Igreja Católica do Morro da Conceição, e não o que mais especificamente estamos a analisar neste trabalho, pois, analisamos a comunidade católica ligada à igreja, uma vez que esta se liga a tal instituição não necessariamente por uma questão física, mas, além disso, por suas atividades pastorais, peregrinas e espirituais.

- Igreja e comunidade – suas lideranças

Voltando à relação entre a comunidade habitante no Morro da Conceição e a Igreja Católica, temos como consequência disso, a criação e o fortalecimento do Conselho de Moradores, na década de 1980, que foi forjado ao redor do sistema de Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Diante disso, padre Reginaldo Veloso e seus seguidores acreditavam que seria atendida a necessidade crescente de espaço para as diversas atividades da vida comunitária paroquial e as emergências da vida do bairro.

Consultando o trabalho do historiador Edvaldo Vieira de Souza Júnior (2006), observamos que o Conselho de Moradores sempre esteve atrelado aos trabalhos desenvolvidos pelas Ceb's, a paróquia do morro e a Arquidiocese de Olinda e Recife, no momento em que todas estas eram seguidoras da Teologia da Libertação. Segundo o pesquisador, no início da década de 1980, o Conselho passa a ganhar respeito e espaço político por exigir das autoridades públicas daquele momento – o prefeito da cidade, Gustavo Krause e o governador Marco Maciel – as melhorias sociais e urbanas para o Morro da Conceição, contrapondo-se às determinações políticas de um período marcado ainda pelo Regime Militar e pelo Populismo. Ainda com a consulta ao trabalho, evidenciamos

importantes organizações que atuam ou atuaram no morro. Estas foram criadas a partir do Conselho de Moradores, dentre elas: grupos de alfabetização, grupos de mulheres, Comissão de Barreiras, meios de comunicação do próprio bairro e o Grupo de Saúde, responsável, entre outros, pela criação do CERVAC – Centro de Reabilitação e Valorização da Criança²⁰ - organização não-governamental onde, ainda hoje, trabalha o pe. Reginaldo Veloso.

No momento, o Conselho de Moradores mantém relações com a igreja apenas no que se refere às atividades culturais locais, “*evitando qualquer ligação política entre as instituições*”, como afirma Roberto, o atual secretário da paróquia. Interessante observar que, dentre os grupos realizadores de atividades junto à igreja oficial, encontramos um coral de crianças organizado pelo CERVAC. Seria a constante presença desse grupo nas atividades oficiais da Igreja Católica, mais uma constatação da presença e/ou importância do padre Reginaldo Veloso para a comunidade? Sigamos os dados.

Homenagem tácita ou não, o certo é que o simbolismo deste líder religioso encontra-se presente no imaginário coletivo daqueles que vivem ou convivem com o Morro da Conceição. A utilização de seu carisma, torna-o líder em uma comunidade da qual não pertence mais, pelo menos, não mais como pároco oficial. Intrigante analisar um fato ocorrido quando da observação participante de uma das missas dominicais. Estávamos do lado de fora da igreja - que fora improvisada em virtude da construção do novo santuário e estava lotada neste dia por receber, entre outros fiéis, a peregrinação de duas romarias advindas da cidade de Nazaré da Mata - quando notamos passar de forma indiferente à celebração o respeitado padre Reginaldo que chegava ao morro por mais uma das infinitas vielas que compõem seus córregos. Nesta ocasião, o mesmo encontrava-se acompanhado por várias crianças e observamos, ao nos aproximarmos dele, que uma delas, com cerca de 10 anos de idade, insistia em interrogá-lo

²⁰ Organização não-governamental que atua no Morro da Conceição e trabalha com crianças e adolescentes portadoras de deficiências psicomotoras que não possuem recursos para realizarem tratamento de saúde, com o propósito de alcançar o desenvolvimento físico e mental destes jovens através da reabilitação.

sobre o porquê de sua saída da igreja²¹. Enquanto tentava desvencilhar-se das querelas infantis, a liderança religiosa cumprimentava a vários transeuntes que o reverenciavam pelo caminho. Ao apresentarmos-nos e com ele rapidamente conversarmos, o sereno homem nos trouxe à lembrança um dos trechos de nossa entrevista, quando o mesmo destacava o seu não envolvimento e desinteresse por qualquer assunto que hoje estivesse ligado à igreja do morro.

– O senhor conhece o atual padre da paróquia?

- Não.

– E com relação aos padres anteriores?

- Não, eu não tinha nenhum contato por uma razão realmente de princípios. Se me expulsaram, eu não tinha por que; se eles me procurassem, eu não tinha problemas, recebia educadamente, mas não fui atrás deles pra nada porque não era o meu terreno, não tinha por que, entendeu? Pra marcar realmente um divisor de águas bem claro, porque, se o arcebispo não me reconheceu com competência para continuar exercendo esse ministério aqui, me botou pra fora, ele juntamente comigo, excluiu as comunidades que eu acompanhava e aí a gente não tem nenhum papel, nem nenhum interesse na vida da paróquia como está aí.

– Ao conhecer padre Josivan, notei que ele sempre faz referências ao senhor com teor de admiração, sobretudo aos seus trabalhos litúrgicos e musicais, inclusive, com relação a construção do santuário, pois, seria este projeto atual, o que está abrangendo o maior número de opiniões de todos que por essa igreja e comunidade passaram. O senhor chega a acompanhar tal processo? E mais, se sente prestigiado com a execução do mesmo?

- Olha, eu nem estou sendo chamado em causa, levado em consideração e por uma questão, eu diria até simbólica, uma questão de princípios, coerência, eu não me sinto com nenhum interesse em contribuir, em estar trocando opiniões e estar ligado na coisa. Eu espero que seja uma coisa da melhor possível pro povo, desejo, mas eu não me considero como uma pessoa que tenha alguma coisa a dizer ou que tenha que participar de alguma maneira.

O que se pode observar com a pesquisa de campo foi que, não necessariamente o que é afirmado pelo padre, de fato ocorre. As atividades religiosas e até àquelas ligadas a ações sociocomunitárias passam pela possibilidade de consulta ao antigo pároco. Nas diversas reuniões dos grupos da igreja oficial que pudemos participar, percebemos a necessidade de

²¹ Não duvidamos de tal surpresa. Com a aproximação, conseguimos ouvir a impertinente pergunta daquela criança que, mesmo com pouca idade, já parecia conviver com o imaginário de toda uma comunidade sobre o lendário episódio do afastamento.

lembrança, principalmente por parte das lideranças mais antigas, de se destacar a participação ou importância de se ouvir a opinião do padre Reginaldo sobre o assunto a ser discutido. Contudo, também se podem observar outras características de tal liderança religiosa. O admirável pe. Reginaldo apresenta-se como renegado por uma instituição sem necessariamente desligar-se por completo dela, bastando para isso, considerar as atividades sacerdotais que realiza fora do espaço institucional oficial. E ainda, tal religioso procura diferenciar e centralizar todos ligados a ele, primando por suas ações e considerações ideológicas, deslocando para um segundo plano, aquilo que não condiz ou se identifica com o que por ele é defendido, destacando com veemência e tensão a tênue linha que deve separar seus fiéis dos demais católicos do morro.

Quanto à construção de qualquer edificação no morro, observamos que esta sempre se atrelou à comunidade através de sua religiosidade e igreja. No que tange à política hierárquica e eclesial, inicia-se em 1975, o processo de desmembramento do conjunto religioso que compunha o então conhecido bairro de Casa Amarela, incluindo-se o Morro da Conceição e áreas adjacentes, para efeito de criação de uma paróquia, o que veio a se consolidar efetivamente no ano posterior, no arcebispado de dom Hélder Câmara, tendo o padre Geraldo Leite Bastos²² (1975 a 1977) como o primeiro vigário da paróquia. É ainda neste período, e tão somente neste momento, que se constrói o prédio da igreja matriz. Observemos que se passaram mais de sete décadas para que algo parecido com uma igreja católica fosse construído no morro²³ – para sua construção, tal prédio requiritava aspectos de modernidade e simplicidade, tentando trazer harmonia entre os dois prédios já existentes (os monumentos da Santa e da Torre), o que fisicamente e simbolicamente não aconteceu conforme melhor

²² Religioso ligado a dom Hélder e, conseqüentemente, à Teologia da Libertação, este padre deu início a muitos dos trabalhos comunitários de base que, posteriormente, foram consolidados por pe. Reginaldo Veloso.

²³ Pois, mesmo tendo sido construída anteriormente, a Torre, não possuía estrutura para a celebração de qualquer atividade religiosa, servindo muito mais como monumento de representação institucional. Também fazemos a ressalva de que as celebrações religiosas concentravam-se, principalmente, na Igreja da Harmonia, antiga e importante paróquia do bairro de Casa Amarela, e também responsável pela comunidade religiosa do morro até o seu desmembramento.

analisaremos no terceiro capítulo. Nos anos que se seguem, as comunidades vizinhas, ligadas à matriz, passaram também a se organizar na construção e reforma de suas igrejas, bem como no estabelecimento de centros comunitários que atendessem às demandas locais de caráter político e social, estando as mesmas diretamente ligadas aos assuntos religiosos e vice-versa. Sob este viés administrativo, estrutura-se a Igreja Católica de Recife e Olinda regida pela batuta do arcebispo dom Hélder Câmara. Procuremos entender um pouco a formação desta liderança religiosa objetivando compreender como a mesma tornou-se referencial para as ações de seus subordinados no morro, sejam eles eclesiásticos ou leigos.

Na expectativa de definir o perfil ideológico-administrativo de dom Hélder Câmara, descobrimos em nossas pesquisas que, logo no início de sua formação religiosa, situada no Ceará, na década de 1930, teve esta liderança religiosa breve relação com o movimento do Integralismo, sobretudo no que se dizia respeito à defesa de um nacionalismo ufanista. Já em seus incipientes pronunciamentos, o religioso sempre enfatizava a avaliação do sistema político-econômico mundial e do discurso sobre a fome. Prosseguindo em suas atividades, preocupou-se em enaltecer alguns acontecimentos, dois em específico, que seriam significativos para a história da Igreja Católica no mundo e no Brasil, sejam eles: a importância do Concílio Vaticano II, para a constituição de uma igreja mais progressista²⁴, e o Golpe Militar de 1964, este último, segundo o religioso, “um retrocesso político brasileiro diante do qual a igreja não poderia furtar-se de se opor”.

Difícil seria imaginar que dom Hélder não tenha se tornado um dos principais propagadores da Teologia da Libertação no Brasil, de tal maneira que o arcebispo ficou conhecido pela forma como acolhia as pessoas e os movimentos sociais diversos²⁵. Já na

²⁴ Deveria a igreja voltar-se mais para os problemas da humanidade, especialmente para os oprimidos e excluídos; ir de encontro ao povo; praticar a liturgia de maneira aberta a novas experiências e à ‘inculturação’; valorizar a atuação dos leigos, abrindo espaço para eles em todos os setores da igreja. Hélder Câmara. O Santo Rebelde. Produção de Andréia Glória e Érika Bauer. Brasília, DF: Cor Filmes, 2004. DVD (73 min.), son., color.

²⁵ Como prática administrativa, procurava o arcebispo legitimar os trabalhos de religiosos e leigos que estivessem voltados para a ideologia progressista, em específico em torno das CEB’s. Em seu arcebispado,

década de 1970, período em que foi indicado, algumas vezes, ao Prêmio Nobel da Paz, era comum assisti-lo em palestras universitárias nacionais e internacionais, como também, em setores sindicais ou de classes populares, onde desfilava seu carisma.

Diferentemente de seu antecessor, encontramos o atual arcebispo de Olinda e Recife, dom José Cardoso Sobrinho caracterizado como conservador e centralizador. Logo no início do seu arcebispado, no ano de 1985, dom José promoveu o que hoje conhecemos como um ‘choque de gestão’, dividindo a igreja entre aqueles que o apóiam e aqueles que não estão em sintonia com sua doutrina, os que o amam ou o odeiam, consolidando dessa forma, um período de crise na hierarquia católica da arquidiocese.

Direcionando estas informações à paróquia do Morro da Conceição, temos de um lado, pe. Reginaldo Veloso e a Igreja de Resistência e Fé; de outro, a igreja oficial e aqueles que afinam seu discurso ao do arcebispo, seja devido à sua identificação teológica, seja por simples submissão a algo que é considerado mais relevante, como a hierarquia eclesiástica da Igreja Católica Apostólica Romana. Este foi o caso do pe. Constante Danielewicz (1990 a 1997), catarinense de descendência polonesa que assumiu a paróquia em 1990, depois que uma ação judicial deu reintegração de posse do terreno e estrutura paroquial à Igreja, ação garantida pela Polícia Militar frente aos protestos dos membros da comunidade que haviam tomado posse das chaves do local. Lembramos que esse acontecimento se deu como represália às ações do arcebispo dom José Cardoso Sobrinho quando da execução das mudanças na paróquia do morro no ano de 1989, onde alguns membros da comunidade, logo ao se informarem do envio de um novo padre, decidiram fechar as portas da igreja com correntes e cadeados de forma que só estes pudessem ter acesso a ela, simbolizando que a mesma seria administrada pelo povo, para o povo. Ressalvam-se assim, as dificuldades pelas

organizaram-se os setores paroquiais, os conselhos pastorais e de presbíteros e a Comissão de Justiça e Paz, além do ITER (Instituto de Teologia do Recife) e Serene II (Seminário Regional do Nordeste II/PE;PB;RN;AL), estes últimos voltados à formação de leigos e religiosos com base na TL.

quais passou tal vigário frente à resistência e desobediência da comunidade católica local e que se refletem como conseqüências do impacto causado pelas mudanças na hierarquia.

Ainda sobre submissão e respeito à Igreja Católica, podemos afirmar que este discurso é hoje concernente entre os que vivem as ações da instituição. Observemos que em nossas entrevistas, muitos são os que enaltecem a idéia de que *“muito da política foi usado naquele período e que a religião, a fé e a espiritualidade foram deixadas de lado”* (trecho extraído da entrevista com o ex-sacristão da paróquia, Roberto Cícero). Neste mesmo sentido, conversei conosco o Sr. Valter, antigo morador da comunidade e atual sacristão da paróquia (um tipo de trabalho onde de tudo se faz: participação nos grupos, zelo pelo patrimônio, limpeza, abertura e fechamento da igreja). Vejamos:

- O senhor deve ter conhecido vários padres, dentre eles padre Reginaldo que já trabalhou aqui na comunidade.

- Minha freqüência aqui é desde padre Reginaldo pra cá; padre Constante? Não trabalhei diretamente com padre Constante, trabalhei na parte de leitura, certo? Depois foi quando padre Sérgio assumiu, aí foi quando eu me engajei diretamente com padre Sérgio; seis anos e agora com padre Josivan, dois anos.

- É interessante, porque o senhor já participa esse tempo todo com a igreja, mas quando, por exemplo, teve o afastamento do padre Reginaldo, algumas pessoas deixaram de participar e o senhor não, continuou com os grupos. Por que o senhor acha que houve essa diferença na participação?

- É porque muitas vezes as pessoas não se direcionam, se apegam demais a um palestrante. A gente tem que entender uma coisa: a Igreja, ela fica e o padre chega, passa e a comunidade tem que permanecer. Não porque eu me apeguei mais a um padre e ele foi afastado, eu vou me afastar também; eu vou dar continuidade. A amizade continua a mesma, ele vai pra outro canto e eu continuo na minha comunidade. Desde o momento que eu moro aqui, retifica aqui a minha presença, eu vou dá continuidade ao meu trabalho dentro daquela igreja com o padre que chegar; futuramente com outros que vier até o momento que eu estiver aqui. Eu não vou me afastar, porque o padre se afastou, essa é minha filosofia de ver.

- O senhor acha que houve muita diferença daquele momento para hoje? Que leitura o senhor faz daquele momento? Houve muita dificuldade de continuar com as atividades?

- A princípio, realmente houve certo empecilho devido àquela confusão que houve, mas aí, aos poucos, nós fomos nos adequando ao sistema e dali a gente foi dando uma caminhada; as pessoas que deram continuidade até hoje continuam; outras se afastaram; outros retornaram e foram se

adequando ao sistema daquele padre que foi substituído. Cada liderança, cada padre tem um sistema de trabalho, não é o mesmo, cada um tem uma filosofia de trabalho. Chega e implanta aquele trabalho dele para melhoramento da comunidade, mas tem pessoas que ficam recuadas e se afastam, mas o correto não seria isso e sim dá apoio àquele que chegou.

Vemos na fala de um dos leigos que fazem a igreja oficial do morro, hoje, não só um descontentamento, mas também, certo repúdio às práticas, discursos e estratégias utilizados pelos que se levantaram contra as ações do novo arcebispo. Mais do que isso, vemos um discurso que ressalva a importância de se priorizar a religião e a Igreja acima de qualquer proveniente querela entre os homens. Essa fala indica que para o leigo, o compromisso maior do fiel deve ser para com a Igreja e não para com os homens que a representam, classificando-o, no primeiro pólo, o oficial, entre aqueles cujos compromissos e pertencimento se dão via institucional e não pelo carisma pessoal.

De qualquer forma, mesmo frente a tantas dificuldades, o arcebispo de dom José tem tido seu prosseguimento e, em consequência da divisão da igreja²⁶, passará a comunidade católica do Morro da Conceição a conviver com uma pluralidade de vivência católica que neste trabalho já classificamos como os três pólos de atividades religiosas, e que melhor serão analisados no capítulo que se segue. Contudo, não é difícil imaginar que a consideração desses pólos estará diretamente ligada à ideologia de vivência católica praticada nos dois últimos arcebispos apresentados e que hoje encontram como seus principais interlocutores o pe. Reginaldo Veloso e o pe. Josivan Sales.

Partimos de uma análise sociológica acerca do envolvimento destas lideranças com seus fiéis, pois os mesmos apresentam-se e são identificados como líderes, àqueles que, pelo seu carisma, devem guiar demais leigos e fiéis em conjunto, orientados por sua doutrinação ideológica e teológica.

²⁶ Observamos que nos 10 anos que se seguiram ao afastamento de Pe. Reginaldo, pelo menos outros 15 religiosos também foram afastados de suas funções, além da maioria dos leigos ligados a Igreja pelas CEB's. Também os órgãos institucionais citados, criados ou fortalecidos no período de dom Hélder, foram extintos.

Quando falamos em carisma, nos valem de uma definição weberiana que o classifica como virtude indefinível, denominado como conjunto de dotes pessoais que impõem um indivíduo aos outros, fazendo com que estes lhe obedeam, tornando suas ordens indiscutíveis justamente porque emanam dele (Weber, 1989). Identificamos que estas lideranças gozam de tal representatividade, seja em virtude de suas realizações passadas, seja por estarem equivalendo-se de um simbolismo institucional estruturado - a rotinização do carisma defendido por Max Weber (idem) - como é o caso de padre Josivan. Contudo, cada uma delas, possui suas características pessoais e estas, certamente, são observadas pelos seus subordinados, classificando-os perante seus carismas pessoais ou representativos de uma institucionalidade.

Desta maneira, poderíamos inicialmente, considerar que pe. Reginaldo se vale de um carisma pessoal que o credencia como líder de um grupo, ou mesmo de uma comunidade, haja vista que o mesmo além de reverenciado, também é, muitas vezes, questionado sobre variados assuntos socioreligiosos locais, mas que, por um outro lado, necessitou de um grupo que funciona como uma igreja paralela à oficial para que o mesmo se credenciasse e fosse credenciado como líder religioso. Já do lado de pe. Josivan, a instituição oficial estaria apenas o servindo como instrumento de reafirmação desta característica de líder, ou não possuiria o próprio padre suas habilidades pessoais que o vem garantindo em tal posição? Para essas reflexões, imaginamos que a análise do perfil e relacionamento das lideranças com seus fiéis nas páginas do capítulo seguinte poderão trazer maiores esclarecimentos.

- Breve resumo da trajetória de padre Reginaldo Veloso

Padre Reginaldo Veloso completou no ano de 2007, os seus 70 anos de vida ao lado de esposa e filho. O padre por nós estudado casou-se com sua ex-secretária - companheira que conheceu quando dos trabalhos com as CEB's - em um momento posterior ao seu afastamento da paróquia do Morro da Conceição. Ele iniciou suas atividades sacerdotais auxiliando o padre Adriano na paróquia da Macaxeira. Neste início, pe. Reginaldo aliou seus conhecimentos eclesiais ao trabalho desenvolvido com classes comunitárias que conviviam com sua igreja em virtude da criação da vila operária do bairro do Buriti, onde deveriam habitar operários da fábrica da Macaxeira e desenvolver-se um trabalho interligado entre a fábrica, os operários, os moradores e a igreja.

Posteriormente, pe. Reginaldo ligou-se, definitivamente, à Paróquia do Morro da Conceição. Ele substituiu o padre Geraldo Leite. Nessa paróquia, o padre passou a aprofundar suas ações baseadas na doutrina da Teologia da Libertação. Com o trabalho das CEB's, chamava a atenção da igreja e sociedade com o seu diferenciado sistema de administração paroquial. Ele desenvolveu vários trabalhos relacionados a lideranças comunitárias, pastorais das crianças e adolescentes, mulheres e outros segmentos sociais. Em tais trabalhos sempre esteve presente a formação litúrgica do padre e com ela, a elaboração e execução de hinos, canções e louvores. Ainda hoje, o padre é muito requisitado pela CNBB para prestar consultoria sobre o assunto. Como já dissemos, o padre ainda está intrinsecamente ligado ao Morro da Conceição e lá ações junto ao CERVAC e à Igreja de Resistência e Fé, dentre outros, sendo quase sempre lembrado e homenageado. Ainda ativo na vida política, pode-se encontra-lo em atividades dos movimentos sociais e sindicais e quase sempre é requisitado por profissionais (jornalistas, historiadores, religiosos e cientistas sociais) interessados em obter dele alguma nova informação acerca dos acontecimentos que o marcaram para sempre na história da Igreja Católica em Pernambuco.

- Breve resumo da trajetória de padre Josivan Sales

Pernambucano, do interior do estado, o pároco da atual igreja cresceu em uma família de classe humilde, como o mesmo afirma, e procurou logo cedo atrelar seus afazeres às atividades religiosas da paróquia da cidade de Bezerros. Coursou o magistério e lecionou por dois anos pela prefeitura daquela cidade e pelo governo do estado, onde adquiriu experiência com crianças e adolescentes. Ainda em sua paróquia, trabalhou em algumas pastorais, com crisma e catequese, passando pelo movimento da Renovação Carismática Católica. Com 18 anos, dirigiu-se à cidade de Olinda, com o intuito de estudar o sacerdócio, esperando se tornar padre. Com os estudos, obteve a oportunidade de ir para a Espanha, onde passou cinco anos na cidade de Pamplona, cursando Filosofia e Teologia.

Na volta ao Brasil, foi escolhido para trabalhar como diácono em Apipucos, Recife, sendo formador de seminaristas e vice-reitor. Ingressou como professor de Filosofia nos Seminários de Olinda e Boa Vista. Logo após ter sido ordenado, foi nomeado como pároco da Igreja do Morro da Conceição, em 2005.

- Breve cronologia dos acontecimentos que envolvem o afastamento de pe. Reginaldo.

Preocupamo-nos em desenvolver um pequeno quadro histórico com o relato de importantes acontecimentos socioreligiosos e políticos que ocorreram nesta comunidade por acreditarmos que a compreensão dos mesmos é imprescindível para um melhor entendimento da comunidade estudada. Escolhemos como recorte histórico, o período de 1988 a 1995, com destaque para o ano de 1989, por ter sido este, certamente, o ano de maior promoção de mudanças, desavenças e conflitos.

1988

Agosto – O grupo da Pastoral Rural é demitido sob a acusação de insubordinação, uso indevido de verba e exagerada independência para com assuntos pastorais;
Pastorais e movimentos católicos divulgam documento tornando pública a crise institucional.

Setembro – O Serviço de Documentação Popular (Sedipo) é extinto;

Outubro – na missa dominical transmitida ao vivo pela TV, padre João Carlos Ribeiro aborda o tema da crise na igreja e depois é substituído.

Dezembro – O Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH) é extinto;
Novos bispos são nomeados pelo Vaticano por indicação de dom José Cardoso.

1989

Maio – o sacerdote Tiago Thorlby, da Igreja de São Lucas, em Ouro Preto, Olinda, é demitido;
Camponeses vão ao Palácio dos Manguiños pedir ao arcebispo o retorno do padre. Parte é recebida e o restante é impedido de entrar pela polícia.

Agosto – padre Antônio Maria Guérin, da Pastoral dos Jovens do Meio Popular (PJMP), é comunicado que não será aceito na arquidiocese ao regressar da Europa devido a entrevistas concedidas;
Dom José proíbe a Comissão de Paz e Justiça (CJP) de se manifestar em nome da arquidiocese.

Setembro – O Vaticano manda fechar o Instituto de Teologia do Recife (Iter) e o Seminário Regional do Nordeste II (Serene), que davam formação com base na Teologia da Libertação.

Outubro – Progressistas continuam a protestar contra o fechamento das instituições;
Bispos do Nordeste II (PE, PB, RN e AL) lançam nota de apoio a dom José Cardoso;
A CJP e o Iter lançam o documento “Faz escuro, mas eu canto”, reproduzindo notícias desfavoráveis ao arcebispo; o mesmo responde afirmando que o documento está corrompido por mentiras.

Novembro – O Serene e o Iter são, enfim, fechados;
Na cerimônia de encerramento, dom Terra, representante do arcebispo, é duramente hostilizado.

Dezembro – os 13 membros da CJP são demitidos;
Dom José determina a saída de frei Aloísio da arquidiocese. A Ordem dos Franciscanos recorre da decisão junto ao Vaticano;

Padre Reginaldo é demitido da Paróquia do Morro da Conceição, acusado de estimular nos fiéis aversão ao arcebispo;

Moradores e leigos da comunidade envolvem a imagem da Santa com uma faixa preta simbolizada por luto e protesto;
O padre declara que dom José é paranóico e tem complexo de inferioridade.
Duas mil pessoas fazem passeata exigindo a saída do arcebispo;
O mesmo despeja a Animação Cristã do Meio Rural (ACR) do prédio da Cúria Metropolitana;
62 padres publicam abaixo-assinado contra dom José por demitir sacerdotes sem consulta ao clero.

1990

Janeiro – moradores do morro e religiosos fazem vigília na Praça da Independência (centro), pedindo o retorno do padre Reginaldo à paróquia;

Em contrapartida, missa em homenagem aos 50 anos de sacerdócio de padre do Seminário de Olinda, transforma-se em ato de apoio a dom José Cardoso.

Março – o Boletim Arquidiocesano publica carta enviada aos padres pela Sagrada Congregação para o Clero, pregando obediência a dom José e condenando quem desaprova decisões do Vaticano.

Abril – 80 padres faltam à solene Missa da Crisma, na quinta-feira Santa, presidida por dom José, alegando falta de unidade entre o arcebispo e o clero.

Julho - a deputada federal Cristina Tavares e dom José envolvem-se em forte debate durante a Festa de Nossa Senhora do Carmo. A deputada diz que o arcebispo tem delírio de perseguição e que se pudesse, o mesmo restauraria a Inquisição e queimaria dom Hélder Câmara.

Setembro – paroquianos do Morro da Conceição ocupam a igreja ao saber que a arquidiocese entrara na Justiça com uma ação de reintegração de posse;

O porta-voz arquidiocesano vai ao morro com o novo pároco, Constante Danielewicz, e policiais militares para executar a ação de reintegração de posse, porém, não conseguem devido a resistência dos paroquianos.

Outubro – protegido por policiais e amparado em decisão judicial, o cônego Miguel Cavalcanti dá posse ao pároco Constante;

57 padres subscrevem documento condenando o uso da força policial;

1500 pessoas protestam contra a força policial em frente ao Manguinhos;

Novembro – dom José convoca frei Damião de Bozzano para festa da Conceição, a primeira após o afastamento;

Moradores do Morro da Conceição são impedidos de fazer manifestação em protesto à presença de policiais na frente da igreja.

Dezembro – padre Constante é vaiado e empurrado por moradores do Alto José Bonifácio depois de ter celebrado a missa na igreja para apenas duas pessoas.

1991

Outubro – quando da segunda visita do Papa João Paulo II ao Brasil, na missa por ele celebrada em Natal é erguida uma faixa com dizeres em polonês: “Santo Padre, Olinda e Recife estão como ovelhas sem pastor, solidariedade!”.

Novembro – o conselho das CEB's do morro recorre à Justiça para realizar atividades em homenagens à Virgem da Conceição; a instituição não interfere na realização da festa daquele ano; Padre Reginaldo renuncia ao secretariado da Comissão Regional de Presbíteros. Caso continuasse, os bispos do Nordeste II não participariam da Assembléia Pastoral.

1995

Março – três capelas do Morro da Conceição, que estavam sob a administração de padre Reginaldo Veloso e da comunidade (as mesmas que hoje compõem a Igreja de Resistência e Fé), são reincorporadas à arquidiocese por decisão judicial.

CAPÍTULO II

A comunidade católica do Morro da Conceição: a Santa, sua Igreja, padres e grupos.

Na introdução deste trabalho, dissemos que passamos a considerar a importância da análise dos variados conflitos que envolvem Nossa Senhora e a comunidade do Morro da Conceição a partir dos acontecimentos históricos que a eles estão ligados e da constatação da existência de pólos de devoção católica alternativos ao catolicismo da igreja oficial. Também consideramos que embora a comunidade possua grande número de habitantes pode-se dizer que suas expectativas serão limitadas ao conhecimento do bairro do Morro da Conceição (suas ruas, moradores, comerciantes, professores de seus filhos, religiosos etc.). Por morarem próximos uns aos outros, mais que praticantes da mesma religião, os fiéis tornam-se amigos e confidentes. Contudo, as pessoas de práticas religiosas diferentes, conhecem-se, cumprimentam-se e respeitam-se, mas nunca seriam confidentes, nem comentariam entre si o último capítulo da novela, por exemplo. Suas roupas e costumes são diferentes e, na hora de suas orações, um fiel vai para um lado da praça, enquanto o outro vai para o lado oposto. Todavia, especifiquemos o campo religioso católico, nosso principal objetivo, e ressalvemos que neste capítulo, reforçaremos nossas observações e argumentos com base nos resultados obtidos com a análise dos dados submetidos ao programa SPSS a partir dos nossos questionários de pesquisa.

- Os pólos de vivência católica.

O primeiro pólo de atividades com o qual iremos trabalhar será aquele que está ligado ao atual pároco da igreja, padre Josivan Sales. Este, atualmente, representa os interesses da igreja oficial e relaciona-se com os variados grupos católicos que naquela igreja realizam atividades, dentre eles: os grupos ligados à Legião de Maria, Apostolado da Oração,

Sociedade de São Vicente (Vicentinos), Terço dos Homens, Apostolado da Divina Misericórdia, o grupo da Renovação Carismática Católica (RCC) - que hoje não está mais ligado à paróquia, mas até pouco tempo realizava suas atividades na mesma - os diversos grupos de pastorais como os da Saúde, da Família, do Dízimo, das Crianças e outros²⁷.

Sobre um outro viés organizacional, encontramos o pólo que está ligado ao pe. Reginaldo Veloso, ex-pároco da igreja oficial e liderança bastante influente na comunidade, considerado o período em que nela trabalhou e na qual, sobretudo, realizou atividades ligadas às Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), desenvolvendo atividades na comunidade local, em específico, aquelas que dizem respeito à realização de políticas socioculturais do morro.

Ao considerarmos o trabalho das CEB's nesta comunidade, lembramos que a consciência da existência de dificuldades sociais e o sentimento de esperança da salvação a partir do trabalho coletivo (Weber, 1991) existiam e eram os componentes principais das práticas daquelas comunidades²⁸. Neste sentido, entendemos que os trabalhos desenvolvidos por estas comunidades sempre procuraram direcionar suas ações para as questões que envolvessem a parte da população menos favorecida, formando agentes sociais que, através da conscientização e práticas políticas, viessem a promover mudanças sociais. Caracterizado pelas dificuldades socioeconômicas de sua população, serviu o Morro da Conceição como uma importante vitrine para o trabalho das CEB's, e nesta comunidade desenvolveu-se os trabalhos das lideranças religiosas ligadas à Teologia da Libertação²⁹. Acerca desta temática, muitas são as avaliações oferecidas por estudos acadêmicos. Marjo de Theije (2002) conceitua as CEB's como fruto e instrumento de propagação da ideologia liberacionista no Brasil, promovendo uma maior conscientização social em prol dos mais necessitados. Diz que:

²⁷ Para melhor visualização e entendimento das atividades ligadas a este pólo, observar o organograma sobre as atividades dos grupos da igreja oficial que se encontra na parte em anexo da dissertação (p. 140).

²⁸ Ver também: SOUZA JÚNIOR, Edvaldo Vieira de (2006). A Igreja Progressista no Recife: Limites e Possibilidades das Ações das CEB's. Recife-PE, 1973 a 1985. Dissertação de Mestrado, UFPE-História.

²⁹ Segundo o historiador Severino Vicente da Silva (2006), credita-se o surgimento das CEB's no Morro da Conceição, à criação do Movimento de Encontro de Irmãos realizado por dom Hélder Câmara. Este movimento se consistia em reuniões de evangelização entre os católicos, onde se eram utilizados meios de comunicação como o rádio para a formatação de uma educação de base.

nesses pequenos grupos, as pessoas lêem a Bíblia e aprendem a comparar o que lêem com o seu dia-a-dia. Isto as inspira a começar a lutar por justiça social, por exemplo, através do ativismo em movimentos sociais ou partidos políticos, e a exigir participação na sociedade brasileira como cidadãos plenos (2002:47).

Em uma outra via católica, identificamos o papel exercido pelos fiéis que se encontram no terceiro pólo de adoração e que é caracterizado como um grupo voltado para o Catolicismo Popular, em que a autonomia e independência das práticas religiosas em relação à devoção santorial (Teixeira, 2005) diferenciam este pólo dos dois primeiros, mesmo que também tenha se forjado a partir da relação entre as práticas das CEB's e as variadas especificações da religião popular³⁰.

Para a identificação e classificação dos pólos, orientamo-nos, entre outros, pelos estudos da pesquisadora Marjo de Theije (2001), ao considerarmos a análise realizada sobre a relação, especificidades de convivência e funcionamento dos vários grupos de leigos católicos em comunidades do interior do estado de Pernambuco. Nessa relação foi constatado que não há, necessariamente, oposição ou incompatibilidade quando da realização de atividades dos variados grupos católicos e seus representantes, percebendo-se inclusive, que esses grupos chegam a conciliar suas variadas ações paroquiais em detrimento dos conflitos e disputas ideológicas da Igreja Católica, por submissão e cumprimento das determinações da instituição religiosa. Contrário a esta leitura, Michael Lowy observa incompatibilidade entre os grupos da Igreja Católica que se ligam à ala tradicional frente à progressista.

O Cristianismo da Libertação é combatido fortemente pelo Vaticano e pelo órgão regulamentador da hierarquia da Igreja na América Latina – o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) – dirigido, desde o início dos anos 70, pela ala conservadora da igreja (2000:58).

³⁰ Sobre o conceito acerca do Catolicismo Popular, destacamos as discussões e revisões realizadas por Márcia Couto (1998), Maristela Andrade (2002), Eloísa Martin (2003), Mísia Reesink (2005; 2007), e Marjo de Theije (2003; 2006), onde certamente serão destacadas novas possibilidades de análises e argumentações quanto às características desta específica prática católica, contudo, ressaltamos que não é objetivo principal deste capítulo, realizar um processo de revisão do conceito.

O autor acima citado entende que os grupos se encontram arraigados em formulações teórico-teológicas que são revalorizadas por suas lideranças eclesiais, e que isso não promoveria a construção de pontes que pudessem ligá-los em suas atividades e sociabilidade.

Em um outro estudo, Cecília Mariz & Maria das Dores Machado (2000) perceberam, por exemplo, como se deu a resistência de fiéis ligadas às CEB's frente a um possível advento das atividades da RCC em comunidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse estudo, constatou-se que as leigas católicas pesquisadas mostravam relutância para adequarem suas ações à ideologia de um grupo subentendido como menos consciente das dificuldades sociais e que direcionava suas ações apenas para o desenvolvimento de uma maior espiritualidade individual.

Diante das últimas considerações, passamos a nos questionar então, se as atividades dos vários grupos religiosos que trabalham no Morro da Conceição, indicam para a constituição de uma rede de convívio, trocas e trânsito religiosos entre os católicos, entendendo como as mudanças ocorridas no controle eclesial e os perfis sociais do fiel católico do campo pesquisado influenciam na escolha e identificação com os grupos e pólos.

- Padres e leigos

Logo após o Concílio Vaticano II, o Catolicismo caracterizou-se por um período em que o trabalho realizado por representantes religiosos laicos assumiu proporções de autonomia até então inesperadas (Della Cava, 1990; Prandi, 1997; Carranza, 2000). Os trabalhos desenvolvidos a partir da doutrina da Teologia da Libertação e, no caso brasileiro, tendo a utilização das CEB's e pastorais como principais instrumentos, transformaram os agentes do laicato em importantes ferramentas de estreitamento entre a instituição religiosa e seus fiéis, seja em nome dos assuntos de interesse sociopolítico da comunidade, seja também em nome da busca por uma maior espiritualidade. Observemos o caso do Morro da Conceição.

Quando da época do padre Reginaldo Veloso (1979 a 1989) a regra geral era que os fiéis católicos – em sua grande maioria, membros da comunidade local – pudessem transitar em um sistema organizacional no qual o conceito de hierarquia era subordinado ao ideal do desenvolvimento de um sentimento socioreligioso capaz de alimentar “corpo e espírito”, igualando-se àquele veementemente defendido por dom Hélder Câmara. Ora, como não analisar as conseqüentes transformações nas práticas destes agentes e da comunidade haja vista o episódio do afastamento deste padre?³¹

O que já sabemos é que o padre Reginaldo continua exercendo influência não só na comunidade, mas também nas ações de alguns dos antigos leigos que ainda fazem parte da igreja oficial, uma vez que estes sempre procuram reverenciá-lo³². Contudo, a recusa de padre Reginaldo aos assuntos eclesiásticos oficiais, nos faz perceber algo de relevância ao nosso estudo, pois, aquela grande maioria de fiéis que era composta por membros da comunidade, nas décadas que envolveram o episódio do afastamento, também não mais atua diretamente nas atividades da igreja oficial. Hoje, esses fiéis estão ligados a atividades de movimentos sociais diversos, às atividades do grupo liderado pelo padre ou a outros assuntos relacionados à comunidade.

Defrontando-nos com as características que compõem o perfil do padre, identificamos que a forma como se deu o processo de seu afastamento atingiu diretamente o interior da liderança religiosa, colocando em cheque seu orgulho, tolerância e ameaçando a sua posição de líder carismático – no sentido weberiano da expressão - que parecia tão consolidada em tal paróquia. Supomos que, assim como outros envolvidos com o ocorrido, padre Reginaldo Veloso nunca perdoou ou aceitou de fato as medidas tomadas pelo seu arcebispo e, de forma

³¹ Lembremos que, no ano de 1989, data que marcou o afastamento, o cenário político nacional passava por um importante período, em específico, pela realização das primeiras eleições presidenciais após o fim do Regime Militar, e com elas, o acirramento ideológico entre conceitos de direita e esquerda.

³² Observamos em reunião do Conselho Paroquial, a importância que se deu a necessidade de convidar padre Reginaldo para a festa de inauguração da obra que reformará a igreja e a tornará um santuário, bem como, o fato de que alguns dos membros mais antigos sempre fazem questão de ressaltar as contribuições já exercidas pelo padre e que, segundo os mesmos, sempre visaram a melhorias para a comunidade.

defensiva, decidiu não só se afastar da igreja oficial, como também construir a sua própria denominação religiosa com um grupo católico fora do espaço institucional, condicionando os que com ele permanecessem à delimitação de uma fronteira invisível, mas resistente, frente a tudo aquilo que se ligasse a instituição oficial. Seus seguidores, inclusive, foram condicionados para que evitassem até mesmo a adoração à Santa da Conceição, nos tradicionais espaços oficiais como o pátio onde se encontra a imagem, o prédio da igreja oficial, a casa paroquial, a Festa do Morro, etc. Tal fato poderá ser constatado ao analisarmos algumas falas do padre e de seus seguidores nos capítulos que se seguem.

A partir da leitura da teoria weberiana, Pierre Bourdieu (1987), em sua obra “*A Economia das Trocas Simbólicas*”, aborda a manutenção do controle ordenado da religião por parte de instituições e indivíduos - especialistas ou leigos - sob o viés teórico da existência de um mercado consumidor de bens simbólicos. Há para o autor uma relação estrutural dentro da religião envolvendo a relação desta com o consumo individual de leigos ou com o que o autor identifica como agentes especializados, formando esta relação, o campo religioso. Nesse sentido, haverá o estabelecimento de disputa e tensão entre a prática dos agentes especializados e a prática dos leigos, e ainda, a disputa interna entre os primeiros³³. Basear-nos-emos em tal teoria para entender como a Igreja Católica do Morro da Conceição administra as atividades de sua comunidade.

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social (1987:57).

³³ Ver Max Weber (1989). *Conceitos básicos de Sociologia*. Brasília. Ed. UNB.

Em contrapartida à representação católica do grupo e do padre acima citados, encontramos na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a representação oficial do catolicismo, que hoje é exercida pelo pe. Josivan Sales. Jovem e de perfil conciliador, o religioso encontra-se à frente das ações paroquiais desde o ano de 2005, dando continuidade ao que ele chama de construção de identidade entre igreja e comunidade, uma vez que, para ele, este elo foi profundamente prejudicado desde os acontecimentos provenientes do afastamento de pe. Reginaldo Veloso e as conseqüentes transformações ideológicas pelas quais passaram a Igreja Católica no Brasil e no morro. Apesar de recém-chegado, o padre tem procurado conciliar suas ações em torno de dois eixos: primeiro, conhecer e, posteriormente, trabalhar os grupos católicos sob o viés de sua coordenação. Segundo, articular e viabilizar a tão esperada obra da reforma da igreja, já iniciada e que não se constituirá como uma simples reforma, mas sim, com a construção de um santuário em homenagem à Santa da Conceição.

Como recente pároco nomeado, acreditamos que não deve ter sido fácil a aceitação do padre Josivan por seus fiéis por entendermos que qualquer pároco, fiel ou liderança leiga que venha a relacionar-se com a comunidade católica do morro, conseqüentemente, estará marcado por todas as dificuldades e os complexos aspectos históricos da mesma. Descobrimos que sendo oriundo da cidade interiorana de Bezerros, esse pároco começou a se interessar pelo sacerdócio na adolescência e teve aproximação com o grupo carismático da paróquia de sua cidade natal. Sobre este processo ele afirmou:

- Fazendo o curso de magistério, eu conheci vários jovens que trabalhavam com a Renovação. Nesse tempo, eu não vivia muito na igreja, na verdade ia à missa umas 04 vezes ao ano. Então, a alegria daqueles jovens e também a espiritualidade me encantou, eu comecei a tentar ajudá-los na questão da catequese e crisma, mas vi que mais que me ajudarem, eles estavam tentando me convencer sobre a Renovação. Passei na Renovação 5 anos. Fiz o que eles chamam de Seminário de Vida no Espírito, que são cursos de aprofundamento de 3 dias. Fiz 5 desses cursos, depois passei a ajudar a ministrar os cursos. Participava da Renovação semanalmente; ajudava nos sábados e domingos; ia a outros grupos; havia grupo de jovens que eu participava, ia pra missa dominical e outras formas de catequese, ou seja, eu me encantei realmente. Somente me desliguei mais da Renovação porque entrei no Seminário. No Seminário de Olinda, as espiritualidades

particulares não possuem muito espaço porque o estudo e oração comum já têm estrutura. Então, por isso e, somente por isso, eu me distanciei, mas não no sentido de se distanciar, mas no perder oportunidades.

– O senhor lembra que chegou ao morro recém-formado. Como foi a percepção daquele primeiro contato com a comunidade?

- Primeiramente, a paróquia do Morro da Conceição tem uma história muito forte. Todos os padres que aqui passaram, possuíam um caráter muito forte e isso é uma marca indelével no Morro da Conceição. Quando se soube que o padre recém-nomeado tinha 26 anos foi um susto, porque muitas pessoas acharam que ele não seria capaz de organizar a paróquia ou mesmo impor-se diante da comunidade. O padre chegou também, no sentido que ele não havia escolhido a paróquia, não havia pedido a paróquia, ela não tinha muitas opções, não havia muitos padres dispostos a virem aqui, até porque, muitos padres com relação ao Morro da Conceição têm certo medo. Ainda se tem a idéia de que a comunidade de padre Reginaldo é muito viva aqui, e realmente o é, mas não interfere na paróquia. E, o Morro de Casa Amarela tem a Festa do Morro e todo mundo sabe que dá muito trabalho cuidar dessa Festa.

Apresentamos no capítulo dois, um resumo da trajetória de padre Josivan, em que pudemos nos deparar com alguns aspectos importantes. Percebemos que, em sua formação, o pároco manteve contato com o movimento da Renovação Carismática de sua cidade natal, mas este não permaneceu próximo àquele. No Morro da Conceição, o pároco promoveu o afastamento da RCC de sua paróquia, alegando que tal grupo seria mais eficiente se direcionasse suas ações a outra comunidade – sobre este aspecto, teceremos maiores comentários adiante. Na entrevista, o pároco revela a dificuldade com a qual se deparou, quando da sua chegada à igreja. Ciente de todo o processo conflituoso pelo qual a mesma passou, pe. Josivan acredita que fora escolhido por se encontrar disposto a exercer uma função que promovesse a conciliação entre os fiéis católicos da localidade, dando funcionalidade às determinações da igreja oficial.

Por fim, vimos que, em seu discurso, o jovem padre tenta dissimular a tensão existente entre seus fiéis e os seguidores da Igreja de Resistência e Fé. Para ele, não há mais qualquer conflito ou oposição como o que ocorrera em tempos remotos, contudo, o pároco critica aqueles que, diferentemente do que ele e seus superiores defendem, procuram colocar suas ações acima das determinações da hierarquia eclesiástica - como a RCC e o grupo de padre

Reginaldo - identificando-se, desta forma, como o verdadeiro pároco e líder religioso do morro. Sobre este aspecto, o tempo tem sido um facilitador do processo, pois, no que tange a relação com os grupos, vemos que, mesmo não necessitando de uma aprovação prévia do pároco para realização de suas atividades, as lideranças costumam comungar com o mesmo sobre o andamento de suas ações.

- Paróquia e comunidade devem seguir quais objetivos?

- O principal objetivo da paróquia, logicamente, em tese doutrinal, é levar o evangelho às pessoas. Isso se desdobra em vários aspectos: individual, social, espiritual, pastoral. Então, na prática, a paróquia busca que as pastorais, todas elas, desenvolvam bem seu trabalho e se há necessidade de mais pastorais, que se criem. Recordando que todas as pastorais têm seus líderes, mas são guiadas pelo padre, que deve se guiar pelo bispo e se guiar pelas diretrizes do Papa. Que haja uma direção oficial da igreja e essa direção seja efetivada por vários grupos. O ideal é que o trabalho de cada pessoa seja bem desenvolvido.

- Quais seriam os desencontros ou quebra de alinhamento e de unidade citados pelo senhor no início de sua relação com a comunidade?

- Citemos dois casos: as pastorais existem, digamos a pastoral de tal coisa; ela cuida de tal coisa. Então, as pastorais são coordenadas pelo padre em linha geral, mas quem coordena na prática são pessoas concretas. Mas se aquela pessoa está atuando em desconformidade com a paróquia ou se ela já abarca muitas pastorais, ou não deixe lugar para outras pessoas que também sejam líderes, ela deve ser orientada. Outro exemplo é alguma pessoa que por algum caso concreto não simpatize com o padre. Aí simplesmente junta um pequeno grupinho para fazer oposição. O padre pode conversar dizendo não façam isso por não ser esse o caminho. Ao se conversar com esse grupo se diz: ou esse grupo entra em acordo ou ele não precisa mais continuar. Lógico que há um choque bastante grande. Então isso ocorreu no passado, mas apesar disso a paróquia continuou a caminhar, e agora, com mais clareza, sabendo o que se quer, o que se busca e como se trabalha.

Tomemos esse trecho da entrevista como suporte para a constatação de uma característica personalizada do pároco e que passa pelo condicionamento de todas as atividades realizadas pela paróquia a partir da consideração e afirmação de sua autoridade. Respeitador da hierarquia eclesiástica que o absorve, pe. Josivan também se preocupa em manter tal relação com seus subordinados, orientando-os como líder detentor de um carisma institucional, burocrático, pois frente à veneração de alguns católicos em torno da figura do padre Reginaldo, resta ao atual pároco acomodar-se aos processos de rotinização e

burocratização promovidos pelas instituições para, através da força institucional, praticar e consolidar sua liderança. Consultando Max Weber³⁴, podemos melhor entender o argumento:

A ênfase sobre a ‘soberania do homem carismático’ não minimiza a mecânica das instituições; pelo contrário, acompanhando a rotinização do carisma, pode-se atribuir um acentuado peso causal às rotinas institucionais. Assim, conserva-se um determinismo social ressaltando a rotinização do carisma. (...) O carisma da primeira hora pode incitar os seguidores de um herói ou profeta a esquecer a conveniência em favor dos valores finais. Mas, durante a rotinização do carisma, os interesses materiais de um seqüito em crescimento constituem o fator mais forte. Um movimento carismático pode ser rotinizado no tradicionalismo ou na burocratização. (...) A rotinização do carisma, sob aspectos essenciais, é idêntica à adaptação às condições da economia, por exemplo, ou seja, às rotinas continuamente efetivas da vida de trabalho diária. (...) é o equilíbrio antinômico dos movimentos carismáticos (líderes e idéias) com a rotinização racional (instituições duradouras e interesses materiais) [2002: 38].

Mediante tal característica, poderíamos afirmar que esta seria uma diferença clássica entre duas lideranças religiosas diferentes que representam, no caso em estudo, duas correntes teológicas distintas e se valem de meios e instrumentos diferentes para melhor exercerem seus controles frente aos grupos por eles liderados, bem como, para delimitar espaços e territórios simbólicos de execução de seus carismas, ideologias e práticas político-religiosas.

Passemos a refletir sobre o perfil do pe. Reginaldo Veloso. Na entrevista realizada com o mesmo, o que temos é uma reafirmação de toda uma característica autônoma que estaria presente em Comunidades Eclesiais de Base, porém, além disso, também percebemos a importância e o reforço político que a instituição pode representar quando aliada aos trabalhos de uma liderança religiosa, pois é o que afirma abaixo:

- Olhe, nós, no tempo da paróquia, trabalhávamos o tempo todo num regime de federação de comunidade. Eram comunidades autônomas, cada uma organizava sua vida para todos os serviços necessários, para todos os grupos, movimentos; tudo era organizado no âmbito de uma comunidade eclesial de base. Evidentemente, a estrutura da instituição tem um peso muito grande na cultura do povo: o jeito do povo ver e pensar, e o trabalho que a gente fez não foram suficientes, como dizer, para fazer frente ao apelo permanente da instituição que tem sua infra-estrutura vistosa, tem suas igrejas, suas capelas, seus prédios, salões comunitários; a gente não tinha nada disso, a gente foi privado de tudo. Aliás, eu diria que enquanto a gente

³⁴ Weber (1991:208) identifica que as várias manifestações em que se podem expressar o dom ou instrumento do carisma passam pela “*característica principal de ser extraordinário, onde indivíduos e objetos podem possuí-lo ou o desenvolver e que, também em momentos especiais, o mesmo pode estar em toda uma coletividade*”.

segurou toda essa infra-estrutura, a gente segurou também às pessoas participando³⁵.

- E com relação às comunidades ligadas à Igreja de Resistência e Fé?

- Essas comunidades elas se reúnem para momentos de reflexão, por exemplo, tem a campanha da fraternidade que é um tema específico todo ano. A campanha da fraternidade é da Igreja Católica. Consideramo-nos da Igreja Católica, apesar de termos a nossa autonomia. Claro que entre essas pessoas existe uma amizade, uma atenção, um cuidado aqui acolá; uma adocece, o outro justifica sua ausência; os participantes estão ali juntos, se ajudam. E depois, essas pessoas são continuamente motivadas a estarem presentes na vida do povo. Por exemplo, em cada uma dessas comunidades, surgiu por força de trabalho de evangelização a associação de moradores.

Destacamos aqui, que padre Reginaldo, mesmo que identificando o caráter de autonomia de seus grupos, não despreza o seu carisma como líder e o transforma, de forma específica, em carisma de caráter institucional, pois tenta promover, no âmbito do catolicismo do Morro da Conceição, a criação de um grupo que se identifica como Igreja de Resistência e Fé, e concomitante a outras comunidades, celebra atividades religiosas como batismos, casamentos e celebrações eucarísticas sob sua batuta, ou seja, formas de sacramentos. O padre aponta para a existência de uma relação paralela, mas conjunta, entre a sua igreja e a oficial. Observemos que as duas adotam, por exemplo, o tema da Campanha da Fraternidade da CNBB como doutrina para cumprimento de seus objetivos anuais. Decerto que, muitas vezes, apresentando-se como imparcial às ações promovidas pela igreja oficial, pe. Reginaldo, quase sempre, se mostra ambíguo em seus depoimentos. Em um momento anterior, o mesmo falava em rupturas e procura por um distanciamento a tudo que pudesse estar ligado à igreja do morro, ao mesmo tempo em que, defendendo as características autônomas de suas comunidades, termina por destacar a importância, ou pelo menos reconhecimento, que deve se dar ao grupo por ele liderado. Ainda neste sentido, afirmou que há entre seus fiéis comportamentos de trocas, reciprocidades e solidariedade, mas que, tais procedimentos não

³⁵ Veremos mais a frente que o grupo da Igreja de Resistência e Fé possui características que apontam para uma gradual diminuição de seus seguidores, pois sua formação etária e até mesmo ideológica, não procura promover um indicativo de renovação.

podem ou devem ser comungados com os seus demais irmãos católicos devido às diferentes identificações do ser católico no Morro da Conceição.

Com base nessa característica, podemos nos valer do artigo da pesquisadora Cecília Mariz (2003), “*A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja?*”, que analisa a mudança ocorrida quando do início da RCC, uma vez que este grupo desejava se apresentar como um movimento que havia se originado com a possibilidade e missão de transformar toda a Igreja Católica, mas que, com o tempo, rendeu-se à força hierárquica da instituição, envolvendo-se com ela em uma relação de interdependência. Utilizando o que foi apontado pela pesquisadora, podemos correlacionar este estudo, guardada a devida distância, com o que hoje ocorre no Morro da Conceição em relação ao grupo de padre Reginaldo Veloso, pois mesmo estando fora da igreja oficial, suas práticas convergem para a ritualização de vários preceitos e práticas da Igreja Católica. Ao contrapormos a relação entre a Igreja de Resistência e Fé e a Igreja Católica Oficial, poderemos perceber que, mesmo apresentando-se como alternativa, a relação existente com a instituição oficial se faz presente quando a liderança religiosa de padre Reginaldo utiliza-se de vários instrumentos sacerdotais nas práticas ritualísticas que desempenha junto aos seus fiéis seguidores, situando-os em um jogo de disputas e interdependência.

- Os grupos e suas atividades

Desde os nossos primeiros contatos com a comunidade ligada à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, conseguimos identificar a existência dos principais grupos que nela atuam. Interessante observar que quando do processo de investigação, na busca de características que diferenciavam um grupo do outro, sempre nos deparamos com dois aspectos particulares: primeiro, um que nos explica, através das lideranças, que os demais grupos estão ligados a um principal, no caso, aquele que se lidera. Por exemplo: ao colhermos

informações sobre o grupo Legião de Maria e a relação deste com os demais grupos, sua liderança tenta nos convencer que todos os grupos que atuam na Igreja Católica do Morro da Conceição estão subordinados ao grupo por ela coordenado. Paralelamente, quando da realização do mesmo processo junto à liderança de um outro grupo, por exemplo, com a líder do Apostolado da Oração, percebemos a mesma preocupação em esclarecer a existência desta hierarquia entre os grupos, sendo que nesse caso, são os outros grupos que ao dela estão subordinados.

Seriam as características acima, consequência da autonomia herdada com o tempo das CEB's e que terminaria por confundir os leigos quanto à hierarquia eclesiástica? Se considerarmos o trabalho realizado por Carlos Alberto Steil (2004), com grupos católicos inseridos em um contexto de peregrinação, identificamos uma relação de justaposição, em nível discursivo, dos elementos que constituem a relação entre grupos e instituição religiosa, em virtude da necessária convivência entre os mesmos, diferentemente do que temos entre os grupos citados acima, pois entre eles identificamos que há uma disputa por hegemonia. No que tange os grupos do Morro da Conceição, sabemos que muitos dos fiéis que um dia passaram pelas atividades das CEB's, hoje se encontram nos postos de controle dos variados grupos existentes no primeiro pólo, por outro lado, a maioria dos que compõe os grupos, não possui tal experiência e, se não são mais novos, geralmente, são advindos de outras localidades, levando-nos a entender que, contrariamente à idéia de justaposição, temos no nosso campo de pesquisa uma relação de disputa interna entre os grupos coordenados pela Igreja Católica.

Por outro lado, como segundo aspecto, identifica-se a co-participação dos fiéis em mais de um grupo. Nesse sentido, a disputa se dá entre as lideranças dos grupos, enquanto que o fiel, o leigo comum, parece se comportar dentro do padrão de trânsito religioso leigo, como definido por Marjo de Theije, no livro: *“Tudo que é de Deus é bom”* (2004). Na realização de

nossas observações participantes das atividades, não foi difícil constatar que alguns dos fiéis costumam freqüentar dois ou mais grupos, promovendo um fluxo de atividades visto pela paróquia como salutar, pois os mesmos dividem-se em mão-de-obra nas várias atividades. Constatamos que mesmo havendo liberdade para que os fiéis transitem entre os grupos - cabendo a eles escolherem a participação nas atividades a partir da própria identificação com os horários do grupo, da participação de amigos e parentes, da identificação com o lema do grupo ou de suas lideranças - o mesmo intercâmbio não ocorre entre suas principais lideranças leigas, como também observou a pesquisadora Marjo de Theije no trabalho citado.

Os grupos estudados preocupam-se, em suas atividades cotidianas, em se aliarem à igreja no intuito de promoverem atividades que buscam uma religiosidade apropriada dos valores cristãos, preenchendo as lacunas deixadas entre as atividades oficiais da paróquia, como a realização de batismos, casamentos e celebração de missas. Poderemos constatar mais adiante, que a composição dos fiéis envolvidos nestas atividades passa pela predominância de mulheres em idade adulta, geralmente donas de casa que dividem suas atividades domésticas com as da paróquia. Como representantes leigos, nenhum deles se preocupa em receber algum tipo de rendimento financeiro com relação aos seus trabalhos, a não ser os que realizam atividades específicas na igreja, como limpeza, segurança, etc. Também não são muitas as pessoas que compõem os grupos. Diferente do que foi afirmado por várias lideranças, os que estão ligados diretamente nas atividades de cada grupo variam entre cinco e quinze representantes, fazendo com que as atividades contem com a participação de outros membros não tão diretamente ligados, formando grupos de trinta a quarenta pessoas em média.

- Grupos do Primeiro Pólo:

Os grupos que compõem este pólo são aqueles formados por leigos que estão ligados diretamente às atividades da paróquia e à Igreja Católica. Todas suas lideranças estão subordinadas às decisões e aconselhamentos de pe. Josivan Sales, e estas procuram direcionar suas atividades em atuação condizente com as determinações da arquidiocese. Contudo, mesmo de doutrinação teológica específica, os grupos variam de acordo com o perfil de seus membros. Passemos a descrevê-los:

1. Apostolado da Divina Misericórdia (A.D.M.):

No intuito de melhor obter informações acerca das práticas deste grupo, havíamos agendado com dona Rosália, a nossa participação nas atividades coordenadas por ela. Este grupo reúne-se todas as sextas-feiras, às 15h. Observamos que se trabalha com cerca de quarenta pessoas reunidas nos salões da igreja, pois as atividades podem ser realizadas em lugares diversos em conveniência com as atividades oficiais da paróquia.

As atividades são orientadas por dona Rosália com o auxílio de dona Genilda (vice-presidente do grupo) além da colaboração de dois jovens. Há leituras de passagens bíblicas e a realização de orações em louvor a Jesus Cristo e Nossa Senhora da Conceição. Após essas ações, são feitas leituras de salmos com a repetição dos fiéis em coro (tal ato lembra em muito a realização de uma missa). Posterior aos ritos iniciais, dá-se uma pausa e procura-se refletir sobre o grupo quanto ao cumprimento de suas atividades seguindo o modelo de ações de um bom cristão no dia-a-dia³⁶. Neste momento, um material é repassado aos fiéis para que os mesmos possam acompanhar a celebração, mas não em quantidade suficiente para todos.

³⁶ Apesar de realizada por fiéis leigos, esse tipo de atividade observada nos parece muito eficaz; são os próprios leigos que se apropriam do texto do livro que os orienta e ali, na Igreja Católica, o repercutem. Vejamos que se pe. Marcelo Rossi canta para milhões, na atividade observada, as informações e ensinamentos passados repercutem com maior qualidade.

Ao abrir-se um espaço para que depoimentos de graças recebidas fossem apresentados, dona Rosália cobra: “ninguém tem nada a agradecer?!”. Isso foi feito de maneira taxativa, incentivando-se o grupo. Depois, a líder passa a fazer a leitura de um texto inspirado na vida de *Santa Faustina*³⁷ e para isso, cobrou-se a atenção de todos para a leitura, pois os mesmos seriam questionados em seguida. Após algumas opiniões, são dadas as impressões da leitora.

Nas falas dos fiéis percebemos um viés discursivo que trata da necessidade de se passar por momentos de sofrimento na vida, com a expectativa de que tal processo venha a desencadear o crescimento dos fiéis, aprendendo-se a valorizar a vida. Dona Genilda exclama: “*Eu fico feliz quando sofro, e gosto, porque sei que Deus está ali!*”.

O encerramento da atividade se dá por volta das 16h com a preocupação das lideranças sobre onde serão realizadas as próximas reuniões durante o período de obras de construção do Santuário. Segundo a líder, o grupo está sendo divulgado. Ainda na atividade, os fiéis são estimulados para que estes coordenem o Oratório (formação de grupos com 15 pessoas) e pedem-se cantos para que se anime um pouco o grupo. Antes do encerramento definitivo, abre-se um espaço para informes e questões orçamentárias.

Descobrimos que o Apostolado da Divina Misericórdia existe no Brasil desde 1981, preocupando-se em propagar o exemplo de Santa Faustina, uma vez que Esta foi evocada por Jesus Cristo a exercer a missão de salvamento dos homens. O grupo do morro também tenta preocupar-se com o social exigindo algumas condutas específicas dos seus fiéis como as que serão apresentadas e foram extraídas do livro eclesiástico que orienta o grupo: a) dedicar total confiança as exigências da misericórdia divina; b) professar os ensinamentos deixados por Santa Faustina; c) suplicar freqüentemente a Sua misericórdia sobre o mundo; d) rezar o terço

³⁷ Religiosa nascida na Polônia que viveu entre 1905 e 1938. Filha de família simples dedicou sua vida a preocupação para com os mais pobres e, principalmente, a extenuantes provações com intuito de promover a redenção de todos os homens da terra perante Deus, além disto, é a Ela que os seguidores deste grupo dirigem suas devoções tomando-a como ícone de veneração.

da Misericórdia; e) venerar o quadro de Jesus Misericordioso e celebrar a verdade através da participação ativa e responsável na Liturgia da Igreja, sobretudo a Eucaristia e a Confissão.

Em suma, podemos dizer que este grupo é composto, na sua maioria, por mulheres, e essas fiéis possuem uma média de idade que supera os 60 anos. Entre outras características, citamos o estado civil destas fiéis composto por viúvas, e que as mesmas possuem baixo nível de escolaridade. O número de participantes do grupo não é grande, porém possui boa representatividade na comunidade, certamente, por ter, na maioria de seus fiéis, moradores do bairro. Por último, podemos observar que, assim como em todos os outros grupos, a maioria dos fiéis do Apostolado da Divina Misericórdia, não possui ocupação remunerada³⁸.

2. Apostolado da Oração (A.O.):

Este grupo considera-se como um dos mais importantes da comunidade católica local. Talvez, este seja o principal grupo devido a características particulares: primeira porque é visto como um dos mais antigos e, certamente por isso, engloba entre seus leigos uma grande maioria de pessoas com elevada média de idade. Como exemplo, podemos observar o perfil de sua principal liderança leiga: dona Servi. Esta estimada senhora já passa dos 70 anos de idade, sendo desses, quase 50 anos de comunidade. Em nossas conversas, sempre demonstrou apreço por dom Hélder Câmara e seus seguidores, mas nunca deixou de ressaltar outras importantes figuras do cenário político e eclesial que, em distintos momentos, esteve em oposição ao arcebispo. É quase impossível não encontrar Dona Servi nas atividades da comunidade do morro, sejam elas religiosas ou sociopolíticas. A mesma coordena além deste grupo, o Conselho de Moradores, Grupo da Terceira Idade e Conselho Paroquial.

As atividades do grupo citado acontecem apenas na primeira sexta-feira de cada mês e seu ritual não diferencia muito do apresentado pelo grupo anterior ou com o da Legião de

³⁸ Conferir Gráfico 1: Relação entre grupos e ocupação remunerada, em Anexos, p. 133.

Maria, porém, podemos destacar o fato de se ter a participação de católicos leigos nos grupos da igreja combinados com o ativismo social, principalmente aqueles que se identificam com lideranças que já trabalharam nas CEB's.

Quanto ao perfil do grupo analisado, há de se observar que cerca da metade dos entrevistados está na faixa etária acima dos 70 anos, assim como no grupo anterior. A outra metade, espalha-se entre os que têm mais de 31 anos, onde se evidencia a experiência que muitos destes membros tiveram com as CEB's em décadas anteriores³⁹.

Além disso, o grupo também é composto na sua totalidade por mulheres, e essas moram no Morro da Conceição. Algumas destas leigas afirmam possuir ocupação remunerada, mas não correspondem a maioria. No que tange ao estado civil e aos filhos, apresentam-se como casadas ou viúvas e mães de pelo menos uma criança. Por fim, nenhuma componente do grupo entrevistada afirmou possuir o ensino médio. Na verdade, a maioria dos participantes deste grupo, quando possuem algum nível de escolaridade, não chega a passar do ensino fundamental I.

3. Legião de Maria (L.M.):

Este é mais um grupo de forte tradição no morro. Com a prévia observação do seu nome entendemos que o mesmo trata da adoração mariana. Composto essencialmente por mulheres, o mesmo preocupa-se em realizar atividades semanais, ritualísticas e espiritualizadas, seguindo as orientações da paróquia.

Na observação de suas atividades, percebemos que no início se reza um Pai Nosso seguido da oração da Ave Maria, realizada por ininterruptas nove vezes, encerrando-se com a oração Glória ao Pai. Este ritual se repete outras ininterruptas quatro vezes em virtude da celebração dos Mistérios de Cristo. Depois desse rito inicial, são feitas mais orações e leituras.

³⁹ Ver Tabela 1: Composição dos grupos quanto a faixa etária, em Anexos, p. 134.

Segundo dona Edileuza, há dois subgrupos: o das crianças, composto por quatorze membros e que é chamado de Grupo de Nossa Senhora da Esperança; e o grupo dos adultos, chamado de Rainha da Paz. A líder também nos explicou sobre a divisão do grupo e comentou a ausência de uma secretária, lembrando-nos a percepção do quanto de amadorismo há em alguns grupos, pois sempre há dúvidas sobre os procedimentos a serem seguidos. Nos encontros, tínhamos a sensação de que as ações nem sempre estavam bem preparadas.

Sobre o perfil do grupo, percebemos ser comum encontrarem-se crianças e adultos, sendo a faixa etária do grupo, menor que a dos anteriores. Também encontramos a predominância de mulheres que são donas de casa, em sua maioria e não possuem alguma fonte de renda própria. Seus integrantes apresentam, na maioria, o ensino fundamental completo (nível II), moram no próprio morro e não realizam ocupação remunerada. Talvez pela média de idade mais baixa, muitos ainda se identificam como solteiros e sem filhos⁴⁰.

4. Sociedade São Vicente de Paulo (Vicentinos):

Este grupo se baseia nos dogmas do livro: “*Regra da Sociedade de São Vicente de Paulo no Brasil*”. Segundo sua liderança, o grupo foi fundado no Morro da Conceição, em 1994, e a mesma reforçou a informação de que a imagem da Santa da Conceição foi trazida ao morro, no início do século passado, com a ajuda do grupo dos Vicentinos de Pernambuco.

Antes do início da reunião dos Vicentinos, acompanhamos alguns adolescentes - orientados por dona Josiane, liderança leiga do grupo - que oravam na casa paroquial. Dentre as orações que eram realizadas pelo grupo, também foram feitos alguns pedidos. Encontramos pedidos que se direcionavam a intercessão de Nossa Senhora junto a questões pessoais e universais, inclusive, vários foram os pedidos pela realização das obras do Santuário. Também se fez a leitura de uma pauta no mesmo molde dos outros grupos. Às 19h é que se iniciam as atividades com os adultos, a partir da reza do terço e a reflexão dos mistérios.

⁴⁰ Verificar no Gráfico 2: Relação de grupos com estado civil, em Anexos, p. 134.

Durante as orações do grupo, que observávamos, percebemos a chegada de uma senhora e seu filho, os quais também já haviam sido vistos na Legião de Maria, reforçando a constatação de que vários leigos participam de vários grupos informalmente, certamente, pela proximidade deste com a instituição religiosa e a vivência de um cotidiano diretamente ligado ao seu local de moradia⁴¹.

Quanto ao perfil dos Vicentinos, percebemos que o grupo se apresenta com um pequeno número de participantes e na sua maioria composta por adolescentes. Certamente, por essa composição com jovens, temos no grupo um bom índice de escolaridade, uma vez que a maioria possui o ensino médio completo. Também pelo fato de se estar trabalhando com um grupo jovem e de boa escolaridade, percebemos que, primeiro: muitos ainda não possuem ocupação remunerada por dedicarem-se mais aos estudos; segundo, a maioria se apresenta com o estado civil de solteiros, e sem filhos. Por fim, considerando o perfil acima e a consideração de que quase todos os membros moram no próprio morro, deduzimos que este grupo aponta para uma renovação nos próximos anos por intermédio de seus membros.

5. Grupo Terço dos Homens:

Para a análise deste grupo, consideremos uma outra principal característica a ser observada na comunidade católica estudada: a diferenciada participação que envolve homens e mulheres dentre as variadas atividades da paróquia. Com base nos dados levantados

⁴¹ Neste momento de mais uma repetição ritualística, permitimo-nos a sair da reunião para nos dirigir à Igreja. Encontramos um grupo de pessoas que foram apresentados como Conselho (Reunião) da Liturgia, pelo Sr. Valter: uma freira e lideranças de outros grupos que celebravam atividades e orações paralelas ao outro grupo que estava sendo observado. Ressalvando o sentido paralelo dessa atividade, percebemos que os variados grupos do primeiro pólo possuem alguns objetivos ritualísticos diferenciados. Enquanto os Vicentinos promoviam uma atividade mais espiritualizada, o Conselho citado procurava organizar-se e dividir-se em tarefas que se encarregavam das ações religiosas da paróquia durante as celebrações. Neste caso, o encontro parece ter um caráter mais informal, preocupando-se os ali presentes, cerca de 10 pessoas divididas por representantes de outros grupos, em apenas dar encaminhamento à pauta de atividades estabelecida entre suas lideranças.

questionários, chegamos à análise que aponta para uma significativa diferença quanto à relação que envolve participação em grupos e gênero⁴².

Com a observação da Tabela 2 e Gráfico 3, na parte em anexo, vimos que apenas um quarto dos devotos, que compõem toda a comunidade católica, é formado por representantes do sexo masculino⁴³. A partir disto, quando falamos de participação entre homens e mulheres nos grupos, a disparidade é ainda maior. É sobre esse aspecto que trabalha o grupo do Terço dos Homens, preocupar-se em resgatar a participação masculina na igreja. Para isso, por pelo menos dois anos consecutivos, vem celebrando uma procissão de devoção a Santa da Conceição na véspera de seu dia, no intuito de promover a divulgação do nome e atividades do grupo.

Apesar de nacionalmente o movimento informar que trabalha com cerca de 200 mil homens nas igrejas católicas, o fato é que, na paróquia do morro, sua presença não é das mais perceptíveis. A realização das atividades gira basicamente em torno de celebrações ritualísticas preocupadas com a espiritualização, mas que também promovem ações pastorais condizentes com as determinações da Igreja, contando ainda com a participação de algumas mulheres, geralmente leigas de outros grupos ou parentes.

Quanto ao seu perfil, temos que o grupo é composto em sua maioria por membros que moram no próprio morro e, apesar de possuir uma avançada média de idade, como a maioria dos componentes dos outros grupos, este difere dos anteriores por apresentar bom nível de escolaridade; predominância do ensino médio completo.

Certamente, devido a grande presença de homens, seus membros possuem ocupação remunerada, mas não são casados, assim como, também não possuem filhos.

⁴² Verifiquemos a Tabela 2: Relação da participação geral em grupos a partir da variável gênero, e posteriormente, o Gráfico 3, sobre a mesma relação, em Anexos, p. 135.

⁴³ Isto, considerando que para aplicação dos questionários, vários foram os escolhidos de forma aleatória entre aqueles que se encontravam como possíveis devotos da imagem da Santa da Conceição, ou seja, de maneira independente a participação em grupos. Sobre a relação entre atividades religiosas e gênero, consultar Maria das Dores Machado & Cecília Mariz (1997; 2000) e Marjo de Theije (2003).

6. Grupo da Renovação Carismática Católica

Poderíamos questionar a ausência do grupo da Renovação Carismática Católica nas relações entre gráficos e tabelas apresentadas. Podemos observar que não houve nenhuma citação por parte dos entrevistados de que algum deles pudesse fazer parte das atividades da RCC, explicando o fato do programa SPSS não citar tal componente em variável.

Lembramos que nos primeiros contatos oficiais que fizemos com a comunidade, defrontamo-nos com certa surpresa e incômodo de alguns dos informantes sobre nosso possível interesse em pesquisar os carismáticos. Com o transcorrer da pesquisa, deparamo-nos com alguns aspectos que nos fizeram melhor refletir sobre tal ausência. Hoje, nos é evidente que o grupo afastou-se, ou foi afastado do coletivo religioso, por incompatibilidade ideológica entre suas ações e a dos demais grupos da comunidade. Embora esse fato não seja realmente admitido pelos membros da comunidade católica, constatamos uma disputa interna na comunidade estudada, pois mesmo que fique evidente a tentativa do atual pároco em amenizar tais aspectos, o mesmo, em fala anterior, repreende a tentativa de grupos ou pessoas que se colocam acima da Igreja. Em 2005, sempre que perguntávamos sobre a presença da RCC, a regra geral consistia em surpresa ou sentimento de indiferença junto aos informantes. Em conversas recentes com lideranças leigas nos foram apontadas duas possibilidades para a citada ausência: uma primeira que confirmaria a incompatibilidade ideológica da RCC frente a uma comunidade que historicamente desempenhou trabalhos ligados às CEB's; e uma segunda que aponta para a adoção de uma estratégia alternativa adotada pelos carismáticos ao procurar se dirigir para uma outra paróquia, já que na do Morro da Conceição não se conseguiria arrebatar e mobilizar o número de fiéis desejado e com o qual o grupo está acostumado a mobilizar em outras arquidioceses.

Devemos notar que o grupo da Renovação é conhecido nacionalmente como apreciador da cosmologia mariana. Nesse sentido, como entender a sua não participação em

uma comunidade referenciada pela sua devoção à Virgem Maria? No artigo: “*As duas Virgens Brasileiras: local e global no culto mariano*”, Rita Laura Segato (2003), comenta que a Renovação Carismática Católica tende a enfatizar um estilo de devoção mais globalizado, frente à relação deste grupo com aparições marianas ocorridas no Brasil e no mundo, e que, devido as suas diferentes situações e repercussões, podem ser categorizadas como culto mariano de alcance local e outro de expansão global. Também lembramos que padre Josivan, atual pároco, teve no início de sua formação religiosa, uma forte aproximação com o grupo da RCC e a ideologia carismática, o que nos intriga quanto a sua decisão de afastar o grupo.

Quanto ao entendimento da RCC, vários foram os trabalhos desenvolvidos sobre o fenômeno carismático no Brasil: Mariz & Machado (1994; 1998); Machado (1996); Prandi (1997); Miranda (1999); Maués (1998; 2000); Carranza (2000); Benedetti (2001) e Marjo de Theije (2002), entre outros. Todavia, neste trabalho, não iremos nos aprofundar em uma apresentação do que representa a Renovação Carismática Católica, mas, sobretudo, nos preocuparemos em apresentar nossas análises sobre o seu isolamento da paróquia estudada com base na pesquisa de campo e entrevistas com lideranças leigas e religiosas. Nesse sentido, apresentamos trechos da entrevista com uma das lideranças leigas operantes na comunidade católica do morro, e seu presumível desinteresse sobre o assunto ligado aos carismáticos.

- A senhora (dona Genilda) como uma das principais lideranças leigas da paróquia não chega a sentir a ausência das atividades dos carismáticos?

- Não. O grupo não realiza suas atividades na igreja do morro, mas sim, na casa das Irmãs, no Alto José Bonifácio, desde 2005, somente isso.

Dona Rosália completa: - Ele foi pra lá porque as meninas que eram do ‘Deus Existe’, elas tiveram que ir pra lá, se mudaram pra lá pra tomar conta da paróquia. Porque lá era abandonado, não tinha quem tomasse conta. Então na reunião do conselho foi sugerido pelo padre Josivan e a gente aprovou, que faria uma comunidade lá pra elas morarem lá. Então quando elas foram morar lá, fica mais fácil elas fundarem lá. Não que aqui acabou, acabou não, só que deu uma pausa, por causa do tempo que é pouco.

Frente às declarações das lideranças leigas e sua aparente postura desinteressada pelo ocorrido, observemos agora o que diz o líder paroquial sobre o assunto, considerando a possibilidade de que a liderança religiosa se valeu do afastamento do grupo da paróquia por entender que seu líder eclesiástico, o arcebispo dom José Cardoso Sobrinho, não se interessa ou aprova lideranças religiosas que trabalhem em suas paróquias seguindo os preceitos da RCC, uma vez que estes representam uma ordem eclesiástica que se pretende independente da hierarquia, sobretudo com relação a questões litúrgicas.

No momento em que realizamos nossa entrevista, padre Josivan foi enfático em afirmar que a transferência do grupo da Renovação Carismática do morro, por ele encaminhada, foi feita no simples intuito de poder-se promover uma maior organização hierárquica entre leigos e instituição religiosa na comunidade para onde o grupo foi deslocado. Não obstante a afirmação do religioso – pois a mesma afirma a dissonância ideológica entre grupo e comunidade estudada – procuramos recorrer a observação de outros depoimentos sobre o assunto, uma vez que, considerando a influência histórica dos trabalhos desenvolvidos pelas CEB's, nos intriga perceber que tal transferência possa passar por uma simples e pragmática ação administrativa da paróquia, pois, em contrapartida às CEB's, sabe-se que a RCC possui um assumido aspecto de conservadorismo no que diz respeito às suas ações litúrgicas. Dona Jô, liderança dos Vicentinos, reforça o argumento paroquial:

- Algo que tenho percebido é a ausência do grupo da Renovação Carismática. Eu soube que ele não trabalha mais aqui, trabalham em outra igreja. Por que se deu essa diferença com os carismáticos?

- Bem Jamerson, a parte carismática, eu acho que eles deveriam voltar, mas se deu a essa mudança porque quando pe. Josivan veio e ele viu que a comunidade José Operário precisava de alguém, de um grupo firme lá, então a parte carismática, que fazia o 'Deus Existe', que são umas pessoas maravilhosas, então o padre foi o que ele fez; ele pediu, elas aceitaram, o grupo Deus Existe aceitou, e eles residem lá, tomando conta da capela José Operário, e assim não mais. É claro, como a matriz ainda continua abraçando todos os grupos, mas assim, o trabalho mesmo direcionado que a equipe carismática tinha, realmente foi afastado por causa disso.

Questionamos por várias vezes aos nossos informantes, de início mais sutilmente e depois de maneira mais enfática, se não haveria de fato algum indício de incompatibilidade entre a realização dos grupos católicos do morro com o da RCC - conforme já foi observado por Mariz e Machado (2000), em outras comunidades católicas - contudo, mesmo para as lideranças deste grupo da RCC, tal prática paroquial não passou de simples acomodação às necessidades de todos os envolvidos. A liderança leiga que representava o grupo analisado, a jovem Shirley, também procurou reforçar a idéia de que tal transferência não passou por simples adequação do grupo às necessidades da paróquia. Diante das diferentes e ambíguas repostas apresentadas, procuramos analisar o que nos parece evidente: a missão dada ao grupo carismático serviu como subterfúgio para que a comunidade católica do Morro da Conceição estivesse totalmente enquadrada sob a administração de seu atual padre, bem como, identificada com as doutrinas teológicas defendidas pelo seu arcebispo, evitando que este grupo, dada a sua característica de maior autonomia, servisse como exemplo de insurgência contra a hierarquia eclesiástica, prática temida pelo pároco e que já gerou bastantes conflitos no interior da paróquia em um passado relativamente recente.

- O grupo do Segundo Pólo

O segundo pólo de vivência católica caracteriza-se, basicamente, pelas atividades realizadas pelo grupo liderado por pe. Reginaldo Veloso e que se pretende como igreja alternativa às ações realizadas pela instituição católica e oficial do Morro da Conceição.

1. Igreja de Resistência e Fé

Passemos à análise do que denominamos de segundo pólo de vivência católica no Morro da Conceição e que é constituído pela Igreja de Resistência e Fé. Já dissemos que foi apenas a partir da pesquisa de campo que viemos ter a constatação de que, realmente, um

grupo de dissidentes católicos do morro continuava a seguir o padre Reginaldo Veloso como líder social e católico. Mesmo tendo acesso a fontes de informação que nos alertavam para a existência do grupo, foi apenas vivendo o cotidiano da comunidade que viemos perceber e distinguir o que caracterizava e diferenciava um pólo do outro, pois suas ações, mesmo que identificadas com a comunidade católica do morro, em muito se apresentavam diferentes.

Ainda como metodologia estratégica de nosso trabalho, entendemos que acompanhar as atividades ligadas à igreja oficial seria mais fácil do que trabalhar inicialmente com o grupo alternativo. Em todas as conversas informais, percebíamos certa preocupação de alguns em tratar do assunto. Quando insinuávamos requisitar algum tipo de informação, sempre nos deparávamos com um misto de admiração e ressalva por parte dos informantes quanto à descrição da comunidade de padre Reginaldo. Lembramos que depois do segundo encontro com o padre Reginaldo, onde foi realizada a nossa entrevista, o mesmo nos convidou a participar de uma reunião que englobaria os grupos por ele liderados. Quando no dia da visita, um domingo à tarde, chegamos ao morro, deparamos-nos com padre Josivan Sales no caminho e o mesmo mostrou-se muito surpreso com o fato de termos ‘conseguido’ ser convidados a participar do ritual que se realizaria pela Igreja de Resistência e Fé, haja vista, a dificuldade que outros interessados (pesquisadores ou não) já tiveram na tentativa de aproximação com o grupo.

De difícil acesso ou não, o grupo de Resistência e Fé existe e está a comemorar neste ano de 2008, 33 anos de fundação. Este grupo está diretamente ligado às determinações de pe. Reginaldo. Na entrevista que com ele realizamos, pudemos entender um pouco como se deu a formação de tal comunidade:

- Hoje, além de coordenar as ações do seu grupo, o senhor trabalha junto ao CERVAC. Esse trabalho está ligado à juventude que havia trabalhado com o senhor na paróquia? É um trabalho ligado as CEB's?

- Bom, eu diria que o CERVAC é um dos tantos filhos ou filhas do trabalho das Comunidades Eclesiais de Base e do trabalho dos movimentos de evangelização e do movimento dos adolescentes e crianças. Quando eu

cheguei aqui no Morro da Conceição em 1978, eu já vinha da paróquia da Macaxeira, onde eu passei também 10 anos. Tanto lá na Macaxeira quanto aqui, o nosso trabalho paroquial era organizado como uma federação de comunidades; pequenas comunidades, comunidades autônomas, que organizavam e assumiam todas as suas dívidas. Sua catequese com as crianças, grupo de jovens, celebração de domingo, as finanças, tudo era organizado de maneira autônoma. Eu cuidava de me reunir com os representantes das várias comunidades. Tínhamos reuniões específicas, reuniões dos catequistas das várias comunidades, reuniões dos animadores de jovens das várias comunidades, reuniões dos grupos de adultos das várias comunidades. E o trabalho religioso era feito, sempre foi feito, todo ele de olho nos problemas da vida; nos desafios do cotidiano.

- E como funcionavam estas ações?

- De sentar em círculo, em roda pra falar dos problemas que a gente está tendo; dos problemas pessoais, problemas familiares, problemas da comunidade, problemas do trabalho, problemas de toda forma, que afetam a vida das pessoas. Em seguida feita essa análise, se passava a confrontar a problemática analisada e os desafios que ela colocava com os valores em que a gente acredita.

- Ainda sobre essas questões sociais, como o senhor analisa esse processo de mudança a partir exatamente do episódio de seu afastamento? Como ela continuou o desenvolvimento desse processo?

- Olhe, eu diria que o que foi plantado estar sendo colhido, porque, por exemplo, nós temos hoje no Morro da Conceição, um Conselho de Moradores que tem uma história de luta, conquistas, muito significativa, no âmbito da região metropolitana. Nós temos grupos de mulheres importantes. Foram mulheres que de certa maneira tomaram consciência do seu papel social, as fundadoras desse movimento na Comunidade Eclesial de Base. Temos um trabalho com crianças que continua; jovens passaram pelo Movimento de Jovens, eles hoje estão atuando na sociedade. Tem vários segmentos: saúde, educação, política partidária, etc. Estão dando a sua contribuição, nada se perdeu ou teve uma quebra nesse sentido. Talvez a comunidade católica oficial, paróquia, aí, as coisas tomaram outro rumo, tomaram o rumo que tem um pouco das demais paróquias, não tem mais aquela orientação, aquela prática, aquela sistemática que tinha, quando a gente fazia trabalhos das CEB's. Mas assim mesmo, eu acompanho três pequeninas comunidades autônomas, continua um pouco essa história.

Neste último trecho, podemos perceber a nítida comparação que pe. Reginaldo faz entre seu sacerdócio no Morro da Conceição e o que, atualmente, configura a igreja oficial do morro, ressaltando que tal processo não ocorreu apenas nesta comunidade, mas também, em outras paróquias, explicando-o como consequência da administração de dom José Cardoso.

- O senhor poderia falar um pouco sobre estas pequeninas comunidades? Na última conversa, eu citei a Comunidade de Resistência e Fé e o senhor disse que ela é mais um grupo dentre outros três? O senhor poderia falar qual o conceito delas; qual a finalidade; as atividades?

– Estamos reduzidos a três comunidades pequenas, três pequenos grupinhos de pessoas, quase só mulheres, poucos jovens, mais adultos e idosos, mas a gente continua, pois essas pessoas querem continuar não se encontram mais nos espaços oficiais da Igreja Católica. Essas comunidades elas se reúnem para momentos de reflexão, por exemplo, tem a Campanha da Fraternidade que é um tema específico todo ano. A Campanha da Fraternidade é da Igreja Católica. Consideramos-nos da Igreja Católica, apesar de termos a nossa autonomia. Aí o pessoal durante algumas semanas num determinado dia, à noite, se reúne para discutir o tema da Campanha no primeiro semestre. Agora, no segundo semestre, vamos ter o *mês bíblico*, mês de setembro, que é o mês de estudo da Bíblia. Naquelas semanas do mês de setembro, determinados dias, o pessoal está se reunindo para estudar aquele tema bíblico. Depois, tem a *celebração dominical*, tem aqui e acolá o que eles chamam o *canto do ofício*, que é um tipo de celebração que não é a missa, mas é um momento bom de oração, e então eles têm essas coisas, eles se organizam por conta deles. Toda semana está acontecendo alguma coisa e, sobretudo a celebração dominical que é o momento mais forte, mais significativo que é a sua vivência. Por exemplo, em cada uma dessas comunidades, surgiu por força de trabalho de evangelização a associação de moradores. Todos os conselhos e associação de moradores dessa área do morro, Córrego de São Domingos, Alto José Bonifácio, existe em todas elas um conselho de moradores ou associação que nasceu das CEB's.

Diante das afirmações de pe. Reginaldo pode-se chegar a algumas constatações pertinentes a construção de um perfil da comunidade por ele liderada. Vejamos que o mesmo desenhou o perfil do grupo, onde prevalece a participação de mulheres e adultos, indicando a pouca renovação do coletivo. De um outro lado, podemos observar a combinação das atividades que, ora seguem o perfil mais autônomo das atividades que eram realizadas pelas CEB's, quando o grupo dá importância a participação de cada fiel quanto as realizações do grupo, mas que, por conseguinte, preocupa-se em submetê-las às decisões do líder religioso, assim como ocorre com a Igreja Católica oficial. Para que possamos continuar com uma melhor observação das atividades que compõem o grupo voltemos à entrevista com pe. Reginaldo:

- E o senhor padre Reginaldo, como funciona sua participação?

- Cada semana estou em uma; no sábado à tarde, me reúno com os representantes das três comunidades, em cada um dos bairros em que elas ficam para preparar a celebração do domingo.

- Como se dá a celebração?

- A celebração tem mais ou menos o sistema da missa católica, mas a gente tem algumas preocupações que algumas paróquias não têm e a principal delas é que a celebração seja um momento em que a vida das pessoas venha à tona, as pessoas partilhem as coisas que estão acontecendo, as que são importantes para elas, as boas e as ruins.

Passemos à análise da celebração ritualística deste grupo, a qual realizamos a partir da observação participante. Interessados em conhecer tal ritual religioso, agendamos com a liderança a nossa participação na atividade, realizada num domingo, às 16h, do dia 30 de setembro de 2007. Procuraremos descrever sucintamente como ela se dá.

No início da atividade, a orientação é feita por padre Reginaldo que, em virtude de suas habilidades musicais ensaia, com os poucos presentes, trechos musicais a serem executados na celebração. Na verdade, como frisou o religioso em um dos trechos da entrevista, a atividade lembra em muito uma missa católica; faz-se referência ao 26º domingo comum; acompanha-se o processo com um pequeno livro (*hinário litúrgico da CNBB*), e ainda, toma-se a comunhão a partir da divisão de um grande pão (comprado nas proximidades) que é abençoado pelo padre e representa o corpo de Cristo, assim como o vinho que também é oferecido no ritual.

Como um maestro, padre Reginaldo coordena as atividades dos representantes dos três grupos (há cerca de cinquenta pessoas apertadas na pequena sala, contudo, lembremos que esse número de destaque se dá ao fato de estarem os membros comemorando o 32º aniversário de fundação do grupo) incentivando-os a cantarem, orarem e refletirem, corrigindo-os quando os mesmos destoam da sonoridade por ele almejada. O espaço observado reforça a decoração em azul e branco, seguindo as cores de Maria e Nossa Senhora

da Conceição. Tudo ali nos passa um aspecto de austeridade e organização, beleza e simplicidade. Os recursos do grupo parecem ser poucos, mas a estrutura mínima existe.

Para início definitivo do ritual, todos se levantam e aguardam a entrada dos líderes dos três grupos, que são mulheres vestidas com uma espécie de manta verde. Estas mulheres irão coordenar a atividade litúrgica ao lado de padre Reginaldo, sentadas em uma mesa retangular de frente para os participantes. Estas lideranças depois serão assessoradas por outros membros de suas comunidades que freqüentam cada grupo nos bairros onde eles operam (Morro da Conceição-Comunidade da Imaculada Mãe do Senhor; Alto José Bonifácio-Comunidade de São José Operário e Córrego de São Domingos-Comunidade da Mãe do Perpétuo Socorro), realizando prestações de contas sobre suas ações administrativas, finanças e o cumprimento das funções que lhe foram determinadas.

Na seqüência do ritual apagam-se as luzes e mais quatro mulheres acompanham a entrada do padre que vem compor a mesa com as lideranças citadas. Toma-se o hinário litúrgico como hino geral sagrado. Iniciam-se as orações e todos ainda estão de pé. Exalta-se a presença de novas pessoas e todos parecem aguardar algo que venha a determinar o início oficial do processo. Eis que enfim, adentra no recinto um livro da Bíblia que à sala é trazido por uma leiga de uma das comunidades. Depois de ser colocado em local visível, todos rezam um Pai Nosso e sentam-se. Durante as orações, em muito se reflete sobre vários temas. Neste dia em específico, se procurou enaltecer os processos que levaram a formação do grupo. Dentre as reflexões, aproveita-se para comentar a situação do padre de Casa Forte⁴⁴, criticando-se sutilmente o arcebispo de Olinda e Recife e sua instituição religiosa.

Sem grandes surpresas, no que tange a comparação com o ritual de outros grupos, o ritual observado caminha para seu encerramento com naturalidade, e em meio a ele,

⁴⁴ Neste período, chamava à atenção da opinião pública, a punição imposta ao padre da paróquia citada por parte do Vaticano, uma vez que este veio a infringir alguma das condutas impostas pela instituição no que tange a participação de religiosos de outras denominações nas celebrações católicas, sendo por isso, denunciado pelo arcebispo de sua arquidiocese.

percebemos as atividades desempenhadas pelas crianças mais novas nos jardins da casa. Seriam elas as responsáveis em dar continuidade às atividades do grupo num futuro próximo? Lembramos que uma outra característica deste grupo é a elevada faixa etária de seus membros, o que nos faz refletir sobre a falta de renovação que possa ter ocorrido nos últimos anos. Todavia, esta não é uma característica exclusiva do grupo, pois vimos que dentre os grupos do primeiro pólo, apenas a minoria aponta para uma maior renovação de seus quadros considerada a participação de jovens em suas atividades, sendo tal constatação, enfim, uma característica geral da comunidade católica do Morro da Conceição.

Ainda sobre o perfil deste grupo, pudemos observar que muitas de suas ações são conseqüências de traços do seu perfil⁴⁵. Observa-se que o grupo é formado por pessoas que possuem algum tipo de escolaridade, pois, do total de entrevistados temos que cerca de 80% dos mesmos possuem, pelo menos, o ensino fundamental, o que poderia caracterizá-lo de forma específica, como um grupo informado e mais crítico dado o grau de instrução dos seus membros. Tomando como comparação outros grupos, percebemos que há diferenças significativas e que, o maior índice revelador desta diferença de escolaridade entre o grupo de pe. Reginaldo e os outros, seja o fato de que nenhum dos entrevistados da Igreja de Resistência e Fé ser identificado na variável “nenhum grau de escolaridade”, comprovando que o grupo possui entre todos os seus membros, pessoas com o mínimo grau de escolaridade, certamente facilitando a compreensão do porquê da existência do grupo frente aos acontecimentos passados.

Uma outra observação que pode ser feita a partir do gráfico observado, aponta para a constatação de que assim como ocorre com a maioria dos grupos estudados, a Igreja de Resistência e Fé também é composta, em sua maioria, por mulheres leigas e estas, junto ao padre, também estão à frente do processo administrativo e ritualístico do grupo, que mesmo

⁴⁵ Conferir Tabela 3: Relação da participação em grupos com o nível de escolaridade, em Anexos, p. 136.

sendo composto por outras três comunidades, tem na sua maioria, antigos moradores do bairro. Quanto ao estado civil, a composição do grupo é de fiéis casadas e viúvas. Estas leigas, em sua grande maioria, possuem filhos, mas não possuem ocupação remunerada.

- A consideração de um Terceiro Pólo

Trataremos de abordar neste momento, o que classificamos como o terceiro pólo de devoção católica do Morro da Conceição. Lembramos que durante o transcorrer deste trabalho, temos nos preocupado em entender como se dá a convivência entre os grupos de leigos e fiéis católicos, devotos de Nossa Senhora, frente às querelas sociais, políticas e históricas acontecidas na comunidade que terminaram por dividi-la. Consideramos que havia dois pólos distintos de devoção e atividades e que esses se alinhavam aos interesses de pe. Reginaldo Veloso e pe. Josivan Sales, estando os mesmos ligados a duas correntes doutrinárias teológicas distintas. Contudo, com o transcorrer de nossa pesquisa e a aplicação de nossos questionários, ficou evidente a observação de que, independente destes pólos e suas lideranças, existe um grupo de fiéis, não organizados entre si, que se dirigem à Santa da Conceição sem a necessidade de aprovação deste ou daquele líder. Ao observarmos nossos gráficos de análise, perceberemos que a grande maioria dos entrevistados que convivem com a comunidade do morro é composta por pessoas que não se apresentam como partícipes de nenhum grupo de atividades, seja ele ligado a qualquer um dos dois pólos já estudados.

Este terceiro pólo baseia-se em características peculiares do Catolicismo Popular brasileiro, em específico, aquela que se identifica pela independência de seus fiéis para com as instituições religiosas e seus representantes, também resultante do processo de secularização social. Nesse sentido, identificamos este pólo de devoção dentro de tal

segmento, por entendermos o Catolicismo Popular⁴⁶, em conjunto com o *Catolicismo Santorial* definido por Faustino Teixeira (2005:17), como aquele que está ligado diretamente com o culto aos santos e a crença nos milagres, dispensando fiéis, devotos e indivíduos modernos e secularizados de qualquer intermédio institucional para a realização de suas ações religiosas.

A característica principal do culto aos santos [...], é o caráter predominantemente leigo, seja nas confrarias e irmandades, seja nos oratórios, capelas de beira de estrada e santuários, onde sempre houve 'muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre'. Os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um 'poder' especial e sobre-humano, o qual penetra nos diversos espaços de vida e favorece, numa estreita aproximação e familiaridade com seus devotos, a proteção diante das incertezas da vida.

Notemos que como ponto de peregrinação e acolhimento religioso, o Morro da Conceição acostumou-se a conviver com as idas e vindas de fiéis devotos à Nossa Senhora da Conceição que não fazem parte da comunidade ou dos bairros circunvizinhos apenas. Muitos são pessoas que se dirigem ao local para o pagamento ou realização de promessas, pedidos, agradecimentos, confissões, doações, etc. Pessoas que procuram celebrar casamentos ou batizados na igreja da Santa de sua devoção, ou ainda, pessoas que até lá se dirigem pela fama de peregrinação que o local carrega consigo, como faz dezenas de romarias de outras cidades e estados.

Como já havíamos comentado, tratamos o trabalho de campo como a melhor parte de todo o processo que envolve ou já envolveu a construção desta dissertação. Entendemos que é no campo de pesquisa (no contato com os nativos, fiéis, transeuntes, líderes e liderados) que a

⁴⁶ Conceito sobre o qual encontraremos em nossa literatura, várias formas de classificação para esta prática religiosa definida como diversa. Lembremos o que sugere Pierre Sanchis, pelo fato do pesquisador entender que o que temos (brasileiros) de mais específico, são as formas de uma religião, um catolicismo brasileiro, que não funcionariam como uma espécie de “*denominador comum, conjunto de elementos básicos partilhados por todas as correntes religiosas, mas sim, em uma totalidade de suas manifestações [...], nas modalidades do jeito de se constituírem – analogias, oposições e complementaridades ativadas preferencialmente à margem das instituições – que acabariam fazendo desse conjunto um campo religioso com componentes mutuamente determinados e particular*” (2002:19).

teoria estudada em sala de aula nos salta à mente. Em entrevista com Roberto, atual secretário paroquial, percebemos que a grande maioria dos que compõe o que classificamos como comunidade católica do morro, na verdade, não é composta necessariamente por moradores do bairro. Desta forma, procuramos direcionar nossas análises a respeito desta relação entre participar das atividades da Igreja Católica e morar no morro, a partir dos dados quantitativos. Com base em nossas análises, percebemos que a maioria dos fiéis católicos, faz parte da comunidade, no sentido territorial, o que não implica dizer que esta diferença seja tão significativa ou, que estes façam parte, necessariamente, de algum dos grupos dos pólos estudados anteriormente. Percebemos que, do total de 472 entrevistados, 260 informaram morar no morro enquanto que os outros 212 restantes responderam que não⁴⁷.

Como se pode observar, a diferença entre os membros da comunidade católica que moram no Morro da Conceição frente àqueles que não moram é de apenas 10%. Contudo, o que vale destacar nesta tabela é a diferença existente entre os católicos que participam de algum grupo com aqueles que não participam de nenhum. Vejamos que cerca de 60% dos entrevistados afirmam não fazer parte de grupos, enquanto que os 40% restantes dividem-se entre as pastorais e um ou mais grupos⁴⁸.

Notemos que a barra azul do gráfico analisado na parte em anexo, simboliza o campo de fiéis do terceiro pólo, ou seja, aquele que mesmo se definindo como católico não participa de nenhum grupo da igreja. Observemos ainda, o quanto é destacável a diferença entre os que fazem parte de algum grupo e os que não fazem, percebendo que o grupo do terceiro pólo corresponde a mais da metade dos fiéis católicos da comunidade, mas que esta diferença não é tão grande quanto à habitação no morro como já dissemos acima, e ainda, este último dado reflete unicamente o grupo do terceiro pólo, tendo em vista que, observando as demais colunas, pode-se perceber que quando falamos dos grupos dos dois pólos anteriores, na sua

⁴⁷ Verificar Tabela 4: Relação entre a participação em grupos e habitação no morro, em Anexos, p. 136.

⁴⁸ Conferir no Gráfico 4: Relação entre a participação em grupos e habitação no morro, em Anexos, p. 137.

maioria, os membros moram no próprio morro. Talvez possamos aludir se os membros do terceiro pólo não estão ligados a algum outro grupo em alguma outra paróquia ou se realmente, os mesmo não participam de nenhum grupo da Igreja Católica. Contudo, ressalvamos que mesmo que a aplicação de nossos questionários não tenha dado conta desta demanda antropológica, isto ocorreu, também, por termos nos preocupado em nos restringir a análise dos fiéis católicos identificados com o Catolicismo Popular apenas no que tange a prática devocional no Morro da Conceição.

Através das experiências antropológicas de campo, ainda podemos conseguir entender a questão de se participar dos grupos da igreja oficial e residir ou não no morro através das afirmações de uma das lideranças entrevistadas. Perguntamos a dona Rosália (A.D.M.), o porquê da escolha do grupo ao qual ela pertence, e esta me falou sobre sua identificação com o mesmo. Como resposta, disse-nos que:

- Quando se assiste a uma reunião e se identifica com as palavras, orações, liturgia, se escolhe participar do grupo. Também pode acontecer da pessoa ser convidada por uma amiga não é? Sim, geralmente acontece dessa forma. Hoje mesmo, chamei as fiéis para que elas convidassem outras pessoas a receberem o Oratório.

Neste primeiro momento, poderíamos entender que, por ser a paróquia do Morro da Conceição mais conhecida e organizada politicamente, isto bastaria para entender a vinda de fiéis de outras paróquias e bairros. Porém, decidimos continuar a entrevista e perguntamos:

- Por ser a senhora do Alto José do Pinho, por que vêm as reuniões deste grupo no Morro da Conceição? Não seria melhor continuar na sua igreja?

- Eu venho por causa de minha devoção à Nossa Senhora da Conceição, não é? Isso é o que me traz aqui.

Pode-se constatar com estes dados o quanto é destacável o simbolismo que a imagem da Santa da Conceição carrega consigo. Esta simbologia marca profundamente a composição do terceiro pólo de devoção católica do morro. A procura pelo local peregrino e santo, marcado pela existência exuberante da Santa a quem se dirige à adoração, explica a

composição do pólo que realiza suas atividades não só de maneira autônoma, mas também, as realiza deixando de lado qualquer identificação territorial e eclesiástica com o Morro da Conceição ou com as dificuldades de acesso que esta devoção possa impor.

Destacamos que, assim como outros famosos pontos de peregrinação – Aparecida do Norte, Juazeiro, Ambres, etc. - o Morro da Conceição caracteriza-se também, pela forma de devoção autônoma e voluntária dos fiéis católicos que vêm em Nossa Senhora da Conceição um refúgio frente às dificuldades e inconstâncias de suas vidas. Mas, além disto, esses devotos esperam poder celebrar com sua Santa de devoção uma espécie de comunicação que ligue um ao outro de maneira pessoal e sem interferências, valendo-se, exclusivamente, da proximidade com o local religioso ou da particular disposição para realização de sua prática devocional.

CAPÍTULO III

Será mesmo de Nossa Senhora, o Morro da Conceição? Um entendimento simbólico-hierárquico em torno da Igreja Católica e fiéis.

Um dos aspectos que também sempre gerou controvérsias em torno de Nossa Senhora da Conceição, aborda a construção do prédio da Igreja Católica no Morro. Deveremos notar que tal instituição passou por um grande período sem a representação física de si mesma no morro. À medida que convivíamos com a comunidade ligada a esta instituição, deparávamos com acontecimentos passados ligados à construção e às reformas pelas quais a mesma passou, além de encontrarmos informações que tratavam de sugestões ideológicas e arquitetônicas que provocaram intrigas e disputas internas entre as lideranças.

Já dissemos que a construção de um prédio que pudesse ser conhecido como o de uma Igreja Católica, se deu após longo tempo da chegada da imagem da Santa da Conceição. Anterior a construção, a devoção dos fiéis concentrava-se apenas, e diretamente, à contemplação da imagem, o que significa dizer que, mesmo que de identificação com a liturgia católica, Nossa Senhora da Conceição não possuía ou necessitava de qualquer instrumento que viesse regular e nortear a Sua relação para com os fiéis⁴⁹.

Certamente, mesmo que houvesse respeito ou temor por parte do fiel diante da imagem, cabia unicamente ao exame de consciência do mesmo, elaborar os limites e meios de sua relação com a divindade. Talvez, este aspecto tenha em muito influenciado a constituição social da própria comunidade católica do local, pois, então, por que não pensarmos que, uma vez aberto o canal de diálogo e imperado por tanto tempo tal aspecto de liberdade, não veio o fiel católico acostumar-se com este aspecto de comunicação autônomo, dando base inclusive, a principal característica do que classificamos como o terceiro pólo de catolicismo? Há de se considerar também que esta característica é uma marca indelével da forma devocional dos

⁴⁹ Visualizar imagem da década de 1930, em Anexos, p. 131.

católicos brasileiros (Theije, 2001b, 2003; Martin, 2003; Reesink, 2005), pois os mesmos estão sempre a atravessar fronteiras, estejam elas entre classes sociais ou entre práticas religiosas consideradas oficiais ou não oficiais, como a religiosidade popular.

Também poderíamos considerar que tal facilidade de acesso não só impulsionou a popularização do processo de peregrinação católica ao encontro da Santa, como também, terminou por popularizar Nossa Senhora da Conceição com outras denominações religiosas que se fazem presentes no Morro da Conceição, dando forma ao sincretismo religioso local que, mesmo não tratando do foco principal de nossa pesquisa, será lembrado no capítulo seguinte com a breve análise dos trabalhos realizados pela academia brasileira sobre o sincretismo.

Observamos que algumas das características de correlação religiosa apresentavam-se nas mais diversas atividades em torno da igreja e praça centrais. Logo em nossas primeiras observações participantes, junto a um grupo de católicos da igreja oficial, observamos que na casa da Igreja de Resistência e Fé⁵⁰, estava a ensaiar um grupo percussivo que produzia um som muito alto e isto interferia na comunicação do grupo observado dentro da igreja.

Percebemos que a convivência entre os católicos dos diferentes pólos constituídos no morro não é feita necessariamente de maneira organizada, pois suas diversas atividades acontecem concomitantemente sem que se haja a preocupação de evitar que uma atrapalhe a outra. Não é difícil perceber que o local peregrino dos fiéis católicos não conta com uma estrutura mínima para adequação das atividades dos devotos de Nossa Senhora. Como foi a comunidade que veio a se estabelecer no morro, depois da chegada da imagem, sua ocupação se deu de maneira a não garantir o distanciamento necessário entre a instituição e as habitações do bairro.

⁵⁰ Ver foto da sede da Igreja, em Anexos, p. 131.

Sabemos que ainda no arcebispado de dom Luís, preocupou-se o mesmo em edificar algo que simbolizasse a presença permanente da Igreja Católica Apostólica Romana na comunidade. Já vimos que tal edificação, conhecida como Torre, foi minuciosamente construída em consoante alinhamento horizontal à imagem. Também já citamos que tal construção, mesmo possuindo 25 metros de altura – o que a fazia ser bem maior que a imagem - não agrupava, os requisitos mínimos de uma construção que pudesse receber qualquer quantidade de fiéis em seu interior (rever fotos do capítulo II). Talvez, em seu arcebispado, tal liderança religiosa ainda não tivesse a dimensão exata do que seria o fenomenal culto à Nossa Senhora no Morro da Conceição. Porém, o mesmo não perdeu tempo em deixar clara a presença da instituição em tal comunidade, priorizando a edificação em detrimento da imagem. O que certamente dom Luís não sabia é que a construção de uma igreja nova e maior pudesse trazer consigo algumas desavenças simbólicas e hierárquicas.

- Construções, reformas e contra-reformas.

Um primeiro aspecto a ser por nós destacado sobre esta conflituosa e disputada relação entre as representações simbólicas é a observação de que, já no ano de sua construção, preocuparam-se a arquidiocese e a nova paróquia em construir um prédio que viesse complementar a antiga representação da igreja. Tal construção foi erguida de forma que envolvesse a antiga Torre lateralmente, dando forma a uma espécie de quadrado que dava base ao monumento gótico, pois tendo esta capela se tornado paróquia na década de 1970, fez-se importante e necessária a construção de um prédio maior. Finalmente, um prédio fora construído e, devido a sua simples e modesta apresentação, ficou conhecido como *Galpão*⁵¹.

Diante disso, vários foram os vigários que se preocuparam em dar um melhor aspecto à igreja do morro, alimentando-a de uma maior valorização institucional, dentre eles, pe.

⁵¹ Ver foto do antigo prédio, em Anexos, p. 129.

Reginaldo Veloso. Este sempre esboçou a preocupação em construir o Santuário do Morro, alegando que a antiga construção ameaçava ruir e que a construção de um espaço maior com um ambiente mais amplo acomodaria melhor os fiéis. Quanto a isto, descobrimos que muito se credita ao episódio do afastamento de pe. Reginaldo às suas intenções referentes à necessidade de reforma da primeira igreja e a de construção de um santuário. Em conversa com Roberto Cícero, ex-vigário da paróquia no período que sucedeu pe. Reginaldo, pôde-se ter acesso a algumas informações.

- A questão de como se daria o projeto terminou agravando a crise que existia entre pe. Reginaldo e a hierarquia, ou houve questões mais importantes envolvidas nesse processo?

- As questões que envolvem todo esse contexto da briga do morro, se dão com esse projeto da construção que a gente chamava de asa delta, que ficou inacabada, que ainda ficou sendo empecilho para uma nova igreja no morro. Porque padre Reginaldo celebrava numa capela pequena acoplada à Torre, e automaticamente com a chegada de dom José Cardoso nessa arquidiocese, houve várias mudanças de vários padres. O projeto se dá com a construção dessa nova igreja que a comunidade sonhava que Reginaldo terminasse. No ano de 1990 pra 1991, chega padre Constante comandado por dom José Cardoso para assumir a paróquia e terminou todo esse processo. Agora claro que antes dele assumir a paróquia teve todo aquele contexto e briga religiosa; a revista 'Isto É' coloca bem estampado na sua capa: 'padre celebra com proteção de polícia militar'. Padre Constante passou quase um ano celebrando com proteção militar. A paróquia não foi dada de coração a ele pra ser o novo administrador, teve que arrombar os cadeados da paróquia e tomar posse com oficial de justiça.

O entrevistado nos faz refletir sobre alguns dos aspectos que culminaram com a decisão por se afastar pe. Reginaldo da paróquia. Nesse sentido, entendemos que permitir que a construção do santuário, ansiada pelo pároco, ou até mesmo uma reforma da igreja que contemplasse suas sugestões, só viria a fortalecer a imagem do antigo padre junto a sua comunidade paroquial e em outros segmentos sociais como o político e midiático, levando ao novo arcebispo mais insatisfação e dificultando a realização dos projetos e mudanças que o mesmo havia definido para a arquidiocese e, em particular, para o morro.

Na entrevista, o ex-vigário lembrou que, mesmo após a saída de padre Reginaldo, conseguiu-se colocar em prática a reforma ansiada e que até instalou-se na igreja um vitral por

trás do altar – no lugar do tradicional púlpito onde, geralmente, adora-se a imagem de Jesus Cristo – possibilitando a visualização da Santa da Conceição para os que estivessem dentro do prédio, destacando a maior importância que a imagem da Santa deveria ter frente à instituição.

Também se construiu o teto da igreja em formato de uma asa-delta como influência arquitetônica que viesse a se adequar às características comunitárias e culturais do morro. Na entrevista com pe. Josivan Sales obteve-se esta explicação:

- Na construção dessa igreja em 1979 (obra posterior a construção do Galpão), a arquiteta foi uma suíça, e naquela época, um artista famoso daqui, *Corbiniano* fez uma obra pro morro: uma tampa do sacrário. Então, a asa-delta e essa tampa seguiram como uma inspiração que se vê ainda hoje no morro. São os meninos soltando pipa. O Morro da Conceição é alto e as crianças soltam pipa. A pipa simboliza algo que a arquitetura gótica e cristã realizou; esse movimento pensava em pontas que procuravam o alto; algo de leveza que elevasse seu coração ao céu. Como não se pensa em fazer uma igreja gótica aqui, pensou-se em algo que nos elevasse ao Deus e tivesse algo do morro. Então o artista fez a tampa do sacrário com um anjo no formato de uma pipa. A asa-delta leva você pro céu pelo vento. Ela possibilitaria uma ventilação boa e depois indicaria de alguma forma que você elevasse os olhos como o gótico faz; além disso, a ponta se direciona a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Quando se chega ao morro, olhando para aquela ponta você iria diretamente à imagem.

Esta nova construção deveria estar centralizada e alinhada com a imagem da Santa e a antiga Torre. Também houve preocupação em, além do alinhamento horizontal, atingir-se o alinhamento vertical, haja vista a altura dos monumentos precedentes. O que sabemos é que nenhum dos dois objetivos foi alcançado, pois os órgãos municipais locais responsáveis pelo controle e utilização do solo identificaram empecilhos técnicos em tal processo⁵² e, como não poderia ser diferente, em se tratando do Morro da Conceição, tais aspectos da reforma não vieram a agradar a todos⁵³, levando-nos ao entendimento do segundo conflito simbólico.

⁵² Curioso saber que, enquanto escrevíamos este trabalho, um outro órgão, a Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural da Prefeitura do Recife (DPPC), responsável pelo controle e preservação dos patrimônios históricos e arquitetônicos da cidade, entrava no início das obras de construção do Santuário reclamando que a mesma fere e desregula a ambientação harmônica destes elementos no morro.

⁵³ Especula-se entre alguns entrevistados que estas divergências e outras questões ligadas às administrações de finanças da paróquia vieram a incentivar o arcebispo a afastar o padre, sendo este de fato o principal motivo e não os já citados acontecimentos políticos e ideológicos.

Desde o início de sua construção, muito se discutiu sobre se a igreja a ser erguida deveria ter suas partes e dimensões voltadas para a imagem da Santa da Conceição ou para a antiga Torre. Essas preocupações e debates carregam consigo uma pesada carga de representação simbólica e hierárquica, em que os representantes da Igreja Católica são levados a refletir se a instituição deveria estar subordinada à representação de Nossa Senhora ou se não deveria a Santa submeter-se a tal instituição. Como não é difícil se visualizar na foto que pode ser consultada na parte em anexo desta dissertação (p. 132), definiu-se que o novo prédio teria sua entrada voltada para a antiga Torre.

Percebemos que esta querela simbólica estendia-se a um terceiro ponto: o da consideração de que, uma vez dado início a construção do atual santuário – mesmo sem a certeza de datas e recursos – deveria ainda a instituição preocupar-se em definir se a imagem permaneceria no local de origem ou se seria a mesma removida para o interior do novo prédio. Ora, claro que muitos dos argumentos defendidos pela segunda alternativa partiam da certeza de que, desta forma, garantir-se-ia a preservação do monumento⁵⁴. Contudo, não estaria a instalação interna da imagem mais uma vez envolvida pela preocupação das lideranças religiosas em organizar hierarquicamente a devoção de Nossa Senhora da Conceição para com seus fiéis católicos? Nos próximos trechos das entrevistas, primeiro com o secretário Roberto, identificamos aspectos dessas preocupações e disputas:

- Então, vamos olhar pelo lado da Santa. Como Nossa Senhora da Conceição ver todas estas questões com as quais Ela está envolvida?

- Ela não sabe mais o que fazer, coitada! Ela joga pro Filho Dela, mas o Filho vai e repassa. “Não, a comunidade é Sua”. Ela fica no meio, pois, são duas pessoas assim, Reginaldo, a Igreja da Resistência puxa pra um lado; dom José puxa de outro. Ela por ser Mãe, a mãe acolhe a todos. Uma vez, o padre Sérgio dizia na missa que Nossa Senhora é uma galinha – menino, foi uma polêmica tão grande. Uma galinha quando tem seus pintinhos, ela abre as asas e acolhe a todos, né? Independente do que seja; pintinhos brancos, amarelos, rosas. É como aqui no morro; Nossa Senhora está de braços abertos pra acolher a todos.

⁵⁴ Lembramos que a imagem estudada passou no ano de 2001, por uma grande obra de restauração dirigida pelo artista plástico *Jobson Cavalcanti*, e que já se faz necessária novamente devido a oxidação pela qual, vários monumentos da cidade do Recife estarão sempre expostos.

Notemos que o secretário aponta para uma disputa existente entre os católicos, considerando que a igreja oficial e a Igreja de Resistência e Fé procuram tomar para si o simbolismo que envolve a imagem. Contudo, em nossa pesquisa, deparamo-nos com a decisão do padre Reginaldo de que não caberia aos seus seguidores realizarem qualquer demonstração de devoção pública à imagem, ou seja, para seus seguidores, não é sugerido que os mesmos realizem seus pedidos ou agradecimentos à Santa da Conceição em qualquer espaço que represente a instituição oficial, ocorrendo o mesmo quando da realização da Festa do Morro. Quanto à relação espaço físico e representação de Nossa Senhora, decidimos questionar pe. Josivan.

– Parece que há uma preocupação antiga da relação da imagem da Santa com o prédio da igreja, inclusive, no atual projeto, haverá um deslocamento da igreja para que a mesma alinhe-se a imagem e a Torre. Isso se confirma?

- A igreja redonda (última construção) tinha um vitral que dava pra ver a imagem, mas ela viu-se tentada a ser colocada no centro do terreno, deixando-a deslocada com relação a imagem e a torre.

– Houve um argumento técnico que a condicionou ao local atual?

- Efetivamente, tanto que se passarmos uma linha do centro da Torre ao centro da imagem, essa linha não cortará o centro da igreja. Então no projeto dissemos que a porta da igreja deve estar reta com a porta da Torre e o vitral deve estar reto com a imagem. Mas havia um problema: com o tamanho da igreja, ela emendaria totalmente o espaço da mureta. Então fizemos assim: baseado numa linha doutrinal ou artística, a igreja decide se subjugar a essa linha. Antes disse que me preocupei com a funcionalidade, mas logicamente, ante a funcionalidade e a simbologia da igreja, alguma preponderou.

- Então a igreja ficaria subordinada?

- Eu diria que essa mesma é a palavra. As pessoas vêm ao morro não para visitar o Santíssimo Sacramento, o que seria oportuno o católico fazê-lo, mas o faz por causa de Nossa Senhora da Conceição. Pensamos inclusive em colocar o sacrário na frente da imagem, mas teriam pessoas que ignorariam; então o sacrário da igreja do Santíssimo, como pede a Igreja do Vaticano II foi colocada num outro ponto. O ponto central da igreja vai à direção do altar que segue em direção a imagem digna, mas não central, pois o central desse santuário é a imagem.

Com base nessas informações, não só se torna evidente a consciência e preocupação institucional quanto a predominante adoração à Santa por parte do fiel em detrimento da Igreja, como também vem reforçar o argumento trabalhado no final do capítulo anterior, em que se destacava a importância da devoção autônoma e direta voltada à Santa da Conceição como característica do catolicismo no Morro da Conceição. Contudo, mesmo consciente desta característica, a Igreja Católica continuou a preocupar-se em ordenar a relação devocional como pode ser constatada com a continuação da entrevista, porém, desta vez, a instituição assume a importância da especificidade que caracteriza o catolicismo no morro.

– Pe. Josivan, nesse sentido houve uma preocupação em se colocar a igreja de frente ou de costas para a imagem?

- Eu sei que se construiu um galpão entre a Torre e a imagem, e antes a missa era celebrada dentro da Torre. Veja bem, a igreja estava de frente para a imagem. Mas, se você pensar direitinho, como as pessoas ficavam de frente para o padre, elas ficavam de costas para a imagem. Já com a igreja de 1989, colocou-se a igreja de costas para a imagem, mas como havia o vitral, as pessoas ficavam de frente para ela. Então, ao se recuperar aquele antigo vitral, a imagem fica de alguma forma dentro da igreja. Nas igrejas católicas, atrás do altar, há algo chamado de retábulo; nós não queríamos fazer o retábulo aqui porque seria colocar outro elemento de veneração em relação à imagem. Em outras igrejas seria impensável não ter decoração no centro do altar, mas nossa decoração será a imagem.

- Pela construção do Santuário (novamente).

Ao aproximar-se de Maria, o peregrino deve sentir-se chamado a viver aquela dimensão pascal, que gradualmente transforma a sua vida (...) do encontro comunitário e pessoal com Maria, estrela da evangelização, os peregrinos serão impelidos, como os apóstolos, a anunciar com a palavra e o testemunho de vida as maravilhas de Deus (...) Maria é o templo de Deus, não o deus do templo (St. Ambrósio 1999, At. 2, 11).

No início de nossa pesquisa de campo, a notícia da construção de um grande santuário no morro nos preocupou por termos considerado que tal processo mudaria, muito da rotina de nosso objeto de estudo, afinal, não seria a Antropologia, a calçada de subúrbio acadêmica? Contudo, passamos a considerar que tal aspecto poderia ser utilizado como uma espécie de laboratório, onde se pudessem constatar as dificuldades que os processos de mudanças físicas

e arquitetônicas sempre trouxeram ao morro. Também nesse sentido, percebemos que a discussão sobre relação entre espaço – no sentido de ocupação – e sociabilidade é tema constante na Antropologia (Lévi-Strauss, 1993; 1996; De Certeau, 1999; Magnani, 1984; 2002), e que o mesmo tem sido retomado, procurando-se analisar a influência de estilos arquitetônicos com a idéia de espaço sugerida acima e a sua relação com cultura e composição social (Mafra, 2003).

Nesse sentido, analisemos melhor o que pode significar a construção do Complexo Santuário de Nossa Senhora da Conceição⁵⁵ para sua comunidade local e católica? Como a influência arquitetônica dessa mudança, frente às querelas simbólicas que se referem à relação da imagem da Santa da Conceição com a instituição religiosa, já citadas neste capítulo, reflete-se em mudanças e geração de conflitos no campo católico citado? Ressalvamos que não estaremos buscando o entendimento das relações estruturais, no sentido lévi-straussiano (1996), mas sim, o caráter expressivo de tal acontecimento, observando como a construção do santuário pode expressar as tensões do campo estudado.

Perguntamos ao atual pároco se ele tem conseguido celebrar as missas e demais atividades na casa paroquial e na igreja improvisada⁵⁶?

- Durante duas semanas, durante o traslado da igreja, as duas salas da casa paroquial se utilizaram com bancos, então não houve espaço para os grupos, mas eles se reuniram normalmente. Já agora que está estruturada a igreja temporária, ao lado da casa das irmãs, os grupos estão se reunindo de novo no salão. Logicamente, perdemos espaços, inclusive da sacristia, fazendo com que os grupos se reorganizem.

⁵⁵ Conferir imagem da maquete inicial projetada para o novo prédio, em Anexos, p. 132.

⁵⁶ A improvisação a qual nos referimos trata da instalação de alguns dos bens da igreja (inclusive seu telhado) em um galpão que se localiza ao lado da Casa das Irmãs.

– Um dos pontos discutidos no projeto, do qual inclusive tive a honra de participar da reunião de apresentação e confirmação do mesmo⁵⁷, foi que ele englobaria vários pontos de vistas de pessoas que por aqui passaram. O senhor poderia resumir quais foram os aspectos considerados por cada grupo, membros, padres?

- Quando se iniciou o estudo para o projeto, eu tinha apenas um ano na paróquia, então não quis fazê-lo sozinho e era oportuno que outros ajudassem. O projeto foi pensado por um grupo chamado Equipe do Projeto Santuário formado por oito pessoas das mais representativas da paróquia, bem como vendedores, romeiros etc. Também se citaram vários santuários ao redor daqui, como: Juazeiro, Pina, Mãe-Rainha, até mesmo Aparecida em São Paulo e outros na França. Depois se tentou tomar as idéias dos antigos santuários aqui do Morro. Por exemplo, o povo sempre pergunta: por que derrubaram o vitral que existia na época de pe. Reginaldo Veloso? E os jardins que também existiam em seu tempo e no de pe. Constante? Havia questões sobre os acendedores; salas-ambientes para as diversas necessidades etc. Pensou-se: precisamos de quê? O grupo disse: uma igreja pra tantas pessoas; 300, 10 mil? Temos outras questões: na festa são 10.000, mas depois são menos. Decidiu-se por uma de 1.000. Precisamos de quê pra igreja? Precisamos de quê para o Santuário? Pensamos no que já havia dito pe. Reginaldo, que seria reutilizar a cera derretida das velas para trabalhos manuais. Com todo esse bloco de idéias se disse: a gente pode fazer isso? Como? Pensou-se: que terreno nós temos pra fazer isso? E na igreja, o que é obrigatório ter? E fora? Pensou-se em colocar no morro tudo que fosse do romeiro. Outras coisas: queria-se colocar a Santa dentro, outros queriam fora. E o que é melhor, colocar dentro ou fora? Disseram: não, é melhor colocar fora. Porque quando a igreja estivesse fechada, as pessoas iam querer entrar e a igreja não pode ficar aberta 24h. Depois, na Festa é muito movimento ao redor da imagem, então seria um caos dentro da igreja.

Em todos os aspectos dos trechos da entrevista apresentada pode-se perceber como o pároco preocupa-se em nos passar o contexto de construção do projeto como um processo onde o santuário representasse a unificação de todos os que compõem a comunidade católica do Morro da Conceição, pois não só na sua composição se deveria ouvir variados segmentos

⁵⁷ Visita de campo inicial, na qual havíamos agendado participação na atividade do grupo Legião de Maria. Enquanto aguardávamos as lideranças e o início da atividade, reencontramos padre Josivan Sales e fomos convidados a participar de uma reunião que aconteceria na sede da casa paroquial e que, para nossa surpresa, tratava do início da obra de construção do santuário. Esta reunião teve seu início às 19h. Por volta das 19h55, que chegam ao recinto, o vereador e Presidente da Câmara Municipal e assessores. Percebe-se que estamos no meio de uma reunião do conselho organizador da obra do Santuário (nesse momento há cerca de 30 pessoas). Uma outra reunião começa por volta das 20h15. Pauta: construção do Santuário (projeto, fábrica de confecção da imagem da santa, etc.); a preocupação com o conseqüente desenvolvimento que a obra trará, como por exemplo, a necessidade do trabalho dos fiéis na comercialização da imagem em shoppings, FENNEARTE e finanças da igreja para tal processo. O vereador traz enfim o tão prometido anúncio. Segundo o mesmo, houve uma conversa com o governador do estado e este garantiu a execução do projeto, mas não com recursos estatais, e sim, com recursos arrecadados e administrados por terceiros, em um consórcio encabeçado pela Odebrecht. A idéia inicial seria iniciar a obra no dia 08 de Maio de 2007 (data que simboliza a devoção mariana), com uma festa de inauguração da pedra fundamental da obra, e concluí-la até o dia da Festa de Nossa Senhora da Conceição em dezembro, algo que não ocorreu como da maneira planejada.

da comunidade local e católica, como também em sua funcionalidade, deveria representar o santuário a possibilidade de igreja e Santa estarem juntos no abraçar de seus arrebanhados.

Em nossas visitas ao campo tivemos acesso ao projeto apresentado para captação de recursos do novo santuário. Na justificativa, temos que o mesmo deveria explicitar as duas faces de convivência socioreligiosa do morro: a religiosa, porque perpassa pela compreensão da Igreja sobre o Santuário e pelo perfil mariano da cidade do Recife, através das expressões mais genuínas da fé popular; e a face que está ligada à comunidade em suas questões sociais e exercício da cidadania, entrelaçando-se com estas questões no que tange à geração de trabalho e renda. No ano de 2006, o projeto (que foi revisto várias vezes) previa uma igreja maior, com capacidade para quase 1.000 (mil) pessoas. Previa também a construção da *Casa de Acolhimento ao Peregrino*, bem como, a *Fábrica da Santa*, nas quais serão desenvolvidas obras sociais voltadas para a comunidade. Consta ainda no projeto, o plantio de doze Palmeiras Imperiais no entorno da imagem (continuando a mesma do lado de fora da igreja), permanecendo ao seu lado o acendedor de velas. Por fim, seria construída a estrutura necessária para o aumento da peregrinação religiosa local construindo-se banheiros, sala de ex-votos subterrâneos e o englobamento da praça e quadra de futebol já existentes⁵⁸.

Observemos mais trechos das entrevistas sobre a construção:

– Quando foi que se teve a idéia de um Santuário em específico?

- (Pe. Josivan) A paróquia foi criada em 1975. Mesmo assim, já havia a Festa do Morro. Parece-me que a idéia de um santuário estruturado, fechado, surge com o pe. Reginaldo Veloso e mais concretamente com o pe. Constante. Com o padre anterior, já havia uma paróquia no nível de santuário, como matriz. Mas um santuário realmente deve ser visto como

⁵⁸ As viagens em busca de espaços particulares para devoção católica, o turismo religioso no Brasil, envolvem, segundo a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), cerca de 15 milhões de pessoas por ano. Pelo mundo, há cidades religiosas como Santiago de Compostela, Jerusalém, Meca, Roma, Lourdes, Fátima, que atraem visitantes que procuram, além do espaço de devoção, um momento de lazer e turismo. Voltando ao Brasil, temos estudos sobre os mais variados complexos santuários de devoção. Citemos os apresentados no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia (Caderno de Resumos): Alves, Maria Lúcia Bastos. *Religiosidade e turismo na Região do Seridó-RN*, 2006 e, Cordeiro, Maria Paula Jacinto, *Romarias e Sociabilidades no Universo Cotidiano-Religioso de Juazeiro do Norte-CE*, Idem. Em Pernambuco, vários são os locais de peregrinação: o Santuário de Nossa Senhora Três Vezes Admirável, em Olinda, o de Nossa Senhora das Graças, em Cimbres; Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, sertão do Pajeú; o Memorial de Frei Damião, em Recife, e alguns outros.

um complexo. Principalmente, uma igreja, uma imagem para adoração, algo que não há no Nordeste. Pe. Constante começou a edificar nesse nível. Com Pe. Sérgio começou a se pensar num projeto pra isso. Então como projeto se tem pensado desde o Pe. Sérgio. Como busca de um santuário, creio que com Pe. Constante.

- O senhor afirmou que a colocação das palmeiras visava dar sombra, mas seria apenas esta a intenção? Também não foi pensada a unidade que elas poderiam dar entre imagem, igreja e comunidade?

- Justamente isso, as palmeiras acompanham um movimento que é circular, mas ela não fecha. Se eu olhar a igreja de cima, o palco da torre, ele também é circular. Atrás da imagem também há circularidade não só de elementos arquitetônicos, mas elementos naturais. Primeiro: essas palmeiras tentam dar uma idéia de que a imagem está dentro da igreja porque elas lembrarão colunas quando estiverem grandes, colunas de igreja; mas ao mesmo tempo não é um elemento artificial, não é de concreto pra que deixe a imagem fora. Ela vai dá sombra e a impressão de que a imagem está dentro da igreja estando fora. É uma idéia que embora seja minha, é uma idéia que vários arquitetos, paisagistas barrocos colocaram. O número de 12 é por ser um número simbólico para a Teologia Católica: As doze estrelas da coroa de Nossa Senhora. Simboliza, na prática, as doze tribos de Israel no Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento.

Nestes recortes da entrevista, percebemos quanto os que se encontram como responsáveis pela gestão da instituição religiosa preocupam-se com a representação simbólica de controle de seus fiéis. De antiga querela eclesiástica a viés orientador do projeto do Santuário, preocupam-se seus responsáveis, em englobar, arrebanhar e controlar a massa de fiéis católicos devotos de Nossa Senhora da Conceição.

Observemos outros trechos da entrevista com o secretário Roberto:

– Como a Santa então, estaria vendo esta questão da reforma?

- Uma coisa que foi certa, foi esse negócio do projeto pra que a imagem ficasse dentro da igreja. Então, houve o conselho dentro da comunidade mais Pe. Sérgio, Pe. Josivan, e se achou de não colocar a imagem dentro, porque se você a colocasse dentro, você estaria privando ela e, quando foi colocada aqui há 100 anos atrás, ela não foi pra ser de uma pessoa ou de tal grupo. Então quer dizer: a imagem pertence ao povo. Já viu a imagem dentro da igreja, as portas fechadas, a noite? Tem gente que não entra na igreja, como o pessoal de Resistência, mas adoram à imagem do lado de fora dos portões. Se colocasse dentro da igreja, que horas iriam ver a imagem? Seria forçar o povo a entrar na igreja pra ver; seria uma polêmica.

Neste trecho, aponta-se para a tentativa de se promover a unidade entre instituição, fiel e a Santa. A fala de Roberto alinha-se a de pe. Josivan no que se refere ao respeito pelo que se faz e já foi feito por pe. Reginaldo Veloso e seu grupo. Contudo, observa-se que o ex-pároco se apresenta ambíguo quando fala em adoção anual dos temas da Campanha da Fraternidade, orientada pela Igreja Católica, ao mesmo tempo em que, lembrando o episódio de sua expulsão, leva seus seguidores a não realizarem qualquer atividade que esteja ligada fisicamente ou ideologicamente a Igreja do Morro da Conceição. Vejamos o que ele afirma:

– Com relação a construção do Santuário, seria este projeto atual, o que está abrangendo o maior número de opiniões de todos que por essa igreja e comunidade passaram. O senhor chega a acompanhar tal processo? E mais, se sente prestigiado com a execução do mesmo?

- Olha, eu nem estou sendo chamado em causa, levado em consideração, e por uma questão, eu diria até simbólica, uma questão de princípios, coerência, eu não me sinto com nenhum interesse em contribuir, em estar trocando opiniões e está ligado na coisa. Eu espero que seja uma coisa da melhor possível pro povo, desejo, mas eu não me considero como uma pessoa que tenha alguma coisa a dizer ou que tenha que participar de alguma maneira.

– Com relação à igreja-instituição, o senhor já me passou sua posição, mas com relação a Nossa Senhora, foco de principal atenção do morro, qual sua posição sobre a devoção à Ela e como trabalha com isso em seus grupos?

- Olha, Nossa Senhora da Conceição é apenas um dos títulos, o importante é a figura de Maria, Mãe de Jesus, uma figura que a gente encontra nas páginas do Evangelho e é nessas páginas que a gente encontra os traços essenciais, genuínos desta figura. Pra nós, a figura de Maria é importantíssima, afirmadora. Das três comunidades que acompanho, uma se chama Comunidade da Imaculada Mãe do Senhor, que é a daqui; a outra é a Comunidade da Mãe do Perpétuo Socorro, um outro tipo de Maria; e a terceira é a Comunidade de São José Operário, esposo de Maria. De qualquer maneira, Ela está no dia-a-dia dessas comunidades e a figura Dela é realmente inspiradora pra nós. A gente continua com a mesma devoção e nos inspirando Nela, justamente porque ela tem muito a ver com esse caminho de libertação que a gente tenta prosseguir, certo?

Deparamo-nos novamente com mais uma querela conflituosa, desta vez, envolvendo a análise das falas dos padres entrevistados. Como vimos, é impossível negar que no projeto de construção do complexo de peregrinação não haja um viés de justificativa social para a

realização do mesmo. Como negar que o legado das CEB's não estaria implícito em tal comunidade e seu imaginário, tomando como exemplo os aspectos sociais do projeto?

Pode-se observar que tanto os padres envolvidos em nossas análises, bem como o grupo de fiéis que constituem o terceiro pólo de devoção, possuem argumentos e posicionamentos diversos quanto à execução da construção do santuário. Enquanto o atual pároco preocupa-se em apresentar-se como representante de uma igreja engajada na unidade de todos os fiéis católicos que convivem com a paróquia do morro, temos que o pároco anterior defende o não envolvimento de seus seguidores em qualquer ação que aponte para esta unificação em torno de uma instituição que ainda hoje é liderada pelo seu antigo algoz. Paralela às determinações dos dois grupos, encontra-se uma massa de católicos, maioria no morro, que caracterizada pela sua autonomia procura alternativas para continuar a exercer sua devoção à Nossa Senhora da Conceição.

CAPÍTULO IV

A Festa de Nossa Senhora da Conceição: Devoção e tensões socioreligiosas.

- Dirigindo-se ao fenômeno.

Estudiosos da religião e também da cultura popular, vislumbramos a possibilidade de aliar a necessidade de execução deste capítulo ao entendimento de como se dão as tensões, conflitos e negociações estudadas na comunidade católica do Morro da Conceição, durante a principal atração social, política e econômica da mesma. Não seria tarefa fácil deixar de escrever sobre tal fenômeno. Desde nossa aceitação no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sempre que éramos identificados com os estudos de tal comunidade, as interrogações e/ou sugestões sobre o que se deveria escrever sobre a Festa do Morro eram constantes. Difícil era explicar que nosso objetivo geral, e mesmo específico, não se tratava principalmente disso, contudo, também difícil foi convencer-nos de que a possibilidade de não tratar do evento seria inviável. Procuramos para isso, dialogar com autores que se preocuparam em analisar a concepção da cultura popular sobre e entre as manifestações de festas e rituais no Brasil, inserindo neste contexto, a religião popular.

Constatamos que a Festa de Nossa Senhora da Conceição, ou Festa do Morro como hoje se convencionou chamá-la é construída durante o transcorrer do ano, pelo grupo de leigos ligados à igreja oficial, ou primeiro pólo de vivência católica - já que os seguidores da Igreja de Resistência e Fé não são estimulados a participarem do processo como já vimos. Contudo, é a grande massa de fiéis ligada ao catolicismo popular, e que neste trabalho foi apresentado como o terceiro pólo de devoção católica, que se destaca durante o evento: estejam eles pagando promessas pelas ladeiras do morro, orando por seus entes queridos, comercializando produtos tidos como sagrados ou indo ao encontro da Santa da Conceição.

Marilena Chauí (1990:76) acredita que a relação entre religião e cultura popular pode ser entendida como *“um esforço feito pelos oprimidos para vencer um mundo sentido como hostil e persecutório, pois a religião popular urbana fornece orientação para a conduta da vida, sentimento de comunidade e saber sobre o mundo”*. Isso também é reflexo da idéia de Max Weber sobre a formulação do tipo ideal de religiosidade comunitária, onde se observa que

o princípio constitutivo das relações comunitárias, sobretudo entre as profecias da salvação, era o sofrimento comum a todos os fiéis (...) quanto maior o número de obrigações resultantes da ética de reciprocidade entre vizinhos, mais racional se tornava o conceito de salvação, e tanto mais esse era sublimado em uma ética de fins absolutos (1991:146).

Analisada a sugestão de Marilena Chauí, preocupamo-nos em refletir sobre a idéia de ‘esforço’ defendida acima, pois nos pareceu que o argumento defendia tal ação como atitude intencional ou planejada por parte do fiel. Consultando alguns dos trabalhos de Raymundo Heraldo Maués (1995; 1998), vimos que diferentemente do argumento proposto, entende-se a participação deste fiel nas formas da religião e catolicismo populares caracterizada

pela falta de conhecimento da doutrina católica e da teologia (...) e com uma acentuada tendência para um consumo religioso autônomo, tendo o devoto, dificuldade em aceitar o monopólio dos bens simbólicos (...) levando a uma tendência à não aceitação das determinações eclesiais, sobretudo quando elas vão de encontro às ‘tradições’, isto é, aos costumes populares e tradicionais, àquilo que é próprio da ‘comunidade’ que, afinal, o santo representa, como emblema (1998:04).

Quando trabalhamos com a maior parte de fiéis que compõe a comunidade católica do morro e participam da Festa, percebemos que a segunda argumentação, acima sugerida, é a que mais se identifica com o perfil do terceiro pólo. Vemos também que, a disputa sobre os bens simbólicos, sugerida por Pierre Bourdieu, encontra no Morro da Conceição um grande laboratório para o uso de sua teoria. Vejamos que na citação anterior, Maués (1998) baseou-se no que já havia destacado Bourdieu:

A oposição entre os detentores do monopólio da gestão do sagrado e os leigos, objetivamente definidos como profanos, no duplo sentido de ignorantes da religião e de estranhos ao sagrado e ao corpo de administradores do sagrado, constitui a base do princípio da oposição entre o sagrado e o profano (1987:43).

Contudo, ainda nesta linha de argumentação, temos a ressalva de que ao se analisar a religião popular, deve-se considerar outros aspectos paralelos à dialética relação entre leigos e especialistas, ou ainda, sagrado e profano. Inicialmente, podemos utilizar a análise feita por Bradford Verter (2003), na qual o autor pensa a partir da obra de Bourdieu, mas o interpela quanto à teoria do campo religioso e capital simbólico, afirmando que as disposições espirituais devem ser consideradas como uma forma de capital cultural e que, os leigos neste campo religioso, também produzem seus próprios bens simbólicos, não esperando pelos agentes para satisfazer suas necessidades espirituais.

Em um outro sentido, Roberto J. Blancarte (2000:174), acredita que *“a chamada religiosidade popular é vista como uma manifestação social que contribui para a construção de uma sociedade mais participativa, democrática, justa e igualitária”*, contudo, adverte que

um exame mais cuidadoso destas formas de religiosidade nos mostra que a realidade é, certamente, mais complexa e que, em não poucas ocasiões, a religião popular costuma esconder diversas formas de intolerância cultural, religiosa, social e política. O fenômeno da religiosidade popular é múltiplo e complexo. Para compreendê-lo é indispensável conhecer o contexto social no qual se desenvolve e as implicações que se desprendem de algumas destas práticas religiosas, bem como das concepções sociais que delas derivam (2000:174).

Para a elaboração deste capítulo, avaliamos os argumentos mencionados sobre campo religioso, mercado de bens simbólicos e religião popular, e refletimos, em específico, sobre como estas características de práticas religiosas podem ser identificadas durante a Festa do Morro da Conceição. Vejamos que, diante da complexidade e variedade da religiosidade popular, Cristián G. Parker acredita ser impossível analisá-la *“como um fenômeno social total sem a consideração de que há um campo religioso onde os tipos básicos sejam: a igreja, o*

movimento religioso e a religião popular” (2000:86). Para o estudioso, o processo de modernização fez eclodir um novo segmento de grupos, movimentos, formas e expressões religiosas contrapondo imediatamente igreja e religião popular. Quando estudamos a comunidade católica do Morro da Conceição e a realização de sua maior Festa, percebemos nitidamente como se dá esta contraposição. Não obstante aos acontecimentos históricos que marcaram a comunidade, pode-se observar o quanto o desenvolvimento da Festa, hoje é dividido e pensado por várias instâncias do poder religioso, político ou comunitário. Por exemplo, observamos ser comum entre os grupos ligados ao primeiro pólo que todos eles estejam empenhados em funções pré-determinadas pelo seu pároco e que estes se encarreguem de também fiscalizar o andamento de outras ações, o que não quer dizer, que necessariamente as outras atividades sejam submetidas aos mesmos, como se pode observar, por exemplo, com o ordenamento e disposição dos vários locais oferecidos ao comércio informal de artigos religiosos durante o evento, e que, no caso, é feito sob a administração da prefeitura da cidade.

Ainda sobre as atividades religiosas - não se especificando na autonomia e informalidade de outras atividades ligadas a Festa - ressaltamos a realização da procissão. Historicamente, essa demonstração religiosa tem tido sua saída a partir da Igreja da Harmonia, subindo o morro em direção à Santa, e não necessariamente solicita o pré-estabelecimento de horários para sua realização junto à Igreja do Morro da Conceição, como percebemos em nossas idas ao campo e será trabalhado adiante. Neste sentido, vejamos o que diz Parker:

Ora, uma característica da pluralidade religiosa contemporânea é precisamente a desinstitucionalização de alternativas religiosas e a própria desregulamentação normativa do campo religioso – por causa de vários fatores, entre os quais a secularização relativa da sociedade e a crise das igrejas instituídas – criam um amplo espaço para o desenvolvimento de crenças, devoções, cultos e rituais que contêm todos os elementos que a religião oficial qualifica como ‘supersticioso e mágico’ (2000:88).

Voltando as práticas da religião popular, a pesquisadora holandesa Marjo de Theije preocupou-se em entender e melhor definir o conceito de religião popular no catolicismo brasileiro. A antropóloga nota que o termo caracteriza-se como vago, indefinido e quase sempre marginalizado, uma vez que

ora ele pode ser usado num sentido sociológico, referindo-se à religião do povo, ora é definido como um termo político, que denota a religião das classes oprimidas que estão resistindo à religião ou cultura dominante (...) designando algo informal, não oficial, em contraposição à religião oficial, ou, neste caso, ao catolicismo oficial, clerical (2001b:01-02).

A partir desta constatação, a pesquisadora termina por optar a conceituar tais práticas religiosas de caráter popular a partir da idéia da adoção dos termos: ‘o religioso’ e ‘ordem religiosa’, pois “*estes termos também dão mais conta das práticas, atividades, e experiências dos atores do que conceitos centrados em aspectos ideológicos*” (idem: p.02). Para Theije, a utilização de novos termos conceituais poderia ajudar cientistas sociais a melhor entenderem e classificarem práticas devocionais e ritualísticas, autônomas ou hierarquizadas que não se organizam facilmente segundo a oposição oficial-popular, pois nenhuma dessas pode ser tomada como determinante. Neste sentido, considerar esta dicotomia seria considerar não só diferenças, mas também juízo de valor, hierarquia, em que um dos lados da oposição é sempre privilegiado em relação ao outro.

- **“A Festa do Morro”**: Por uma descrição etnográfica da Festa da Conceição.

Dirigindo-se ao campo de pesquisa no Morro da Conceição, temos como uma de nossas primeiras constatações do quão grande é a importância dada ao período de celebração que homenageia a Santa, a breve identificação de seus fiéis vestidos de azul e branco⁵⁹, que se

⁵⁹ Vem a nossa lembrança uma canção tocada quando dos comerciais das lojas Casas José Araújo, no início da década de 1990, e certamente marcada no imaginário da cidade, a qual, além de reverenciar a Santa, destacava a importância do uso de roupas com as cores citadas por parte do devoto.

encaracolam em uma imensa fila do terminal de passageiros de ônibus⁶⁰ em direção ao morro, lembrando que a data, 08 de dezembro, é tida como feriado e, também por isso, não é difícil percebermos o deslocamento de tantas pessoas na mesma direção.

Nas calçadas, não é difícil perceber a quantidade de pessoas mendigando e que, talvez por virem de outras cidades, “acampam” nas ladeiras principais de acesso⁶¹. Disputando as estreitas calçadas, há vários comerciantes e produtos não necessariamente religiosos que variam de crucifixos e imagens sagradas a quadros da dupla Sandy e Júnior⁶² e, entre eles, podemos nos deparar com os pagadores de promessa que muito impressionam quanto às formas dos seus pagamentos⁶³.

Após percorrer tal maratona de impressões antropológicas, finalmente chega-se à praça central. Lá, um palco de proporções consideráveis foi levantado⁶⁴ e nele estar a se realizar uma missa celebrada pelo arcebispo que, diferentemente da maioria dos presentes - apertados, sufocados pelo forte calor e pela multidão que formavam - não parecia ansioso quanto à chegada da procissão que havia partido da Igreja da Harmonia trazendo uma réplica

⁶⁰ Ainda aqui, observamos todo o aparato da administração pública que foi criado para dar suporte ao evento, estando inclusive seus funcionários vestidos com uniforme específico para o período, bem como, outras formas de envolvimento organizacional.

⁶¹ O que aqui chamamos de acampamento, na verdade, trata-se de um aglomerado de roupas usadas e outros objetos de necessidades domésticas que se misturam com pedintes, crianças, comidas, animais e lixo, transformando o cenário de acesso, em um momento reflexivo sobre a situação daqueles desamparados.

⁶² Sobre mais esta dicotomia entre sagrado e profano no contexto do Catolicismo Popular, consultar Maués, Heraldo (1995). *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Ed. Cejup.

⁶³ Destacam-se as mulheres. Havia uma que subia de costas e era amparada por amigas, enquanto que uma outra estava a subir de joelhos mesmo, o que não deixava de transtornar alguns dos que davam atenção àquelas manifestações imbricadas com sentimentos de fé, remissão e agradecimento. A partir das leituras de *Espinosa*, a autora Marilena Chauí (1990:79) lembra que “*a religião, exprimindo o jogo contraditório de duas paixões – o medo e a esperança – realiza-se como temor da vinda de um mal quando se espera um bem e como esperança de que um bem advenha quando se teme um mal. Temer é esperar. Esperar é temer. Medo e esperança são afetos desencadeados pela percepção do tempo como fragmentado e, portanto, como fonte de puro acaso. A necessidade de conjurar os riscos do tempo incerto, fixando-o em regularidades previsíveis, e a necessidade de encontrar um substituto visível da certeza recusada pelo acontecer, fixando o espaço numa topologia controlável, exige o recurso a um poder ordenador que não só crie a continuidade temporal e a familiaridade espacial, mas, sobretudo, que não se confunda com o mundo a ser ordenado*”.

⁶⁴ Observemos que, ainda no palco, as atividades religiosas dividem espaço com grupos artísticos e culturais, e que também por isso, hoje, o evento é conhecido pela comunidade como a ‘Festa do Morro’, algo que nos foi veementemente destacado por um dos moradores que nos passava informações sobre a localidade. Também há de se destacar a presença de vários políticos locais e a relação da comunidade com o meio político.

da imagem da Santa, e subia o morro em direção à imagem original⁶⁵. Todas as atenções são voltadas à caminhada dos fiéis à medida que esta se aproxima. Percebamos que o arcebispo dom José Cardoso já havia iniciado a celebração eucarística, às exatas 18h, mas que não parecia haver qualquer harmonia ou acordo organizacional prévio entre as duas celebrações, o que nos fez perceber, inclusive, que a autoridade eclesiástica elevava o seu tom de voz no esforço vão de não reconhecer o agrupamento de fiéis que se aproximava.

Mais uma vez, o caráter de submissão que o controle eclesiástico pretende impor nas expressões do catolicismo no Morro da Conceição parece ter sido colocado em cheque ao se observar o simples ato de chegada de uma procissão no local. Ora, não seria a procissão mais um ato de celebração que poderia estar inserido na programação das atividades da Festa do Morro da Conceição? Então, porque a dissonância entre o que era praticado no palco central pelo arcebispo e a atividade que se aproximava? Parece-nos que mesmo o tempo ainda não foi suficiente para afirmar um controle religioso mais tranqüilo desta liderança.

De caráter popular, a procissão traz consigo o enfrentamento a uma hierarquia que se pretende dominante e que é simbolizada pela constante presença do arcebispo dom José Cardoso nas principais atividades ligadas ao morro. Neste sentido, vejamos o que diz o Sr. Gilkley, um dos participantes da Festa e morador do morro, que nos procurou alertar que a maior quantidade de pessoas que se aproximava da praça acompanhava a procissão.

- Mas a procissão vai aguardar o arcebispo terminar sua fala?

- Eu acho que não. Todo ano ele faz isso, fica falando e fazendo oração mesmo sabendo que a procissão vai chegar. Você não ouviu os fogos. Quando ela está perto de chegar, todo mundo corre de dentro de casa pra ver a imagem da Santa.

Dessa maneira, com a sua chegada, a procissão arrasta consigo a atenção de todos: dos fiéis moradores no morro e dos visitantes, bem como da imprensa e órgãos estatais que

⁶⁵ Destacamos a presença da imprensa e de grandes patrocinadores representados por carros e cartazes que acompanhavam a procissão, entrelaçando sagrado e profano de maneira natural e comercial.

regulam a Festa. Os que estavam em casa se dirigem à rua e todos seguem paralelamente à praça e igreja em direção à imagem da Santa. Escoltado pelo Batalhão de Choque da Polícia Militar, um corredor abre-se entre os fiéis e dá passagem à imagem. Atrás do caminhão, uma senhora e seu neto ajudam o veículo a seguir em frente “empurrando-o” diante de um grupo de jovens vestidos com as cores da Santa. Há um outro grupo, desta vez de senhoras, que carrega bandeiras e, além dele, todos se demonstram eloquentemente emocionados. Escutam-se preces, louvações, cantos, agradecimentos e orações.

- O período da Novena

A partir do dia 29 de novembro, inicia-se a novena que se estende até a véspera do esperado dia de celebração. São nove noites que começam com a *Noite da Bandeira*. Nesse período, há grandes celebrações em torno do palanque festivo realizadas pela massa de devotos de Maria que de toda parte vêm admirá-la e, parecendo sentir a ternura de seu olhar, desabafam suas angústias, renovam suas esperanças e a homenageiam. Nos dias iniciais, bem como nos que antecedem à Festa, pode-se perceber várias alterações na comunidade: sua estrutura comercial é melhor abastecida de novos e diversificados artigos; a montagem do palco demanda modificações no que tange o lazer dos moradores; desfilam em seus carros vários representantes políticos e governamentais; e transfere-se o material colocado na igreja provisória para o palco central.

Dirigimo-nos ao encontro de pe. Josivan Sales na casa paroquial e identificamos que a mesma encontra-se em grande agitação com o envolvimento dos vários leigos que a utilizam como suporte, onde são oferecidos serviços de refeição, material e outros. Na casa, nos deparamos com uma característica peculiar do pároco que é a de exigir de seus grupos de leigos a total participação na Festa sob o regimento de sua batuta, agindo como um verdadeiro administrador. Em contrapartida, não é difícil observar que a casa da Igreja de Resistência e

Fé não parece esboçar qualquer realização de atividades, apresentando-se, inclusive, fechada, como já havíamos observado em momentos anteriores. Mais tarde, num outro dia de visita de campo na Festa, e mais especificamente no CERVAC, certificamos-nos do que já desconfiávamos: ao conversarmos com um dos membros da Igreja de Resistência e Fé, o mesmo nos informou que o grupo não celebra nenhum tipo de atividade no período tido como o oficial de devoção à Santa. Esta informação nos remete as observações que já foram feitas sobre a determinação de pe. Reginaldo Veloso, que desaconselha seus seguidores a realizarem qualquer ato ou manifestação de adoração a Nossa Senhora, sob o argumento de que se poderia estar sendo condizente com as doutrinas e determinações da igreja oficial e seu arcebispo. Segundo o membro entrevistado, na semana anterior, foram feitas as celebrações, mas mesmo estas não foram realizadas no pátio onde fica a imagem e sim, na sede do grupo. Questionado sobre o que os membros faziam no período oficial, o mesmo afirmou:

- Todos têm liberdade para fazer qualquer coisa, o que nós não devemos fazer é participar das atividades dentro da igreja.

Na verdade, o que pudemos perceber durante a observação das duas últimas Festas do Morro, aliado ao conhecimento que obtivemos nas pesquisas junto aos grupos e entrevista com o líder da Igreja de Resistência e Fé, foi que, não só as questões históricas e políticas influenciam no isolamento, como também, parece haver entre os seguidores de padre Reginaldo uma consciência diferenciada da vivência católica: aquela de não sentir necessária a adoração à Maria, Mãe de Jesus, por intermédio da imagem. No trecho da entrevista que se segue, fica óbvio este argumento quando nos baseamos no que diz a liderança religiosa:

- Olha, Nossa Senhora da Conceição é apenas um dos títulos, o importante é a figura de Maria, Mãe de Jesus, uma figura que a gente encontra nas páginas do Evangelho e é nessas páginas que a gente encontra os traços essenciais, genuínos desta figura.

Mesmo entendendo que tal discurso tenha sido tomado pela necessidade e adequação à postura e estratégia de resistência do grupo frente às ordens da arquidiocese, vale ressaltar

que o mesmo vem a transpor este ideal bastando lembrar o fato de que por várias vezes a imagem foi utilizada como instrumento que viabilizou protestos com faixas e cartazes (rever foto do capítulo II). Percebemos que a Igreja de Resistência e Fé, conscientemente, confronta a Festa da Conceição e a devoção à imagem, contudo, a postura que parece ir de encontro às práticas do catolicismo popular – como a devoção mística e autônoma, bem como de adoração a imagens - na verdade é adotada contra a Igreja Católica, e mais precisamente, contra seus representantes eclesiásticos, pois mesmo que católicos e devotos de Nossa Senhora da Conceição, os seguidores de padre Reginaldo terminam por optar pelo distanciamento.

De volta à organização do evento, notamos que à medida que o dia de culto se aproxima, cada vez mais aumenta a agitação social, comercial, devocional, econômica e estrutural, na comunidade. Paralelo a este processo, deparamos-nos com a tão esperada obra de construção do Santuário, que terminou por ser iniciada apenas no dia 16 de novembro de 2007, e que todos os prazos de conclusão haviam sido descartados devido as exigências de representações governamentais. Perguntado se por estarmos nos aproximando da Festa, não seria mais pertinente aguardar o fim da mesma para dar início ao tão esperado processo de construção, pe. Josivan, ironicamente, alertou-nos para possíveis infortúnios que voltassem a retardar ou impedir o processo, além de ressaltar que, desta maneira, um maior número de pessoas e a própria mídia poderiam estar a par das obras.

Nos dias que antecederam a festa oficial, procuramos reencontrar todos os leigos e informantes dos mais variados grupos ligados à igreja oficial com a finalidade de entender como os mesmos se encontrariam dispostos durante aquela atividade. Percebemos que a todos haviam sido delegadas funções e tarefas diferentes, obviamente divididas e iniciadas muito antes daquele período, mas que, quanto a responsabilidade de arrecadação econômica, ficariam todos, de forma única, responsáveis pela administração de uma barraca de artigos religiosos localizada aos pés da imagem. Certamente, percebemos a preponderância dos

representantes de alguns grupos específicos nesta barraca, como os Vicentinos, por exemplo, mas o que se era passado era que aquela era uma responsabilidade de todos.

A Festa, no dia 08 de dezembro, promove o desfecho congratulatório de toda preparação e organização do processo. Da parte dos fiéis, mesmo que de aspecto simples, esta devoção demonstrada na Festa, trata de um particular encontro do fiel com a sua Mãe adorada. Diante da Santa, as promessas, os pedidos, os agradecimentos, as trocas de olhares e confidências passam a marcar tamanha relação filial. Aos seus pés, todos são filhos tão somente, independentemente para isso, a idade, as raças, cores e crenças.

- Enquanto uns sobem, outros descem - Na descida, o profano.

Encontramos-nos na Praça do Trabalho⁶⁶ por volta das 22h. Ao tentar nos deslocarmos pelo meio da multidão⁶⁷ não há como não acionar a nossa percepção antropológica e condicionarmos a leitura dos vários elementos que compõem o evento. Inicialmente, faz-se necessário notar que estamos na parte profana da Festa, ou seja, nos encontramos naquele momento no qual, com o anoitecer, devotos ou não de Nossa Senhora da Conceição se comprometem com outras sensações ritualísticas diferenciadas das atividades religiosas. Para isso, estamos classificando a Festa do Morro no contexto de dois eixos norteadores: um primeiro que considera a festa sagrada (diurna) e um segundo que corresponde à festa profana, normalmente celebrada à noite, o que não necessariamente implica numa total separação ou isolamento das duas. Para maiores entendimentos sobre a relação entre períodos profanos e sagrados nas festas do catolicismo popular, podemos consultar Carlos Rodrigues Brandão e o clássico Émile Durkheim.

⁶⁶ Esta praça, em conjunto com uma outra praça que se encontra no início do acesso da principal ladeira do morro, concentra o maior número de *casas-comércio* (todos de caráter informal: bares, restaurantes, lojas de artigos religiosos e infantis, etc.) encontrando-se opostas e paralelas a Avenida Norte. Nesta *mancha* (MAGNANI, 1998) encontramos do lado da primeira praça, a predominância de jovens, enquanto que na segunda, um maior número de famílias.

⁶⁷ Se considerarmos o complexo que envolve as duas praças e o trecho ocupado pelos transeuntes na avenida principal, deverá haver perto de 50.000 pessoas.

O segundo pesquisador, em sua obra “*As Formas Elementares da Vida Religiosa*”, preocupou-se, dentre tantos outros assuntos, em explicar como homens e sociedades desenvolveram-se no tempo, adotando conceitos e dogmas que vieram a separar o humano do divino. Durkheim percebeu que a prática do ritual poderia variar em muitas sociedades, mas que quase como uma regra, separava o comportamento profano de tudo que se esperasse por sagrado. Porém, a partir de análises ritualísticas em específico, o autor chegou à constatação de que, ao se buscar um desligamento sobre tudo que represente o profano, o homem sempre estaria condicionado a manter um elo entre este e o sagrado.

Essa heterogeneidade inclusive é tal que não raro degenera num verdadeiro antagonismo. Os dois mundos não são apenas concebidos como separados, mas como hostis e rivais um do outro. Como só pode pertencer plenamente a um se tiver saído inteiramente do outro, o homem é exortado a retirar-se totalmente do profano, para levar uma vida exclusivamente religiosa [...] Claro que essa interdição não poderia chegar ao ponto de tornar impossível toda comunidade entre os dois mundos, pois, se o profano não pudesse de maneira nenhuma entrar em relação com o sagrado, este de nada serviria (2003:23-4).

Por sua vez, Carlos Rodrigues Brandão lembra que

muito mais do que em todos os outros setores sociais, no religioso, as afirmações espontâneas de legitimidade são feitas sobre a construção de um mapa simbólico com o traçado de limites e de oposições: primeiro, para separar o território do sagrado do território do profano; depois para dividir, dentro do primeiro, regiões, províncias e vizinhanças (1980:228).

Contudo, o autor entende que, por se encontrar dentro do território do terreno, o homem sempre estará passível às ações conjuntas dos dois campos.

A religião popular ofereceu isto: a fé, mas também a festa do Santo, com fiéis e danças e, nas horas profanas, depois da obrigação, com álcool, a possessão dos espíritos dos mortos, dos orixás e de seus protegidos sobrenaturais; a possessão do Espírito Santo; a possessão de um outro eu (1980:143).

Para a realização da Festa, levando-se em conta todas as necessidades demandadas pelo evento, cria-se naquele subúrbio toda uma estruturação informal e institucional que possa lhe dar suporte. Percebemos que a prefeitura da cidade apresenta-se ora como colaboradora,

ora como coordenadora do processo. Exemplifiquemos a informação com a constatação da presença permanente de guardas municipais e viaturas, bem como, da presença de funcionários da vigilância sanitária da cidade no processo de fiscalização dos vários segmentos do comércio informal. Voltemo-nos à descrição deste comércio: nossa primeira constatação parte da observação de que a grande maioria das casas, incluídas geograficamente no perímetro urbano citado, transforma-se em algum tipo de estabelecimento para fins comerciais durante o período da festa e que, neste ensaio, as chamamos de *casas-comércio*. Não é estranho observar que, caso o transeunte venha a se acomodar em um dos pontos residenciais adaptados como estabelecimentos comerciais, os serviços de cozinha e toaletes oferecidos, por exemplo, serão aqueles mesmos utilizados por seus proprietários. Também não é difícil observar que os produtos negociados por esse comércio são caracterizados pelo padrão de consumo de seus moradores, ou seja, as comidas e bebidas ali comercializadas fazem parte dos itens que compõem o mesmo padrão de consumo dos que vendem e dos que consomem⁶⁸. Ora, e como entender esta constatação? Basta que consideremos que a maioria dos freqüentadores da festa noturna são moradores de comunidades da própria zona norte da cidade e, mesmo que não fossem, comungam das mesmas características socioeconômicas nos bairros em que residem. Em seus estudos sobre vida urbana, Michel de Certeau esclarece:

O bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se, portanto apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço 'privado particularizado' pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço. A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento – de identificação – que se estabelecem graças à proximidade, graças à coexistência concreta em um mesmo território urbano, todos esses elementos 'práticos' se nos oferecem como imensos campos de exploração em vista de compreender um pouco melhor esta grande desconhecida que é a vida cotidiana (1996:40-1).

⁶⁸ Nesse sentido, podemos verificar outros utensílios como: roupas, brinquedos infantis, artigos natalinos, etc.

Citamos esta passagem por entendermos que tal localidade transforma-se e adapta-se às necessidades dos muitos que para ela se dirigem, mas que, no entanto, são os moradores da mesma que adaptam as necessidades dos visitantes em torno das suas, não só por dali serem proprietários, mas porque conhecem aquele território de maneira específica.

- Das percepções sensoriais⁶⁹.

Como havíamos citado, mesmo se tratando da comercialização de comidas específicas do grupo presente, a miríade de artigos alimentícios ali trabalhados impressiona⁷⁰. São variados e presentes os cheiros ao redor. Encontramos caldeirões repletos de caldos e ensopados que variam entre os tradicionais caldinhos de feijão e peixe, ao misterioso caldo “Cabeça de Galo” que se vale da fama de ser afrodisíaco e energético.

Também há de se impressionar com a quantidade de sons perceptíveis em poucos metros de percurso percorridos. Em cada metro quadrado, podem-se ouvir bandas de música brega diferentes⁷¹ ou ainda, os demasiados gritos daqueles que decidem e se permitem utilizar dos brinquedos que compõem o parque de diversão – leia-se: aparelhos antigos e precários

⁶⁹ Recomendamos aos leitores de nossa dissertação, que os mesmos considerem trabalhos culturais em torno de nosso tema, com destaque na cultura pernambucana. Apresentamos nossa análise sobre o espetáculo teatral de dança *Conceição* (2007), que de maneira artística tentava expressar algo do grandioso processo de devoção a Nossa Senhora da Conceição no Morro. Segundo sua diretora, “na festa há muita coisa visualmente forte: as roupas, velas, fitas, os vários símbolos que cobrem os corpos dos devotos e também comerciantes que se misturam naquele momento. Encontrávamos pessoas que iam pagar promessas, e era muito forte percebermos estes corpos sendo usados daquela forma – gente nadando no chão quente, subindo o morro de joelhos... era tudo muito impressionante!”.

⁷⁰ Paradoxalmente a tamanha oferta de alimentos, não é difícil observar que próximo aos estabelecimentos, encontram-se vários casos de mendicância que, mesmo tão comuns ao cenário recifense, aqui, são totalmente desconsiderados. Nossa surpresa pode ser entendida se lembrarmos que, nesta cidade, tal prática é altamente tolerada, ou pelo menos “negligenciada” e que, não muito longe do foco comercial, mas, especificamente, na subida das ladeiras que levam à imagem da Santa, pode-se deparar com uma mendicância quase que institucional, ressaltando que esta característica de mendicância está presente em outros centros devocionais peregrinos, como os que já citamos neste capítulo. Todavia, para melhor se entender as características contrastantes e específicas de Recife, sugerimos ler, dentre outras obras, as de João Cabral de Melo Neto e Manuel Bandeira.

⁷¹ Vale ressaltar que a diferenciação das músicas que podem ser ouvidas parte da identificação da representação social de seus frequentadores. Considerar essas diferenças significa entender que a música brega possui particularidades e, no caso recifense, podem representar diferentes segmentos de consumidores. Ver Fontanella, Fernando Israel, *A Estética do Brega: Cultura de consumo e corpo nas periferias do Recife*. 2005. Dissertação de Mestrado em Comunicação – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

como Carrossel, *Kamikase*, Bate-Bate, Roda-Gigante, Barco Fantasma, etc. - que nos passam uma total sensação de insegurança.

Voltando ao aspecto musical, deparamo-nos, em meio aos nossos deslocamentos, com a existência do lugar de uma juventude específica. Neste local, os jovens se apresentam com feições mais sérias e transfiguradas. Também seus trajes são específicos e os mesmos parecem compor uma espécie de grupo particular: um grupo que exclusivamente ouve *Hip-Hop* e *Funk* tocados por bandas locais e que, por demonstrarem um aspecto mais sombrio, parecem não estarem tão dispostos a interagirem com aquele que talvez fosse o principal foco da celebração: a devoção à Nossa Senhora da Conceição. Parecia haver a tentativa de estabelecimento de um local específico, um *pedaço*, para poucos⁷².

Diante de tantas informações, diversidade e contrastes⁷³, os participantes da Festa têm a responsabilidade de delimitar os seus espaços de atuação no evento. Durante a Festa do Morro percebe-se também a participação de fiéis ligados a outras denominações religiosas, que se envolvem por motivos diferentes e particulares. Poderíamos refletir, por exemplo, sobre a relação da comunidade católica do morro e as demonstrações de sincretismo ligadas a Nossa Senhora da Conceição por parte da religião afro-descendente ou espírita. Representantes dessas denominações religiosas também procuram identificar sua adoração durante o período da Festa promovendo eventos de celebração em momentos específicos do período em que o evento ocorre. Mesmo lembrando que este não se trata de nosso principal

⁷² Ao refletirmos sobre a idéia de pedaço em MAGNANI (1998:115-16), no caso da Festa do Morro, poderemos imaginar que seus moradores e ou frequentadores, identificariam e avaliariam outros fiéis. Diferentemente do que pensa Marilena Chauí (1986), para o autor, não é o *trabalho* que produz a identificação social, mas sim, o bairro. Apenas pensar sob o viés sociológico do trabalho é insuficiente, há outros elementos que podem formar uma rede de sociabilidade e esta é em muito complexa.

⁷³ Podemos definir a região na qual está inserida o Morro da Conceição como a dos contrastes; uma região de acentuadas heterogeneidades que se revelam na diversidade dos padrões construtivos de seus ambientes naturais e indicadores sociais, sobretudo no que tange os aspectos econômicos. A RPA 3 possui o segundo mais elevado rendimento nominal médio da cidade ao mesmo tempo que se encontra com um dos menores rendimentos medianos mensais, conforme dados do IBGE 2000.

objetivo, gostaríamos de ressaltar a característica sincrética do campo religioso brasileiro, no qual, também está inserido o nosso campo de pesquisa.

A cada ano, torna-se mais tradicional e arraigado na cultura pernambucana, o culto à Nossa Senhora da Conceição. Milhares de fiéis em romarias saem de vários bairros e cidades para Lhe oferecer louvores e, num grande exemplo de sincretismo, esse processo insere-se nos costumes do recifense, promovendo atividades de caráter popular. Ao falarmos de sincretismo religioso no Brasil, tomamos como referência a literatura pertinente ao assunto sobre a constituição do trabalho e campo religiosos. Na academia brasileira, tal conceito vem sendo discutido, ampliado e desmistificado como sinônimo de pluralidade e tolerância religiosas. Consideremos o diálogo promovido por Cecília Mariz com Pierre Sanchis, a respeito da idéia de sincretismo e diversidade religiosa no interior das famílias brasileiras:

Pierre Sanchis afirma que a história do Brasil não é apenas a da ‘saga do sincretismo’, mas é, pelo contrário, a história de uma relação dialética onde vetores sincréticos e anti-sincréticos se confrontam em um processo criativo. [...] os grupos religiosos se sincretizam com a modernidade, e paradoxalmente esse sincretismo os tornam anti-sincréticos. [...] ele também considera que tem aumentado a pluralidade de experiências de sincretismo no Brasil e comenta sobre a convivência da diversidade religiosa no interior das famílias (mimeo:10-11).

Sobre o mesmo tema, a pesquisadora Maristela Oliveira de Andrade (2002), considera que a história da formação do sincretismo religioso brasileiro possibilitou caracterizá-lo

não somente em uma relação de dominação e resistência, mas também, de negociação e conciliação, onde se estabelece uma espécie de equilíbrio de forças em que os mais fracos impõem veladamente sua forma própria de expressão religiosa. Desta forma, desafia a forma dominante, ao mesmo tempo, em que assimila dela os elementos exteriores que encobrem o sentido mais profundo de sua crença (idem, p. 25).

Ainda para a autora, este sincretismo deve ser reconhecido, dentro do pluralismo do campo religioso brasileiro, como “*sistema em forma de um gradiente religioso, em que há*

áreas de transição entre uma e outra modalidade religiosa, onde surge uma mescla de crenças” (ibidem, p. 214).

Percebemos que os grupos católicos por nós estudados caracterizam-se pela leitura diferenciada que fazem a respeito das práticas rituais de seus fiéis. Como comunidades religiosas que se reuniam com o intuito de promover ações de melhoria social para seus irmãos, as CEB's terminavam, em virtude da necessidade de uma maior racionalização das atividades de seus membros, tornando-se críticas as práticas religiosas caracterizadas como populares ou a exaltação de uma maior espiritualidade ou de uma maior ênfase das questões emocionais que se colocassem acima da necessária concentração dos esforços religiosos para a realização de trabalhos de base; enquanto que a RCC, por exemplo, sempre procurou se reconhecer como anti-sincrética, não valorizando qualquer demonstração de identificação com outras práticas religiosas de seus membros (Mariz, *idem*).

De uma outra maneira, podemos identificar no Morro da Conceição a participação dos fiéis evangélicos que vêem no evento uma oportunidade de afirmação do discurso promovido pela religião protestante contra a adoração de imagens. Os representantes evangélicos, em muitas oportunidades, patrocinaram caminhadas que se dirigiam ao Morro da Conceição no intuito de desmistificar a importância que é dada pelos fiéis católicos ao evento. Contudo, percebemos que alguns moradores do morro, mesmo que de culto evangélico, beneficiam-se da Festa participando do comércio informal constituído no período.

Podemos destacar ainda, o trabalho cultural desenvolvido pelos fortes e presentes grupos de escolas de samba e quadrilhas juninas na comunidade que, durante o evento, se favorecem particularmente, pela procura de profissionais da imprensa, produtores culturais e pesquisadores que sobem ao morro com intuito de conhecer melhor sua comunidade.

Especificando-se no campo dos estudos da religião popular, ressalvamos a organização taxonômica que realizam as ciências sociais classificando essa expressão

religiosa como o resultado da combinação de quatro variáveis: a composição social dos fiéis; a função da religiosidade; seu conteúdo e a natureza da autoridade no plano da instituição religiosa. No que tange à Antropologia, ainda seria necessário considerar o caráter popular da religião, como preservação de valores éticos, estéticos, étnicos e cosmológicos de grupos minoritários e oprimidos, de sorte a funcionar como canal de expressão da identidade grupal e de práticas consideradas desviantes e, por isso, repudiadas, pela sociedade⁷⁴. Contudo, acreditamos que, no caso dos estudos sobre o Catolicismo Popular, não há de se generalizar ou reduzir desta forma, a argumentação sobre a composição dos que praticam a religião popular.

No nosso campo de estudo, tivemos a constatação de que pessoas de diversas classes sociais encontram-se presentes na Festa da Conceição - Lembremos que no segundo capítulo deste trabalho, notamos a presença de vários fiéis que são advindos de uma classe média vizinha que procuram a Igreja e a Santa do Morro da Conceição. Tomando como exemplo a própria organização da Festa do Morro, notamos que há a participação de vários segmentos sociais, partindo de representantes comerciais até políticos e representações governamentais - podendo-se tomar como exemplo, o trabalho desenvolvido pelo pesquisador Carlos Alberto Steil (1996), em que, na observação de um outro fenômeno peregrino, o de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, o mesmo confirma não haver uma especificidade de classe para realização da atividade peregrina e que por isso mesmo, deve-se evitar tal tipo de classificação.

Acreditamos que o fenômeno de devoção que envolve a Festa do Morro, a Festa de Nossa Senhora da Conceição, está imbricado no imaginário coletivo dos que formam as sociedades recifense, pernambucana e de seus arredores, também servindo como um evento onde o fiel depara-se com efervescência religiosa ao mesmo tempo em que se depara com a ludicidade, seus prazeres e alegrias. Cultuar a imagem da Santa significa, para os devotos,

⁷⁴ Chauí, Marilena. *Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas*. SP, Ed. Cortez, 1990.

muito mais que um simples ato de articulação santorial ou de cumprimento dos deveres de um bom fiel, mas sim, a resposta aos devotos que Nela crêem frente aos problemas sociais, enfraquecimento espiritual, medos, angústias, incertezas e intrigantes questionamentos transcendentais e clássicos como: quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

Considerações Finais

Procuramos com esta dissertação de mestrado apresentar um perfil socioreligioso da Comunidade Católica do Morro da Conceição, no Recife. Consideramos para isso a existência de fatos históricos, políticos, socioreligiosos e simbólicos que terminaram por moldar a sociabilidade presente nesta comunidade. Históricos porque nos preocupamos em introduzir nossos leitores às mudanças urbanísticas pelas quais passou o morro desde a chegada da imagem de Nossa Senhora da Conceição, no ano de 1904, e Consigo trouxe não só a propagação de Sua devoção, bem como, uma relação de controle eclesiástico sobre os fiéis por parte da Igreja Católica. Acontecimentos políticos e ideológicos, porque esta comunidade é um reflexo das ações desenvolvidas, em períodos distintos, por parte da hierarquia eclesiástica que seguiu as orientações de duas correntes teológicas distintas oriundas do Concílio Vaticano II.

Considerados esses aspectos, pudemos melhor entender como a citada convivência socioreligiosa passou a se desenvolver sobre o formato do que classificamos como os três pólos de vivência católica. Identificamos os antagonismos entre os pólos, mas também, observamos quais práticas socioreligiosas perpassam entre os mesmos.

O primeiro pólo, praticante do Catolicismo Oficial, ver-se como agregador de outros católicos criando estratégias de persuasão sobre os membros do terceiro pólo. Contudo, depara-se com uma disputa interna por hegemonia, em que os grupos que o compõe vêm-se como mais importantes que os demais e lutam pela atenção da paróquia. Desta maneira, entre a disputa interna do primeiro pólo e sua tensa, porém dissimulada, disputa com o segundo pólo, o terceiro pólo, caracterizado pelo Catolicismo Popular, parece se justapor aos demais, formando um dinâmico complexo de trocas simbólicas. Contudo, essa é uma prática silenciosa, não intencional, pois quando os fiéis do terceiro pólo dispensam as ações da igreja

oficial, não se percebem inseridos em um cenário de confronto e disputa pela hegemonia, mas sim, por estarem dando continuidade as suas próprias práticas devocionais.

Aliado a estes aspectos, encontramos o simbolismo que circunda aqueles que vivem a comunidade católica estudada. Diante de tal conjuntura, preocupa-se a Igreja Católica em manter-se presente no cotidiano dos fiéis servindo-os como instrumento regulador da sua devoção religiosa, percebendo-se que esta preocupação existe desde a chegada da imagem, pois a instituição sempre procurou se fazer presente através de monumentos de destaque, como a antiga Torre e o futuro complexo Santuário.

Considerados estes fatores, passamos a refletir sobre a representação de Nossa Senhora da Conceição no imaginário de todos os seus devotos, perguntando-nos de que forma todo este processo influenciou e/ou influenciaria no aspecto de composição da sociabilidade entre os fiéis de cada pólo de devoção. Objetivamos entender se o simbolismo da representação de Nossa Senhora da Conceição, junto aos Seus fiéis católicos terminaria por agregar ou desagregar os que com Ela convivem.

Depois de muitas reflexões, análise de dados, consulta aos nossos orientadores, pesquisas teóricas e, principalmente, horas de pesquisa de campo, concluímos que este simbolismo termina por promover um elemento de disputa na comunidade católica. O símbolo da Santa da Conceição termina por ‘agregar desagregando’, ou seja, sendo o centro do principal foco das atenções e devoção do Morro da Conceição, a imagem atrai e concentra seus variados fiéis, porém, disputada a exclusividade e legitimidade de Sua adoração, a Santa da Conceição termina por ver seu rebanho de católicos, paradoxalmente, dividido, contudo em uma mesma identidade católica, construindo na comunidade um estágio de vivência competitivo, em que acontecimentos do passado e do presente se confundem e influenciam-se, impedindo desta maneira, a visualização de um futuro de sociabilidade religiosa com características de unificação e harmonia em tal comunidade de fiéis católicos.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Maristela Oliveira de (2002). 500 anos de Catolicismos e Sincretismos no Brasil. João Pessoa. Ed. Universitária/UFPB.
- ANDRADE, Péricles (2006). O Campo religioso brasileiro contemporâneo, in História das Religiões no Brasil: vol. 04. Sylvana Brandão, Luiz Carlos Luz Marques & Newton Darwin de Andrade Cabral (orgs.). Recife. Ed. UFPE: pp. 455 – 504.
- BARRIO, Angel B. Espina (mimeo). Virgenes, poder y política em Recife. Salamanca, Ed. Universidade de Salamanca.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George (2005). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 4ª edição. Petrópolis, Ed. Vozes.
- BENEDETTI, Luiz Roberto (2001). Pentecostalismo, Comunidades de Base e Renovação Carismática. Cadernos do Ceris, 1(2): 43-68.
- BERGER, Peter (1985). O Dossel Sagrado. São Paulo, Ed. Paulinas.
- _____ (2001). A dessecularização do mundo: uma visão global. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, Ed. Vozes.
- BERREMAN, Gerald (1990). Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: ZALUAR (org.), Desvendando mascaras sociais, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 123-174.
- BETTO, Frei (1985). O que é Comunidade Eclesial de Base? Coleção Primeiros Passos, 46. São Paulo: Abril Cultural, Ed. Brasiliense.
- BLANCARTE, Roberto J. (2000). Religião Popular e Poder Político no México, in Roberto Cipriani, Paula Eleta & Arnaldo Nesti (orgs.), *Identidade e Mudança na Religiosidade Latino-Americana*, Petrópolis, Ed. Vozes, p. 174 - 190.
- BOFF, Leonardo (1976). Catolicismo Popular: que é catolicismo? Revista Eclesiástica Brasileira. Vol. XXXVI, Petrópolis, Ed. Vozes, pp. 19 - 52.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo (2004). História: Sociedade e Cidadania. São Paulo, Ed. FTD.
- BOURDIEU, Pierre (1987). A Economia das trocas simbólicas. São Paulo. Ed. Perspectiva.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1981). Sacerdotes da Viola: rituais religiosos no catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis, Ed. Vozes.
- _____ (1980). Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular. Brasília, Ed. Brasiliense.
- BREWER, John D. (2000). Ethnography. Buckingham, PA, Open University Press.

- BURITY, Joanildo A. (2006). Redes, parcerias e participação religiosa nas políticas sociais no Brasil. Recife. FUNDAJ, Ed. Massangana.
- CALLOIS, Roger (1988). O Homem e o Sagrado. Lisboa. Edições 70
- CAMARGO, Cândido Procópio F. de (1973). Católicos, Protestantes, Espíritas. Petrópolis, Ed. Vozes.
- CAMPOS, Roberta B. Carneiro (1995). Emoção, magia, ética e racionalização: as múltiplas faces da Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado. UFPE.
- _____ (2003). Nossa Senhora andou por Juazeiro: explorando critérios de validação nos milagres e 'causos' de Juazeiro do Norte (CE). In: STEIL, Carlos Alberto. Maria entre os vivos. Porto Alegre, UFRGS.
- CARRANZA, Brenda (2000). Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências. Aparecida, SP: Editora Santuário.
- _____ (2004). Catolicismo em movimento. *Religião e Sociedade*, 24(1): 124-146, Rio de Janeiro. Ed. UERJ.
- CHAUÍ, Marilena (1986). Conformismo e Resistência: aspectos da cultura no Brasil. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- _____ (1990). *Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas.* (5ª ed.) São Paulo, Ed. Cortez.
- CIRANO, Marcos (1983). Os Caminhos de Dom Hélder: perseguições e censura. Recife, Ed. Guararapes, Vol. II.
- CLIFFORD, James (1998). Sobre a autoridade etnográfica, in *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro, UFRJ, p. 17 – 62.
- COUTO, Márcia Tereza (1998). Pluralismo religioso e relações familiares no contexto de pobres urbanos. *Revista da Universidade Rural - Série Ciências da Vida*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1-2, p. 39-55.
- DE CERTEAU, Michel (1999). *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis, Ed. Vozes.
- _____ (1996). *A Invenção do Cotidiano II. Morar, Cozinhar*. Petrópolis, Ed. Vozes.
- DELLA CAVA, Ralph (1989). The 'People's Church', the Vatican, and Abertura. *Democratizing Brazil: problems of transition and consolidation*. Oxford University
- _____ (1990). The Ten-Year Crusade towards the Third Christian Millennium: Na Account of Evangelization 2000 and Lumen 2000. Conference paper nº 27. New York: The Columbia University/New York University Consortium.

- DUMONT, Louis (1997). *Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações* (introdução). São Paulo; EDUSP, p. 49-68.
- _____ (2000). *O Individualismo, uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. O valor nos Modernos e nos outros*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 237 – 280.
- DURKHEIM, Émile (2003). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo, Martins Fontes.
- DUVIGNAUD, Jean (1983). *Festas e Civilizações*. Edições UFCE. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro.
- FOLLMAN, José Ivo (2002). *O cotidiano religioso católico numa paróquia suburbana da região metropolitana de Porto Alegre (RS)*, in Pierre Sanchis (org.), *Catolicismo: Cotidiano e Movimento*. RJ, Ed. Loyola, p. 155 – 208.
- FONTANELLA, Fernando Israel. *A estética do Brega: Cultura de consumo e corpo nas periferias do Recife*. 2005. Dissertação de Mestrado em Comunicação – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- FREUD, Sigmund (1971). *Malaise dans la civilization*. Paris, PUF.
- FREYRE, Gilberto (2000). *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro, Ed. Record.
- GEERTZ, Clifford (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Ed. LTC.
- GIL, Antônio Carlos (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- GOFFMAN, Erwing (1995). *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes.
- GONZÁLEZ, Jorge A. (2000). *Um olhar oblíquo sobre a Religião Popular no México: Retablitos e Santuários entre cultura e o poder*, in Roberto Cipriani, Paula Eleta & Arnaldo Nesti (orgs.), *Identidade e Mudança na Religiosidade Latino-Americana*, Petrópolis, Ed. Vozes, p. 191 – 216.
- GRAMSCI, Antonio (1986). *Literatura e Vida Nacional*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- GUERRA, Lemuel (2002). *A metáfora do mercado e a abordagem sociológica da religião*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 22(2): 135-166.
- GUSMÃO, Eduardo Henrique A. de (2005). *Ritual, cura e experiência na Igreja Universal do Reino de Deus*. Dissertação de Mestrado. UFPE. Recife.
- HERVIEU-LÉGER, Daniele (1997). *Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? Religião e Sociedade*. Volume 1, número 18. Rio de Janeiro, Ed. Vozes.
- HOBSBAWM, Eric (1995). *Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914-1991*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras.

- HOUTART, François (2003). Mercado e Religião. São Paulo. Ed. Cortez.
- KUNG, Hans (2004). Religiões do Mundo, Ed. Verus.
- LEACH, Edmund (1983). O Nascimento Virgem. Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal. Coleção Grandes Cientistas Sociais. SP. Ed. Ática.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1996). Antropologia Estrutural. RJ, Ed. Tempo Brasileiro.
- _____ (1993). Antropologia Estrutural II. RJ, Ed. Tempo Brasileiro.
- LÖWY, Michael (2000). A Guerra dos Deuses: Religião e política na América Latina. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes.
- MACHADO, Maria das Dores C. & MARIZ, Cecília L. (2000). Progressistas e Católicas Carismáticas: Uma análise de discurso de mulheres de CEB's na atualidade brasileira. Praia Vermelha. Estudos de Política e Teoria Social 2(3): 8-21. [11].
- _____ (1997). Mulheres e a prática religiosa nas camadas populares; uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos. Revista Brasileira de Ciências Sociais 12(34):71 – 87.
- MACHADO, Maria das Dores C. (1996). Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas, Ed. Autores Associados.
- MAFRA, Clara (2003). A Habitação do Morro: impressões de moradores de duas favelas do Rio de Janeiro sobre religião e espaço público. Religião e Espaço Público, BIRMAN, Patrícia (org.). 1ª Edição. São Paulo. Ed. ATTAR
- MAGNANI, José Guilherme Cantor (1984). Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na idade. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- _____ (2002), "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17 (49), jun., São Paulo.
- MALINOWSKI, Bronislaw (1984). Os argonautas do pacífico ocidental. São Paulo. Victor Civita.
- MARIZ, Cecília L. (2006). Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. As Religiões no Brasil. Continuidades e rupturas. TEIXEIRA, Renato & MENEZES, Renata. Petrópolis, Ed. Vozes.
- _____ (mimeo). De Volta à Dança do Sincretismo: Um diálogo com Pierre Sanchis. Pp. 01 – 13.
- _____ (2003). A Renovação Carismática Católica: uma igreja dentro da Igreja? Civitas. Porto Alegre, v. 03, nº 01, junho, pp. 169 – 186.
- _____ (2001). Secularização e Dessecularização: comentários a um texto de Peter Berger. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, pp. 25 – 39.

- MARIZ, Cecília L. & MACHADO, Maria das Dores C. (1994). Sincretismo e Trânsito Religioso: Comparando Carismáticos e Pentecostais. Com. do ISER 45, RJ; 25-34.
- _____ (1998). Mudanças recentes no campo religiosos brasileiro. *Antropolítica: revista contemporânea de antropologia e ciência política*, UFF. Niterói, Ed. EdUFF.
- MARTÍN, Eloísa (2003). De Marias e Luizes: experiências devocionais e de gênero numa festa mariana. *Civitas* (Porto Alegre), Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 207-222.
- MARZAL, Manuel M. (2000). Meio Século de Pesquisa Religiosa no Peru, in Roberto Cipriani, Paula Eleta & Arnaldo Nesti (orgs.), *Identidade e Mudança na Religiosidade Latino-Americana*, Petrópolis, Ed. Vozes, p. 57 - 76.
- MAUÉS, Raymundo H. (1998). O leigo católico no Movimento Carismático em Belém do Pará, in XXII Enc. Anual da ANPOCS, GT 'Religião e Sociedade', Caxambu, MG.
- _____ (1995). Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico. Ed. Cejup.
- MAUSS, Marcel (2003). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo. Cosac & Naify.
- MEDEIROS, Bartolomeu Figueirôa de (1987). Nossa Senhora do Carmo do Recife: A brilhante senhora dos muitos rostos – E Sua Festa. Dissertação de Mestrado, UFPE, Recife.
- MENDONÇA, João Hélio (1986). A festa de Nossa Senhora da Conceição no Morro de Casa Amarela. *Ciência & Trópico*, Recife, v.14, n. 2, p.157-181.
- MEZAN, Renato (1988). *Psicanálise, judaísmo: ressonâncias*. Campinas, Ed. Escuta,
- MIRANDA, Júlia (1999). *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso no político*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar.
- MOTTA, Roberto (mimeo). Transe du corps et transe de la parole dans lê religions syncrétiques du nordest du Brésil. *Cahier de L'imaginaire*, L' Harmattan, no. 7 et 8, 47-62.
- NOVAES, Regina Reyes (2002). Juventude e Religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas in Pierre Sanchis (org.), *Fiéis e Cidadãos, Percursos do Sincretismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. UERJ, p. 181-207.
- _____ (1992). Uma Greve Sacramental: a Catolicidade no fio da navalha. Sanchis, Pierre (org.) in *Catolicismo: Cotidiano e Movimentos*. ISER. SP, Ed. Loyola.
- OLIVEIRA, Maria Marly (2003) *Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses*. Recife. Edições Bagaço.
- PACHECO, D. Felipe Condurú (1957). D. Luís de Brito. O primeiro arcebispo de Olinda. Vol. 3 – Fase PE. Rio de Janeiro.

- PARKER, Cristián G. (2000). Seita: um conceito problemático para o estudo dos novos movimentos religiosos na América Latina, in Roberto Cipriani, Paula Eleta & Arnaldo Nesti (orgs.), *Identidade e Mudança na Religiosidade Latino-Americana*, Petrópolis, Ed. Vozes, p. 77 - 94.
- PIAULT, Marc Henri (2003). A questão do sentido: Por um caminho incerto entre crer e saber. *Religião e Espaço Público*, BIRMAN, Patrícia (org.). 1ª Edição. São Paulo. Ed. ATTAR.
- PIERUCCI, Antonio Flávio (2004). Secularização e declínio do Catolicismo. *Sociologia da Religião e Mudança Social*. São Paulo. Ed. Paulus.
- _____ (1996). Liberdade de cultos na sociedade de serviços – em defesa do consumidor religioso. *Novos Estudos Cebrap*, nº. 44, março.
- _____ (2006). Cadê nossa diversidade religiosa? Comentários ao texto de Marcelo Camurça. *As Religiões no Brasil. Continuidades e Rupturas*. TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). Petrópolis, Ed. Vozes.
- PRANDI, Reginaldo & SOUZA, André Ricardo de (1996). A carismática despolitização da Igreja Católica, in Antônio Flávio Pierucci & Reginaldo Prandi, *A Realidade das Religiões no Brasil. Religião, Sociedade e Política*. São Paulo, Ed. Hucitec/Deptº. de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, p. 59 – 91.
- PRANDI, Reginaldo (1997). Um Sopro do Espírito: a Renovação Conservadora do Catolicismo Carismático. São Paulo, Ed. EDUSP.
- QUÉRETTE, Leticia Loreto (2007). A Virgem Maria também apareceu em Pernambuco. Um estudo antropológico do Santuário de Nossa Senhora das Graças na Aldeia Grande, em Cimbres (Pesqueira – PE). Recife, Ed. UFPE.
- REESINK, Mísia Lins (2007). Pour une perspective concentrique du Catholicisme Brésilien. *Social Compass Leuven*, v. 54, n. 1, p. 315-333.
- _____ (2005). A Antropologia, os católicos e a noção de Deus. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 11-38.
- ROLIM, Francisco Cartaxo (1992). Teologia da Libertação no Brasil (1980-1986). Sanchis, Pierre (org.) in *Catolicismo: Cotidiano e Movimentos*. ISER. SP, Ed. Loyola, p. 09 - 67.
- SANCHIS, Pierre (2002). Religiões, Religião... Alguns problemas do Sincretismo no campo religioso brasileiro, in Pierre Sanchis (org.), *Fiéis e Cidadãos. Percursos do Sincretismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. UERJ, p. 09 – 57.
- _____ (1997) O campo religioso brasileiro. Oro, Ari & Steil, Carlos Alberto (orgs.) *Globalização e Religião*. Petrópolis, Ed. Vozes.
- SEGATO, Rita Laura (1997). Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização. *Globalização e Religião*. ORO, Ari P. & STEIL, Carlos A. (orgs.). Petrópolis, Ed. Vozes.

- SEGATO, Rita Laura (2003). As duas Virgens brasileiras: local e global no culto mariano. *Teoria & Sociedade*, número especial, maio, pp. 76 – 95.
- SILVA, Severino Vicente da (2006). Entre o Tibre e o Capibaribe: os limites da Igreja Progressista na Arquidiocese de Olinda e Recife. Recife, Ed. UFPE.
- SIMMEL, Georg (1964). *Conflict and the web of group-affiliations*. New York, Free Press.
- SOSIS, Richard (2005). O valor do ritual religioso, in *Revista Viver Psicologia*, nº 147, ano XIII, Abril de 2005, p. 39 - 47.
- SOUZA JÚNIOR, Edvaldo Vieira de (2006). A Igreja Progressista no Recife: limites e possibilidades das ações das CEB's. Recife-PE, 1973 a 1985. Dissertação de Mestrado em História. Recife, UFPE-CFCH.
- STARK, R. & IANNACCONE, L. R. (1994). A supply-side reinterpretation of the secularization in Europe. *Journal for the Scientific Studies of Religion*, 4: 230-252.
- STEIL, Carlos Alberto (2002). Aparições Marianas contemporâneas e Carismatismo Católico, in Pierre Sanchis (org.), *Fiéis e Cidadãos, Percursos do Sincretismo no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. UERJ, p. 117 – 146.
- _____ (2004). Renovação Carismática Católica: porta de entrada ou de saída do Catolicismo? Uma Etnografia do Grupo São José, em Porto Alegre (RS). *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 24(1): 11-36.
- _____ (1996). O Sertão das Romarias. Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa. Ed. Vozes.
- TEIXEIRA, Faustino (org.) (2003). *Sociologia da Religião. Enfoques Teóricos*. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes.
- _____ (2005). Faces do Catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*, nº 67, pp. 14-23, set/nov. São Paulo. Ed. EdUSP.
- THEIJE, Marjo de (2001). Tudo que é de Deus é Bom. Uma Antropologia do Catolicismo Liberacionista em Garanhuns, *Brasil*. Recife, Ed. FUNDAJ.
- _____ (2001b). Da “religião popular” ao “religioso” e à “ordem religiosa”, ou como conceptualizar o catolicismo na prática. *Revista Antropológicas*, UFPE, Recife, Ano VI, n. 01.
- _____ (2003). "São metade macho, metade fêmea". *Revista Antropológicas*, Recife, v. 13, n. 2, p. 47-56.
- _____ (2006) Religião e transformações urbanas em Recife, Brasil. *Ciencias Sociales y Religión*, v. 8, p. 63-84.
- _____ (2003) Gênero de aparições marianas no Brasil contemporâneo. In: Carlos Steil; Cecília Loreto Mariz; Mísia Lins Reesink. (Org.). *Maria entre os vivos. Reflexões*

teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre: NER / UFRGS Editora, 2003, v 2, p. 37-49.

TURNER, Victor (1967). *The Forest of Symbols. Aspects of Ndembu Ritual*. London, Ed. Cornell University.

VELOSO, Pe. Reginaldo (1989). *Eis aí Tua Mãe. Lembrança do Morro da Conceição*. 2ª Ed. Recife, Comp. Ed. De Pernambuco (CEPE).

VERTER, Bradford (2003). *Spiritual Capital: theorizing religion with Bourdieu against Bourdieu*. Washington: American Sociological Association (Sociological Theory 21).

WEBER, Max (1991). *Sociologia da Religião. Economia e Sociedade*. Vol. 1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

_____ (1989). *Conceitos básicos de Sociologia*. Brasília. Ed. UNB.

_____ (2002). *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro. Ed. LTC.

→ Mídia:

- Hélder Câmara. *O Santo Rebelde*. Produção de Andréia Glória e Érika Bauer. Brasília, DF: Cor Filmes, 2004. DVD (73 min.), son., color.
- Peça Teatral: *Conceição*. Grupo experimental. 2007. Dir. Mônica Lira. FUNARTE

→ Periódicos:

- BRIGA EM NOME DE DEUS. *Veja*. São Paulo, Ed. Abril, Nº. __, Ano 26, p. 69, abril 1990.
- CARDOSO SOBRINHO, D. José. *A Imaculada Conceição*. *A Mensagem Católica*, Recife, PE, Ano XII, nº. 142, p. 6-7, dez. 2006.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES. Maio de 1999.
- DAWKINS, Richard. *O Aiatolá dos Ateus*. *Super Interessante*, São Paulo, Ed. Abril Nº. 242, p. 86, ago. 2007. Ed. Abril.
- FERREIRA, Laurien. *A Guerra Santa no Morro da Conceição*. *Veja*. São Paulo, Ed. Abril, Nº. 43, Ano 26, pp. 4-7, nov. 1990.
- HOMENAGENS A NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO SEGUEM SEM TUMULTO. *Jornal do Comercio*, on line. 09 dez. 2006.
- IGREJA REFAZ PROJETO PARA CONSTRUÇÃO DE SANTUÁRIO. *Jornal do Comercio*, Recife, 05 dez. 2006. Cidades, p. 3.
- MARCHA DE CATÓLICOS EXIGE A VOLTA DE PADRE. *Jornal do Comercio*, Recife, 04 dez. 2006. Segunda Capa, p. 2.
- MANZATTI, Marcelo. *O Futuro das Religiões*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 maio 2006. *Cultura e Sociedade*.
- TAVARES, Fabíola & Lúcia, Nara. *O Pastor sem Rebanho*. *Jornal do Comercio*, Recife, 06 dez. 1998. *Cidades/Ciência/Meio Ambiente*, p. 1-4.
- TERÇO DOS HOMENS FAZ REFERÊNCIA A SANTA. *Jornal do Comercio*, Recife, 07 dez. 2006. *Cidades*, p. 3.

ANEXOS

- Imagens



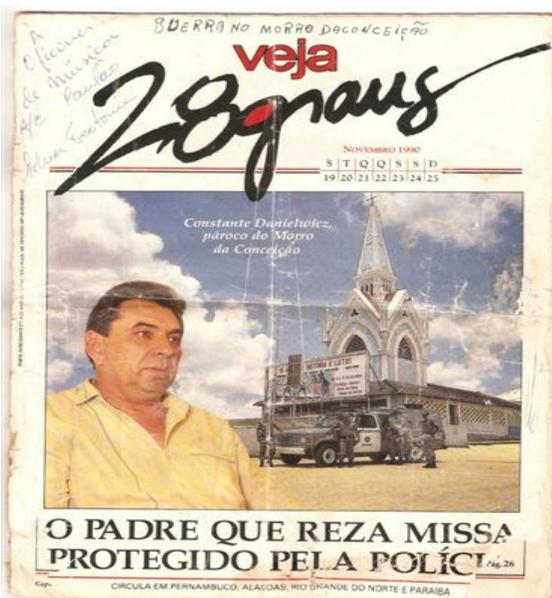
(Pátio posterior à Igreja onde se localiza a imagem – Acervo pessoal)



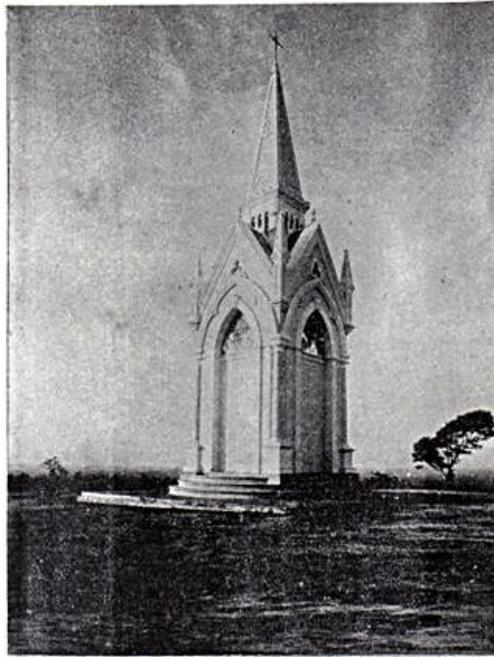
(Imagem da Santa da Conceição – Acervo Pessoal)



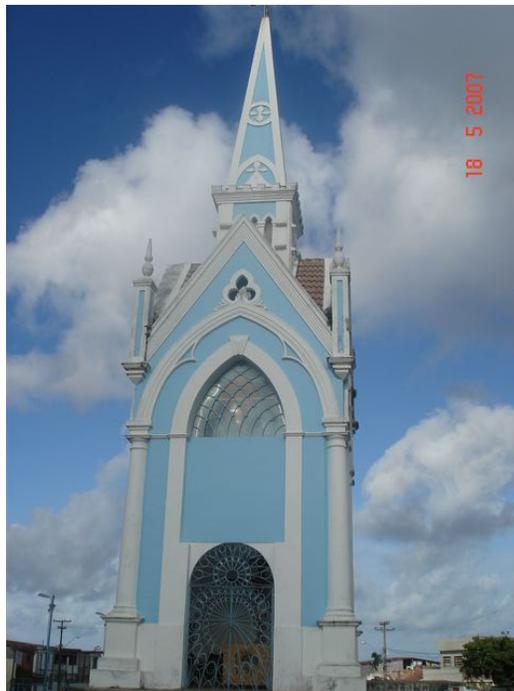
(faixa de protesto – 1990 – Acervo pessoal)



(Foto do antigo Galpão que fora construído em torno da Torre).



Capella do Morro da Conceição — Arrayal
(Torre – década de 1930 - Acervo: FUNDAJ)



(Torre – 2007 – Acervo pessoal)



(Pátio onde se localiza a imagem – década de 1930 – Acervo Fundaj).



(Igreja de Resistência e Fé/Sede da Comunidade Imaculada Mãe de Deus).



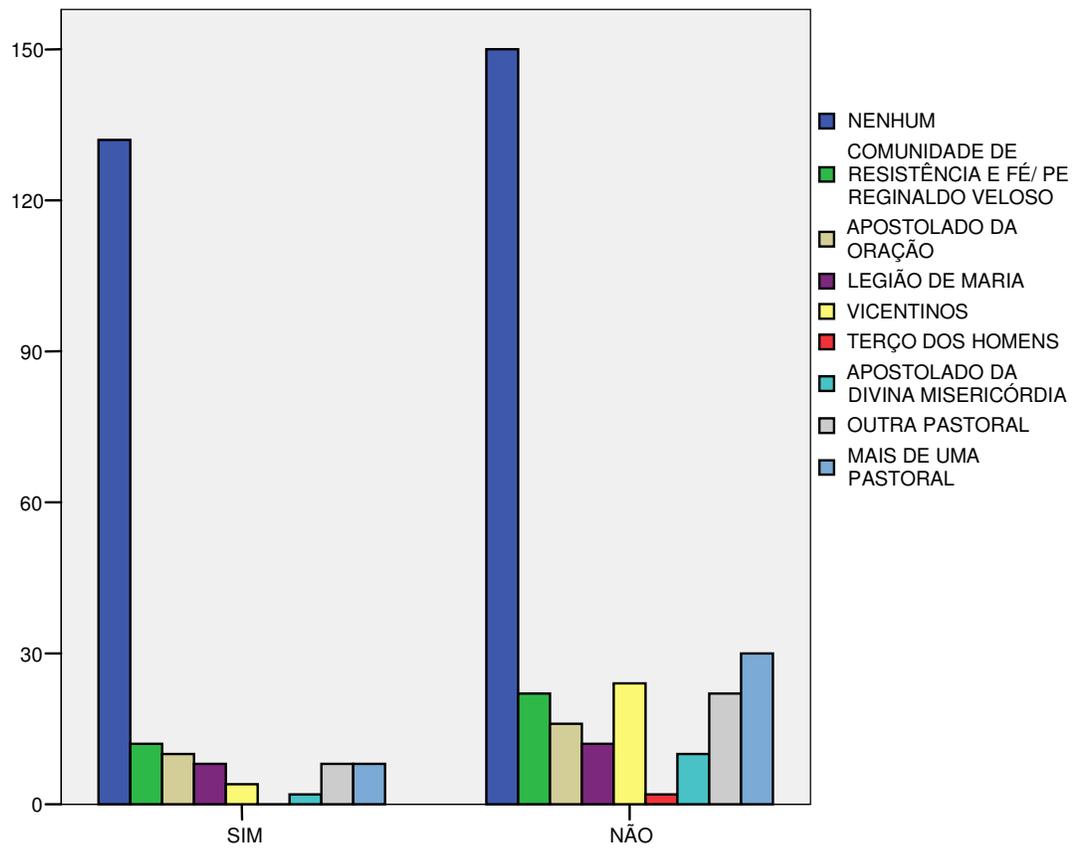
(Foto posterior a reforma que construiu o teto em forma de asa-delta e manteve a entrada voltada para a antiga Torre).



(Foto da maquete do novo santuário em 2007, que depois voltou a ser modificada).

- Gráficos e Tabelas resultantes do programa SPSS

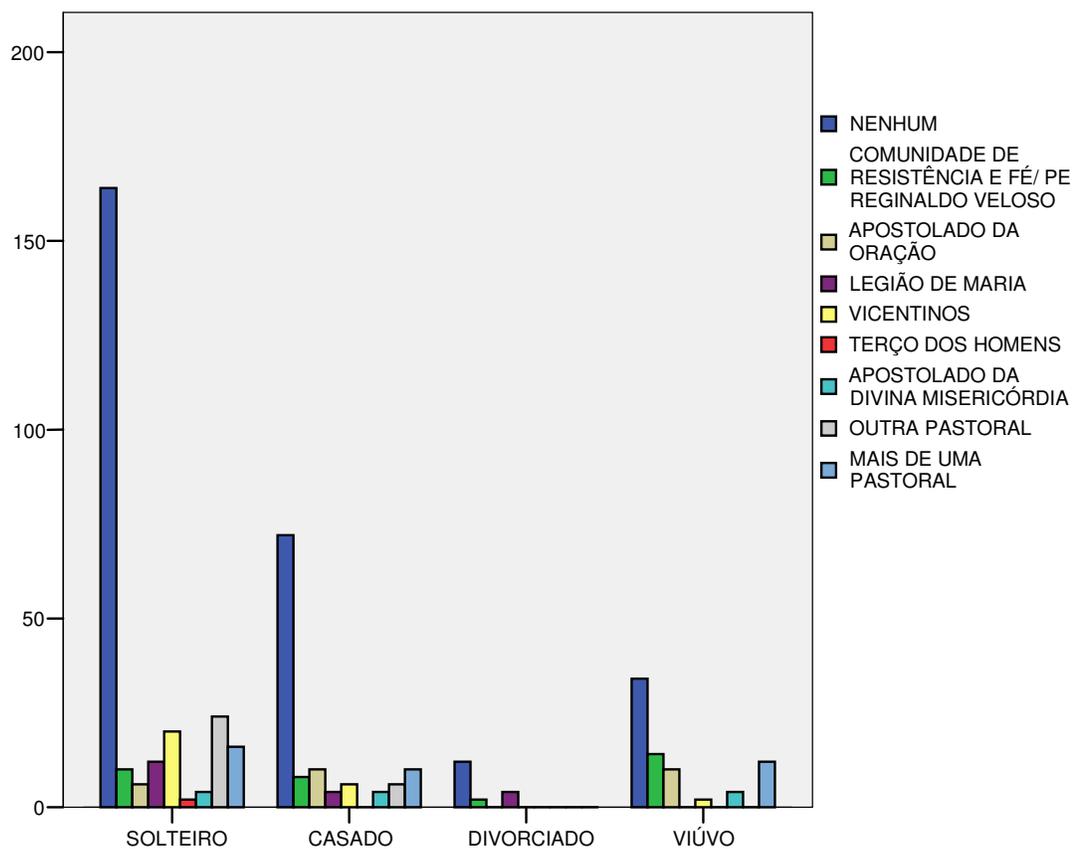
- Gráfico 1: relação entre grupos e ocupação remunerada



- Tabela 1: composição dos grupos quanto a faixa etária

Idade	Nenhum grupo	C.R.F.	A.O.	L.M.	VIC.	T.H.	A.D.M	Outra Pastoral	Mais de um Grupo	Tt.
10 a 17 ANOS	38	0	2	8	12	0	0	14	0	74
18 a 24 ANOS	40	0	0	0	6	0	0	2	0	48
25 a 30 ANOS	26	0	0	0	0	0	0	0	0	26
31 a 40 ANOS	46	8	2	0	2	0	2	2	2	64
41 a 50 ANOS	42	0	0	2	2	2	4	8	12	72
51 a 60 ANOS	32	6	2	6	0	0	4	4	12	66
61 a 70 ANOS	40	10	8	2	6	0	2	0	8	76
ACIMA DE 71 ANOS	18	10	12	2	0	0	0	0	4	46
Total	282	34	26	20	28	2	12	30	38	472

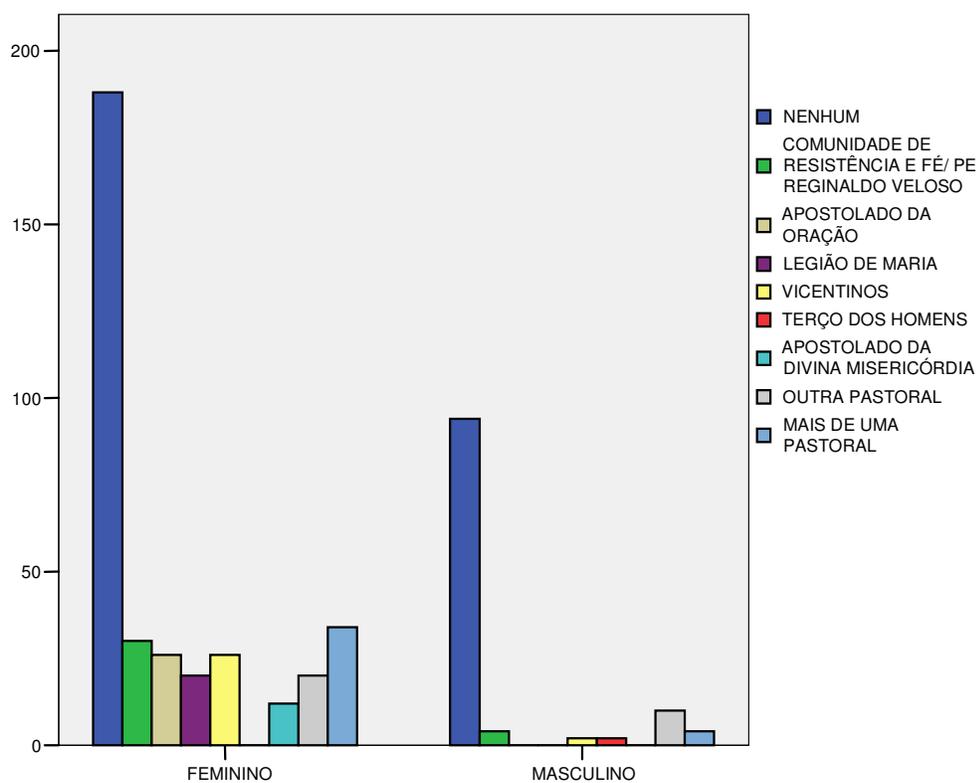
- Gráfico 2: relação de grupos com estado civil



- Tabela 2: relação da participação geral em grupos a partir da variável gênero

	Frequência Geral	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
FEMININO	356	75,4	75,4	75%
MASCULINO	116	24,6	24,6	25%
Total	472	100,0	100,0	100%

- Gráfico 3: relação da participação geral em grupos a partir da variável gênero



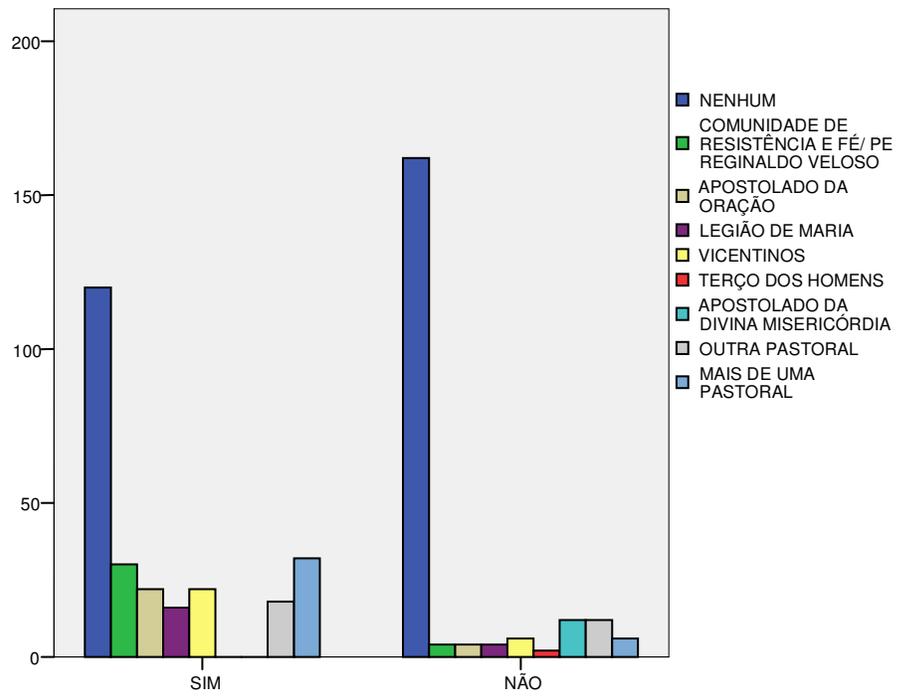
- Tabela 3: relação da participação em grupos com o nível de escolaridade

Escolaridade/Participação em Grupos		VOCÊ PARTICIPA DE ALGUM GRUPO CATÓLICO? QUAL?									Tt.
		N	C.R.F.	A.O.	L.M.	VIC.	T.H.	A.D.M	Outra Pastoral	Mais de Um Grupo	
GRAU ESCOLAR	NENHUM	10	0	6	2	4	0	4	0	0	26
	SABE LER E ESCREVER	12	2	4	4	2	0	0	2	6	32
	1ª A 4ª SÉRIE	44	12	6	2	2	0	6	0	10	82
	5ª A 8ª SÉRIE	68	14	6	8	8	0	2	10	8	124
	ENSINO MÉDIO INCOMPLETO	46	2	0	0	0	0	0	12	4	64
	ENSINO MÉDIO COMPLETO	78	4	4	2	12	2	0	6	8	116
	GRADUAÇÃO COMPLETA	4	0	0	2	0	0	0	0	0	6
	GRADUAÇÃO INCOMPLETA	20	0	0	0	0	0	0	0	2	22
Total	282	34	26	20	28	2	12	30	38	472	

- Tabela 4: relação de participação em grupos e habitação no Morro da Conceição

		VOCÊ PARTICIPA DE ALGUM GRUPO CATÓLICO? QUAL?									Tt.
		N	C.R.F.	A.O.	L.M.	VIC.	T.H.	A.D.M.	Outra Pastoral	Mais de um Grupo	
MORA NO MORRO?	SIM	120	30	22	16	22	0	0	18	32	260
	NÃO	162	4	4	4	6	2	12	12	6	212
Total		282	34	26	20	28	2	12	30	38	472

- Gráfico 4: relação entre participação em grupos e habitação no Morro da Conceição



- Entrevistas (roteiro semi-pautado)

- Desde quando você vem trabalhando aqui na Igreja Católica e na comunidade?
- Você mora aqui na comunidade ou em outro local?
- Sobre os grupos existentes, como você participa? Coordena algum desses grupos?
- Sobre padre Josivan Sales, como analisa-lo em sua administração? Estar melhorando? Há dificuldade de relacionamento com os grupos?
- Os grupos são independentes ou tem um controle maior?
- Temos no Morro da Conceição o episódio bastante delicado do afastamento de padre Reginaldo Veloso. O que você pensa sobre o assunto? O que mudou na comunidade?
- Você conhece a Igreja de Resistência e Fé? Você participa dela? Você tem amigos nela?
- Você acha que as pessoas que costumam vir ao morro, vêm mais pela igreja e suas atividades ou principalmente pela questão da devoção a Nossa Senhora da Conceição?
- Você acha que essa reforma, a construção do santuário, vai trazer benefícios mais para igreja ou para a comunidade?
- Com relação a Nossa Senhora da Conceição, como Ela observaria essas questões:
 - 1) A mudança que houve na própria igreja com relação às lideranças?
 - 2) Como Ela viu o afastamento do antigo pároco?
 - 3) o que Ela pensaria sobre o distanciamento dos grupos?
 - 4) No que o santuário irá Beneficiá-la?

- Questionário submetido ao SPSS (modelo)

PESQUISA: Comunidade Católica do Morro da Conceição.

V_1. Questionário Nº. _____

V_2. Nome: _____

V_3. Sexo: 1.() Feminino – 2.() Masculino

V_4. Idade

1. () de 10 a 17 anos	5. () de 41 a 50 anos
2. () de 18 a 24 anos	6. () de 51 a 60 anos
3. () de 25 a 30 anos	7. () de 61 a 70 anos
4. () de 31 a 40 anos	8. () acima de 71 anos.

V_5. Qual seu estado civil?

1. () Solteiro	3. () Divorciado
2. () Casado	4. () Viúvo

V_6. Você tem filhos? 1. () Sim – 2. () Não

V_7. Qual o seu grau de escolaridade?

0. () nenhum	4. () Ensino Médio incompleto
1. () sabe ler e escrever	5. () Ensino Médio completo
2. () da 1ª a 4ª série	6. () Graduação incompleta
3. () da 5ª a 8ª série	7. () Graduação completa

V_8. Você possui ocupação remunerada? 1. () Sim – 2. () Não

V_9. Você mora no Morro da Conceição? 1. () Sim – 2. () Não

V_10. Você participa de algum grupo católico? Qual?

0. () Nenhum	6. () Apostolado da Divina Misericórdia
1. () Comunidade de Resistência e Fé/ Pe. Reginaldo Veloso	7. () Renovação Carismática Católica
2. () Apostolado da Oração	8. () Pastoral da Saúde
3. () Legião de Maria	9. () Pastoral da Família
4. () Vicentinos	10. () Pastoral do Dízimo
5. () Terço dos Homens	11. () Pastoral (outras) _____

- Organograma da paróquia (Igreja Oficial)

